

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC

FIC

Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

CADERNO DE
DRAMATURGIA DA TURMA
F19


14

JUNHO_JULHO2021



**Mostra FIC
de Processos e
Experimentos**

Programa Fundação das Artes FIC



OS CADERNOS
ACADÊMICOS
SÃO
PUBLICAÇÕES
QUE
REGISTRAM
PROCESSOS E
EXPERIMENTOS
CULTURAIS E
ARTÍSTICOS
ELABORADOS
NOS CURSOS
DO PROGRAMA
FUNDAÇÃO DAS
ARTES FIC.



Volume 14: **Caderno de Dramaturgia da Turma F19**

CADERNOS DO PROGRAMA FUNDAÇÃO DAS ARTES FIC. Caderno de Dramaturgia da Turma F19. São Caetano do Sul: FASCS. V. 14, jun./2021.

O acervo disponível para consulta neste volume, composto de obras desenvolvidas pelos estudantes dos cursos do Programa Fundação das Artes FIC, foi disponibilizado tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo desta publicação, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Esta é a versão acadêmica, lançada em junho de 2021. A Fundação das Artes poderá editar novamente e relançar o caderno como parte da produção artístico-acadêmica posteriormente.



APRESENTAÇÃO

O curso de dramaturgia do Programa Fundação das Artes FIC tem como intenção inicial proporcionar uma introdução de conceitos dramáticos à interessados de São Caetano do Sul e região.

O curso foi dividido em 03 módulos ministrados pelos professores Diego Cardoso, Diogo Noventa e Lígia Souza. Organizado a partir dos três gêneros da escrita: épico, lírico e dramático, os dramaturgos aprendizes foram convidados a experimentarem a escrita em espaços diversos, na relação com questões sociais, subjetivas e da linguagem.

Junto com os experimentos relacionados aos gêneros, cada um e cada uma desenvolveu ao longo do curso um texto autoral que partiu de questões, temas, formas e linguagens de interesse de cada aprendiz. Estes textos estão reunidos neste caderno, um esforço criativo que revela a capacidade heterodoxa da dramaturgia contemporânea em lidar com temas diversos que nos



atravessam. Essa pluralidade de experimentações e ênfases pode ser notada nas 13 dramaturgias aqui reunidas. São materiais diversos que, a partir da pulsão dos participantes, foram desenvolvidos no Laboratório de Escrita conduzido pelos 03 professores.

Validar a escrita aqui apresentada é também se posicionar diante à condição perpétua do dramaturgo: eterno aprendiz das experiências e leitor diário do mundo. A formação só começou, e o trajeto, a passagem, o percurso, pode ser observado nessas páginas, que agora encontrarão seus possíveis leitores.

Boa leitura!

Diego Cardoso

Diogo Noventa

Lígia Souza

TEXTOS | F19



MARIAS - Maria Cecília Amaral

(roteiro de performance) - Luís Ramos

BECA - Matheus Dantas

NO TREM – Mayara Araujo Torres

TAG – Quem está no controle? - Nathália Pastorelli

SEU GRITO - Natiele Fontana

GERAÇÕES - Regiane Maria

DESALINHO - Rodrigo César

DE HOMEM PRA HOMEM - Tércio Emo Gomes

MARINAR – Thaís Oliveira

OS GRANDES PEQUENOS GUERREIROS DE ITÉ - Vitor Cogo

CAVALO-MARINHO - Wallace Dutra

O PATRIARCA – Willian Maia

SINOPSES



MARIAS - Maria Cecília Amaral

As histórias das Marias se misturam e se fundem num só DNA. O espaço-tempo é um só, porque os corpos guardam registros internos que gravuras e letras não são capazes de contar. Maria pariu! Maria é mãe! Maria é filha! Maria é neta! Maria é avó! Maria é mulher! Maria é uma sobrevivente do sistema psiquiátrico de extermínio de memórias e histórias.

(roteiro de performance) - Luís Ramos

Esse roteiro de performance é baseado nos escritos e práticas da cnv. A ideia é promover conexão em tempos pandêmicos. A performance é feita para uma pessoa só, dentro de uma cozinha real e tenta mostrar como a cnv pode ser na prática. Os interagentes são convidados a se vulnerabilizarem, comerem e estarem juntos.

BECA - Matheus Dantas

BECA conta a história de uma criança órfã que vai morar em um novo abrigo. Ela mostra às crianças sobre seu álbum de fotos e conta histórias dos lugares que passou, mas elas começam a desconfiar que nem tudo seja como Beca diz.



NO TREM – Mayara Araujo Torres

NO TREM mostra um mundo distópico imerso em propaganda. Os personagens vão expondo gradativamente qual a lógica vigente.

TAG – Quem está no controle? - Nathália Pastorelli

Ana é uma jovem estudante, buscando aceitação de seus pais e das pessoas ao seu redor. Em meio às dificuldades e insatisfações do dia a dia, ela se depara com uma nova amiga, a Ansiedade. Agora, Ana tem que decidir se toma o controle ou se deixa a Ansiedade controlar sua vida.

“SEU GRITO” - Natiele Fontana

Seu Grito conta a história de Maria Conceição, uma história de muita dor e violência, desde olhares maliciosos na infância até males causados pelo seu amor. Sua voz faz ressoar as vozes de muitas mulheres, evoca a luta e a resistência, denuncia e cura. Após tanta dor e sofrimento, o que resta para nós mulheres? Quais caminhos e possibilidades podem surgir? Há amor pós-guerra? Maria Conceição livrou-se da violência e do cárcere para tornar-se pássaro.



GERAÇÕES - Regiane Maria

GERAÇÕES conta uma breve história de três mulheres de gerações diferentes que dentro de seu período de tempo sofreram por serem mulheres e quererem muito mais que lhe eram permitidos. Que mesmo em tempos atuais ainda se deparam com preconceito, sexismo e abuso de poder, em um mundo patriarcal e machista e que ainda insiste em minimizar as mulheres de todas as formas e maneiras.

DESALINHO - Rodrigo César

DESALINHO versa, num ambiente onírico (ou talvez febril, mas, com estado alterado de consciência, é certeza) sobre as tentativas de ajustamento diante das violências sutis e escancaradas, no campo afetivo, familiar e profissional de um homossexual. É uma peça que almeja um final feliz, é importante dizer isto.

DE HOMEM PRA HOMEM - Tércio Emo Gomes

Um espetáculo com vários momentos diferentes de ações masculinas. Cada cena um novo momento. Do exagero ao sem sentido. Cada cena entramos em um micro universo de possibilidades absurdas. E de como algo irreal pode ser bem real.



MARINAR - Thata Stark

MARINAR é uma técnica culinária que consiste em temperar carne ou peixe. Mas também pode ser o encontro de duas mulheres, porém uma delas é canibal.

OS GRANDES PEQUENOS GUERREIROS DE ITÉ - Vitor Cogo

Ité é um lugar da costa atlântica africana, vamos acompanhar a história de duas crianças: Mica e Lekan. Eles terão que se aventurar entre orixás, mistérios e esafios para encontrar o fogo perdido sagrado e salvar a vila de Ité da ira de Xangô.

CAVALO-MARINHO - Wallace Dutra

CAVALO-MARINHO mostra um encontro de sexo casual entre dois homens – um transgênero e outro cisgênero. Tanto o cenário quanto os desejos das personagens são aos poucos desvelados: enquanto um deseja ficar grávido e ter uma criança, outro deseja um relacionamento monogâmico, e, ao mesmo tempo, tentam provar a sua própria macheza, e lidar com a masculinidade frágil, sua e do outro.



O PATRIARCA – Willian Maia

O PATRIARCA relata as relações familiares em meio a pandemia. JACÓ, sua esposa PANDORA e seus filhos, AMNOM e A MENINA. Jacó é resultado de uma geração patriarcal e machista, Pandora mãe e esposa resiste e suporta o relacionamento para proteger os filhos e realizar seu grande sonho.

MARIAS

Maria Cecília Amaral

CENA 1 – NO INÍCIO A TERRA SE FEZ.

O palco está escuro. Uma figura (atriz 1) entra com um capuz, toca o tambor e começa a falar. Uma mulher (atriz 2) está no centro do palco abaixada agonizando, com respiração ofegante e sufocada. Conforme a mulher entra em parto, é projetado ao fundo a imagem de Pachamama. A imagem projetada se funde no corpo da mulher em cena. A atriz 1 interpretará a Paciente 3, e a atriz 2 interpretará a Paciente 6, posteriormente.

ATRIZ 1: E no princípio, a mãe Terra pariu. Dores de pranto e agonia, a sua imagem e semelhança. Do seu ventre esculpiu! *(a luz vai revelando a figura de uma mulher que vai sendo “parida” em cena).*

ATRIZ 2: Aeuuuuunãiconsihhhhhhhhhhhgoooooooooooo ahhhhhhhhhhh.

(Grito de parto) Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh... É um partoooooooooooooo, partoooooooooooooo, parto! prapoderfalaréumpartooooooooooooo, partoooooooooo, parto! *(respiração ofegante)* Nasceu, nasci, nascemos... mulher!

A iluminação cênica revela a figura de uma mulher “nascendo” no palco.

ATRIZ 1: Mulher, palavra que tem a etimologia que vem do latim “mulierem”, descrita nos dicionários como ser humano do sexo feminino.

Enquanto se levanta devagar a mulher (atriz 2) vai falando e vestindo uma crinolina feita com espinhos/arame farpado. Depois repete a palavra “mulher” várias vezes com diferentes entonações, como se estivesse lembrando as formas que as mulheres são tratadas, chamadas no dia-a-dia.

ATRIZ 2: A figura da mulher compreende historicamente a desvalorização, preconceito e submissão. Mulherrrrrrr! Ôh mulher!!! Mulher venha cá! Mulher! Eh mulher! Mulher... Ah mulher!

A atriz 1 fala e se aproxima da mulher colocando-lhe uma coroa de espinhos

ATRIZ 1: Crucificada todos os dias

ATRIZ 2: Sou Maria, Joana, Ester, Mariana, Gabriela, Marielle, Presente! Sâmia, Amália, Izabel, Bruna, Helena, Cristina, Natalia, Isa, Pena, Pena, Pena...

A mulher é chicoteada e tem dificuldade para falar

ATRIZ 1: Pena que o mundo não tem, judia, judia, judia...

ATRIZ 2: Forçando uma luta constante para demonstrar a sua capacidade e adquirir direitos que lhe correspondem na busca da igualdade.

Entre uma fala e outra, a Atriz 1 coloca na Atriz 2 etiquetas com os textos: “reprodutora”, “mão de obra barata”, “legalização do estupro”, “Homicídio autorizado”. Outra atriz, com uma câmera e uma placa de mídia sensacionalista, filma a ação em tempo real, e os textos das etiquetas são projetados no telão ao fundo.

ATRIZ 1: Nos conferiram rótulos! Nos precificaram! Nos invadiram! Nos mataram!

Atriz 2 grita para o público com orgulho

ATRIZ 2: Mulher! Eh mulher, oh mulher... Ah mulher. Quando finalmente a gente percebe a grandeza que tem em ser mulher, a maior beleza reside em sermos

nós: sementes de resistência e amor. (*Canta na melodia do refrão de “Aquarela do Brasil”*) Mulher, Mulher, Mulher, Mulher...

Coro entra cantando uma música com a melodia da estrofe de “Aquarela do Brasil”

CORO: Olha há beleza na resistência. / Na voz que sábia enfrenta. / Desigualdade e machismo. / Opressão regularizada. / Séculos de Dores acumuladas. / Por mim, por elas, por vocês. / Seguiremos (r) existindo.

ATRIZES e CORO: (*cantando e sambando*) Mulher, Mulher, Mulher, Mulher...

CENA 2 – 1918 - MARIA NASCE...

Enquanto isso, todas saem de cena, e ficam ao fundo: Avó parteira e Mulher Filha dando à luz. A avó traz uma manta feita de retalhos nos ombros.

AVÓ: É uma menina! Uma menina!

Avó saí do personagem e fala para o público:

AVÓ: 1918! No ano de 1918 nasceu Maria, minha neta. Mas também foi nesta mesma data que perdi minha filha. Dizem que uma criança traz alegria para casa...

MULHER: (*em último suspiro ergue a bebê*) Se chamará Maria! Como sua mãe, sua avó e as mulheres de nossa família. Aquela que sabe amar!

AVÓ: (*fala para o público*) Mas nascer pobre, menina e órfã, sem uma mãe, nem pai para criar, não pode ser motivo para comemorar...

AVÓ: *(fala para Mulher)* Minha filha! Maria! Maria acorda! Filha... Não faz isso comigo menina... Maria...

A avó pega a criança das mãos da mãe falecida.

AVÓ: Minha criança, não chore. Sua mãe está contigo, assim como eu também estarei com você.

Avó envolve a criança na manta e sai. Entra o coro cantando ciranda. Maria já cresceu e faz parte do coro.

CORO: Ciranda, cirandinha. Vamos todos cirandar. Vamos dar a meia-volta. Volta e meia, vamos dar. O anel que tu me deste. Era vidro e se quebrou. O amor que tu me tinhas. Era pouco e se acabou. Por isso Dona Chica. Entre dentro dessa roda. Diga um verso bem bonito. Diga adeus e vá-se embora *(Todos saem. Maria fica sentada no chão com uma boneca em uma das mãos e um graveto na outra desenhando uma flor).*

AVÓ: Maria!! *(Maria desenha)* Eh Maria!! Maria aonde você se meteu menina? *Se aproxima e vê o desenho no chão*

AVÓ: Ah você está aí! Mas menina, o quê que você está fazendo? Eu já não lhe falei que esse negócio de rabiscar gravura, letra... isso aí não é pra gente não! *(Passa o pé sobre o desenho, apagando o traço e lhe entrega o balde)* Olhe! Vá buscar água no poço, vai... Que depois a vó vai te ensinar a remendar o pano...

MARIA: Remendar vó? Ah, eu vou. Vou sim vó... Mas vó?

AVÓ: Que foi menina?

MARIA: Você está lembrando que dia que é hoje, né?

AVÓ: Claro Maria! Como eu ia me esquecer...

MARIA: É hoje então que eu faço sete vó? Sete anos...

AVÓ: É... Hoje fazem sete anos que sua mãe se foi...

MARIA: Vó, mas se hoje é meu aniversário, porque minha mãe foi embora nesse dia?

AVÓ: Menina chega com essa conversa! Vai já pegar a água no poço, que eu tenho que fazer a comida...

Avó sai para um lado e Maria sai para o outro lado com balde nas mãos, mas é pega pela BROCA e pelo CHOQUE. (As duas figuras que representam a repressão vestem uniforme militar. E nos seus quepes aparecem seus nomes).

MARIA: Me solta! Me solta... O quê que é isso!

As luzes piscam e apagam várias vezes até acontecer um blackout. Maria já cresceu. A diferença de idade pode ser representada pelo uso de algum adereço...

CENA 3 – 1973 - MARIA É INTERNADA

Biombos - Tapadeiras brancas de hospital juntamente com iluminadores de luz branca são colocados no palco para representar um Ambulatório.

MÉDICO: Dona Maria, o que te traz aqui?

MARIA: Eu tenho sentido muitas dores...

MÉDICO: Seu filho responderá Dona Maria. Procure não se esforçar.

FILHA: Na verdade é meu marido. Eu sou a filha dela...

MÉDICO: A Senhora não precisa se manifestar. Deixe-me tratar com ele...

GENRO: Doutor a minha sogra sente muitas dores de cabeça...

FILHA: Minha mãe tem muitas dores de cabeça...

MARIA: Eu não me lembro...

MÉDICO: As senhoras, por favor, não falem nada... Já falei para não falar. Hum...

Dores... na cabeça?! Sei... Eu suponho que já saiba o que lhe dá tal dor. Já vimos muitos casos como esse... Sabe?

GENRO: E o senhor acha que seria possível fazer algum exame para tratar...

MÉDICO: Não carece de perder tempo ou dinheiro em averiguar algo que me parece tão claro...

GENRO: Ela sente essa dor há anos, doutor, pelo que minha esposa conta desde o nascimento de sua irmã caçula... Nós viemos do interior. Nos disseram que ela poderia ter um tratamento aqui...

MÉDICO: Sim meu caro. Vocês vieram ao lugar certo... Já estou fazendo um encaminhamento aqui para Dona Maria.

GENRO: Então o senhor irá receitar algum medicamento para ela?

MÉDICO: Na verdade, ela vai precisar ficar aqui por um tempo... em observação. Vocês sabem como é, né? Precisamos averiguar melhor sua situação, Dona Maria.

FILHA: Ficar? Mas eu pensei que...

MÉDICO: Assine aqui Dona Maria, por favor.

MARIA: Mas, mas eu...

FILHA: Minha mãe não sabe ler ou escrever...

MÉDICO: *(para o genro)* Meu caro, por favor.

GENRO: Deixe que eu assino.

MARIA: Filha, mas... mas... eu...

MÉDICO: Muito bem Dona Maria, já lhe avisei para não falar...

MARIA: Mas o que está fazendo? Eu não quero ficar aqui. Eu só quero...

MÉDICO: E desde quando a senhora pode querer ou deixar de querer algo? Minha senhora, vamos logo! Senão serei obrigado a tomar medidas...

Genro puxa mulher para sair

FILHA: Mãe não se preocupe, a senhora vai ficar bem... Nós vamos vir te visitar...

MARIA: Filha... Filha... *(Broca e Choque seguram seu braço)* Ah me solte... *(chuta a canela de um deles. Maria grita).*

MÉDICO: Ah Mulher!

Médico fecha a cortina. A sombra revela Maria sendo agredida. Enfermeiros colocam camisa de força nela. A troca de cenário do ambulatório para o Hospital Psiquiátrico é feita a partir da entrada das pacientes em cena, com trajes esfarrapados, algumas estão misturadas à plateia. Também são projetadas informações sobre o histórico do Hospital Psiquiátrico do Juqueri e fotografias de pessoas que foram internadas. Uma maca e dois biombos são transformados em espaços de tortura, onde estão presas três pacientes, com o estado de saúde bem debilitado. Balões brancos numerados são espalhados pelo cenário, representando a superlotação do espaço.

PACIENTE 1: *(amarrada na maca)* Esse lugar aqui... É desumano! *(para a plateia)* O hospital Psiquiátrico do Juqueri, em Franco da Rocha, foi criado no ano de 1898. A capacidade inicial era para 320 leitos.

PACIENTE 2: *(para a plateia)* Em 1929, o hospital foi oficialmente denominado como um Manicômio Judicial, passando a receber apenas pessoas com problemas psiquiátricos. Mas isso não é verdade...

PACIENTE 3: *(para a plateia)* Com certeza não é! Já que, com a decretação do Estado Novo, o número de prisões políticas cresceu. Além do que, nós, pelo simples fato de sermos mulheres, não podíamos desobedecer a nossos pais ou maridos. A desobediência era vista como subversão.

PACIENTE 1: A punição para subversão era ser internada como louca!

PACIENTE 2: O fato de sentir dor, também era visto como uma ação inapropriada para uma pessoa normal. Assim, uma simples dor de cabeça era vista como um problema. Um problema para o sistema: uma esposa que reclama, um operário que está doente, uma mulher querendo ser livre...

PACIENTE 2: Estamos aqui porque... Sentimos dores, sentimos dores... Estamos aqui pelo simples fato de manifestar nossa opinião, lutar pela nossa liberdade, por livre expressão, pelo direito ao voto, por oportunidades e remunerações igualitárias... estamos aqui por sermos considerados um problema para sociedade...

BROCA entra marchando, toca uma corneta anunciando a entrada da nova paciente-prisioneira. Sai do personagem e fala para o público:

BROCA: 1973. Maria é internada pela primeira vez!

O Médico troca o jaleco branco, por um jaleco preto, representando agora o médico que trabalha no Hospital Psiquiátrico, fazendo experimentos e tortura com os pacientes. A cortina do biombo se abre.

MÉDICO: Broca! Peça para o Choque trazer o próximo experimento! E por favor, leve isso daqui (*Cobre o corpo da Paciente 1, que estava na maca, com plástico preto e aponta para Broca retirar o cadáver. Estoura alguns balões com agulha*).

BROCA: Sim senhor!

Broca sai empurrando a maca. Médico pega ferramentas de tortura e avalia outras pacientes. Choque entra com Maria.

CHOQUE: Está aqui Senhor! O experimento nº 3.237

MARIA: Me solta! Me solta! Aonde estou?

MÉDICO: Choque!

Médico faz gesto para Choque prender paciente na cadeira. Maria é amarrada em uma cadeira. Acima de sua cabeça há um suporte que lembra um capacete com fios e mangueiras que são conectados em seu corpo.

MÉDICO: Por que você está aqui?

MARIA: Aonde estou?

MÉDICO: A senhora não está respondendo minha pergunta Dona Maria. Seria mais inteligente de sua parte se colaborasse...

Maria fica perturbada, tenta se levantar, mas percebe que está presa na cadeira.

MARIA: Aonde estou? Quem são vocês? O que querem?

MÉDICO: Ah Dona Maria, desse jeito a senhora não facilita.

Choque prende as mãos de Maria no braço da cadeira com fita Silver Tape. Colam uma fita na boca de Maria, enquanto ela se debate... O médico fecha a cortina. Conforme fala, o público vê a sombra de Maria no momento em que é acionado um mecanismo que joga água no suporte que está posicionado acima de sua cabeça, despejando água nela. Ao mesmo tempo em que Maria começa a tremer de frio, se debate como se estivesse sendo eletrocutada. Luzes piscam.

MÉDICO: Vamos ver sua ficha... Maria da Graça... 55 anos... Viúva...10 filhos...Por que a senhora está aqui? Ah deixe-me ver... Descompensada, com ideias atravessadas. Hum... Andou saindo do controle, hein Dona Maria? Comportamento violento... Rebeldia... Pouca fé... Histérica... Gosta de falar mais alto que os homens... Dona Maria, Dona Maria... Porque mesmo que a senhora está aqui? Ah, não se preocupe. A senhora está no local certo! Vamos sanar seus problemas... ou melhor suas memórias... O diagnóstico para esses sintomas é muito claro: Loucura! *(dá forte gargalhada)* Mas para sua sorte, fazemos o tratamento e cura aqui! Algumas sessões de banho gelado, outras de eletrochoque...

CHOQUE: *(animado)* Já posso começar Doutor?!

MÉDICO: Paciência Choque! Paciência! Tenha fé! Uma coisa de cada vez! Ah, e não me interrompa mais, certo?!

CHOQUE: Sim senhor!

MÉDICO: Ah... Deixe-me ver, onde é que eu estava mesmo... Há, já me lembrei... Uns medicamentos aqui... *(injeta seringa no braço de Maria)*. Outros ali... Para te acalmar os ânimos, não é mesmo? Pra quê se aborrecer? Pra quê? Vamos lá! Vamos tratar de esquecer tudo o que foi um dia... Se ainda teimar em se lembrar, a gente vai ter que mexer nesses miolos hein Dona Maria...

Médico fecha a cortina do biombo enquanto Maria é torturada. Algumas pacientes estão misturadas à plateia. Algumas trazem bacias com roupas, como lavadeiras, outras seguram pratos vazios. Outras com a cabeça enfaixada... Dão risadas...

PACIENTE 4: A senhora aceita?! Vamos pegue um pouquinho da minha fome, não tenha vergonha, pegue...

PACIENTE 5: Vamos cear a decadência! E um viva a fé e a ciência! *(oferece os “trapos” que estão nas bacias para a plateia)* Pegue! Pegue! Por favor... Imagina que não vamos repartir a nossa dor... Pegue, pegue...

A Paciente 6 caminha em direção a Maria, ela está com uma bacia com roupas e trapos que joga pelo caminho, enquanto fala, ri e gira dando voltas como se fosse uma bailarina.

PACIENTE 6: Ah Maria, Maria! Venha! Junte-se a nós, mulher... Vamos cear juntas! Olha, olha pra mim... Eu também me chamo Maria, sabia? Olha cetim, sedas, veludos... Somos princesas e estamos recebendo tratamento real.

MARIA: *(para o público)* Não tem como sair daqui, sem se lembrar do nosso tratamento especial! A gente ri, para não chorar. A gente não vive, a gente aguenta...

CENA 4 – DEVANEIOS DE MARIA – Lembrança da juventude versus realidade

Maria vai pegar água no poço. José está lá à sua espera. Maria leva um lenço no cabelo feito com retalhos.

JOSÉ: *(entrega flor para Maria que fica surpresa)* Uma flor para outra flor!

MARIA: Zé! Ara! O que você está fazendo aqui homi. Não sabe que se a vó pega nós dois junto... Olha que você não sabe que a vó é muito braba... *(Maria se vira e coloca as mãos em torno do pescoço de José. Luzes piscam. Tudo foi uma recordação. Maria não está com José, e sim com o Broca).*

MARIA: Zé... Cadê? Cadê o Zé? Me solta, me solta...

BROCA: Que Zé coisa nenhuma! Me solta você! *(joga Maria para longe)* Dona Calmante, já está na hora da medicação!

Maria está desnorteadada, junto com outras mulheres no espaço.

MARIA: *(sacode Paciente 4)* Vó! Vó! Ah, você não é minha avó!

Maria pega bexiga no bolso e fala para a plateia. Enche balão durante as pausas, até soltá-lo ao fim da fala. O balão vai murchando e sua memória cessando.

MARIA: Quando eu cheguei aqui eu tinha muita dor, muita dor de cabeça, sabe? Também, uma mulher de 46 anos... Fiz dez partos em casa, na verdade, minha

avó que fez. Minha vó parteira. Eu acho que estou com 55 agora... 55 anos, judiada, com fome, fraqueza, canseira. Eu rejeitei minha última filha sim. Eu não sabia que isso era doença, eu só não queria mais existir! A dor na minha cabeça, não me deixava pensar, nem sentir... Eu não sou louca! Eu não sou louca... Mas, sabe? Eu já não me lembro mais. Eu tinha dor quando vim pra cá... Mas agora eu não me lembro mais, eu não lembro mais quem sou...

Maria puxa os cabelos, pega a lixeira do chão e coloca sobre sua cabeça, olha para Paciente 6 e fala suspirando.

MARIA: Oh vó eu já peguei a água no poço! Me desculpa, que eu demorei um pouco, porque estava muito longe. Ah, na verdade, eu... Eu encontrei ele... Ah, eu encontrei o Zé, vó. O Zé é bom. Eu gosto dele... Vó! Vó... *(lixeira cai no chão)* Aonde eu estou, aonde?!

A enfermeira Dona Calmante entra dando "balinhas" para todas as pacientes.

DONA CALMANTE: Eh, já está na hora! Muito bem moças, estão todas acordadas?! Hora da balinha! Quem quer uma balinha?! Dona Josefa! Muito bem! Rita... Mirtes... Bete... Gertrudes... Dona Maria! Olha a balinha para ficar bem calminha...

MARIA: Não! Não, eu não vou tomar isso. Eu não quero, eu não quero... Eu quero sair! Cadê? Zé... Vó... Cadê, cadê vocês?

PACIENTE 6: Ei, ei... *(puxa Maria)* Eu não sou sua avó, viu! Mas eu posso fingir que sou sua mãe! E você finge que é minha filhinha... Pode ser?

MARIA: Eu? Filha? Não, eu não tenho mãe. Eu, só tenho avó.

PACIENTE 6: (*chora*) Filha... Minha filhinha, minha filhinha que tiraram de mim...
Minha filha!

PACIENTE 4: (*pega avental da enfermeira*) Eu quero sair daqui! Me tira daqui!
Eu quero sair...

As pacientes ficam agitadas e começam a puxar a enfermeira Dona Calmante, pedindo ajuda, perguntando dos filhos, família, onde estão...

PACIENTE 5: (*no meio da plateia*) Vamos votar! Nós temos direito, nós existimos, nós temos direito a uma votação! Eu tenho família! Eles vão vir atrás de mim... Eu sei que vão...

DONA CALMANTE: Ah sim, sei... Se não foi a família que te trouxe para cá, não é mesmo... Novata?! Chegou hoje, não é?! Não deveria se comportar tão mal logo no começo...

PACIENTE 5: Eu não vou tomar balinha nenhuma, eu quero falar com minha família. Eu tenho direito, eu vou processar vocês...

DONA CALMANTE: Choque! Broca! Temos uma rebelde aqui!

PACIENTE 5: Me larga! Me larga!

Choque e Broca levam Paciente 5 embora

PACIENTE 6: (*Para Maria*) Ei, ei! Você não quer ser minha filha? Eu posso ser sua mãe...

MARIA: Me solta, me solta. Eu... eu ... não tenho mãe. Já falei! Eu tenho filho? Acho que tenho filho, eu não sei... Eu não me lembro... Eu não me lembro...

DONA CALMANTE: Muito bem meninas! Fiquem calmas, fiquem calmas!

Mulheres agitadas. D. Calmante vai até a plateia, tira o uniforme, se senta e fala:

DONA CALMANTE: Ah, quer saber, estou cansada! Eu posso sentar aí? Tem um espacinho pra mim? Dá licença. Dá licença, viu... Acho que eu também estou precisando de uma balinha dessas... Você quer uma balinha também? *(oferece para plateia)*

Maria vai em direção à plateia. Pergunta para as pessoas...

MARIA: Vó! Vó! É a senhora! A senhora viu minha avó? Ah! Te achei vó! Vem vó! Vem aqui...

Maria acha que Dona Calmante é sua avó. E puxa ela até o centro do palco.

MARIA: A senhora ficou de me ensinar a remendar o pano, não lembra não? *(tira o lenço do cabelo)* Olha, olha a colcha que eu estou fazendo... O que a senhora acha?

DONA CALMANTE: Está ficando muito bonita! Isso aí, boa menina!

Maria aponta o lenço para Dona Calmante, e esfrega o tecido em seu rosto.

MARIA: Cada pano é um pedacinho de uma roupa, de uma lembrança, da minha história... Vê! Sente ele, sente! Tá sentindo? Olha! Às vezes é leve, macio, quentinho... Ah... Mas a maior parte do tempo é um bocado mesmo áspero, seco, frio... Sabe? *(Maria coloca o lenço em D. Calmante e deita no seu colo)*.

MARIA: Ah vó? Vó, o parto dói?

DONA CALMANTE: Não pensa nisso não menina...

MARIA: Porque eu acho que dói, estou sentindo, estou sentindo dores... *(se levanta, e segura a própria barriga)*. Eu sinto dores... Sinto dores. Dói! Dói muito!

Eu acho que chegou a hora... Eu vou parir... Eu vou... Eu vou... *(grita como se estivesse parindo. Luzes se apagam).*

CENA 5 – LAPSOS DE MEMÓRIA. 1964 - MARIA DÁ A LUZ PELA 10º VEZ

MARIA: Ahhhhhhhhhhhhhhh (Grito de Parto. Maria dá a luz pela décima vez).

AVÓ: É uma menina! É uma menina!

Maria sai do personagem e fala para a plateia:

*MARIA: É o décimo parto, décimo... Aos 46 anos, eu continuo sendo uma máquina reprodutora. Não! Já chega! Cansei! Cansei desta existência! Eu não quero mais existir... Pra ser mulher, você tem que parir?! *(para a plateia)* Pra ser mulher, você tem que parir?! Me falaram... A princípio, eu não quis. Eu disse não! Eu quero ter o direito de escolher! Eu quero poder ser mais do que mãe! Porque antes de ser mãe, eu sou mulher! Eu tenho sonhos... Eu queria dançar, eu queria pintar o mundo, eu queria, eu queria, eu queria... Mas, me negaram. Disseram que mulher não podia querer não, nem escolher seu destino, eu mal podia dizer o que pensava.*

AVÓ: Pega filha, pega a criança!

Maria chora, não pega a criança. Grita, puxa os cabelos, chora.

AVÓ: Pobre criança! Se chamará Maria como sua mãe, sua avó e as mulheres de nossa família!

Coloca a criança no cesto. As luzes do fundo se apagam, iluminando apenas a frente do palco. Avó se senta em uma cadeira próxima a plateia. Pega uma

colcha de retalhos e começa a emendar os panos, enquanto conta uma história. Um Homem entra em cena, representando os vários “homens”, pais, maridos na vida das “Marias”. Contracena com Maria ao fundo.

AVÓ: Eu fui a filha mais velha de uma família de 10 irmãos. Quando eu nasci, meu pai não quis me aceitar, porque eu era uma menina.

HOMEM: *(fala para Maria, segurando seus ombros com força)* Mulher se você não me der um filho homem eu não vou assumir essa criança! Mulher eu quero um filho, um filho, está entendendo!!

AVÓ: Pra sorte de minha mãe, os outros filhos foram todos homens e pra minha sorte, por ser a única menina, meu pai me deu nome e me tratou por filha. Por ser a única menina, fui criada no laço.

HOMEM: *(fala para Maria)* Maria venha cá! Você agora vai ajudar sua mãe! Sair, só se for pra ir para a igreja, está me ouvindo?! E acompanhada de um de seus irmãos, está entendendo?

AVÓ: Meus irmãos marcavam mais em cima que meu pai. Casei já velha, aos 30 anos. Fiz minha família. Fiquei viúva cedo. Só tive a Maria, minha filha que foi levada junto ao Pai ainda moça, quando deu a luz, também a uma menina. E hoje vim fazer outro parto de minha neta, também Maria. Maria sempre gostou de desenhar quando era criança. Queria aprender a ler. Mas eu logo fui proibindo... Afinal de contas, como ela iria poder. Escola era um luxo.

Maria segura um caderno ao fundo

HOMEM: *(para Maria)* Menina larga isso! Esse lápis e esse caderno são do seu irmão! Vai ajudar sua mãe, vai arruma a casa! Estou mandando! *(Ihe entrega uma vassoura)*

AVÓ: Não tinha escolas próximas da casa onde morávamos. E eu também não sabia para modo de ensinar... Mesmo assim, a menina era danada. Aprendia rápido, sabe? Costurava, cortava, inventava umas coisas como ninguém... Foi então que apareceu o Zé que se engraçou pro lado dela. Pra modo de quê, se apaixonar ela foi?

HOMEM: *(cambaleante bêbado)* Maria pega a outra garrafa pro pai, pega! Mulher que bagunça é essa! Cadê a comida...

AVÓ: Metido a jogo, bebida e brigas... De vez em quando aparecia. Uma, duas vezes no ano, sem vergonha na cara e dinheiro no bolso pra sustentar a mulher e os filhos...

A luz revela ao fundo, Maria sendo segurada por Broca e Choque para tomar o remédio à força. Dona Calmante traz uma seringa nas mãos, que injeta em Maria.

MARIA: Não, não, não faz isso, me solta, eu não quero, eu não quero...

DONA CALMANTE: Mas é só uma picadinha, só uma picadinha Dona Maria...

CENA 6- EU NÃO ME LEMBRO MAIS

Luzes piscam e revelam cenário do Hospital Psiquiátrico.

FILHA: Viemos buscar minha mãe. Soubemos que ela está internada aqui!

CHOQUE: Minha senhora, não tenho autorização para te informar nada! Além do mais, não me reporto a mulheres!

GENRO: Amigo, desculpe minha esposa, está com os ânimos um pouco alterados. Só queremos ter notícias de minha sogra.

CHOQUE: Ah sei... Mantenha sua mulher nas rédeas colega! Para o bem dela. Qual o nome de sua sogra?

GENRO: É Maria da Graça.

CHOQUE: Muito bem. Vou consultar meu superior. Aguardem aqui!

Choque fala com Médico por interfone.

CHOQUE: Doutor tem um casal atrás de notícias de uma tal de... Dona Maria da Graça.

MÉDICO: Maria da Graça?! *(Consulta arquivo)* Ah sim, sim. Dona Maria da Graça. Chegou aqui há aproximadamente doze meses. 55 anos. O experimento está completando o processo de desmemorização com eficiência, mas está com a saúde muito debilitada. Por isso pedi para o BROCA avisar a família para retirar o experimento. Você sabe que as baixas estão crescendo, e tem uns repórteres atrás de furo, perseguindo a gente. Precisamos evitar maiores exposições, digo mais perdas... Peça para o Broca avisar a Enfermeira Dona Calmante para preparar a paciente!

CHOQUE: Entendido doutor.

Broca procura a enfermeira, no meio das pacientes...

BROCA: Dona Calmante! Dona Calmante! A senhora está sendo requisitada...

DONA CALMANTE: *(com trapos na boca, segura Broca pelo ombro)* Ah você aceita uma balinha também?! Você é novo por aqui? Não me lembro de você...

BROCA: *(chocado)* Dona Calmante parece que a senhora está se tornando uma... uma das...das... in...ternas... Me solta mulher! *(joga ela longe)* Deixe que, eu mesmo levo a paciente! Maria? Maria da Graça?

TODAS AS MULHERES: *(gritam)* Sou eu! Sou eu...

Broca procura no meio da plateia... Paciente 6 entra vestida com crinolina de arame e coroa de espinhos. Fala em tom intimidador: "mulher" repetidas vezes. Tira aos poucos os elementos de opressão. Paciente 3 está amarrada em parede de tortura.

PACIENTE 6: Mulher! Ah mulherrrrrr... Ôh mulher!!! Mulher venha cá! Mulher! Eh mulher! Mulher... Ah mulher! Nossas vozes sempre ativas, lutamos, vivemos, buscamos, busquei! Me rebelei *(tira aos poucos a crinolina)*. Se pra ter fé, tenho que viver uma vida crucificada, então prefiro não crer em nada *(atira a coroa de espinhos para longe)*. Quem come do fruto do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso. Queriam me obrigar a ser o que não era, a não ser nada, enquanto eu queria existir. Queriam apagar minha identidade, calar minhas vontades, anular meu pensar. Falei: "Não! Não quero! Não queria... Não quis!" *(fica com o corpo imóvel)*.

PACIENTE 3: *(presa na parede de tortura)* Sem escolha, entre sim e não, a força, a força, a força... na camisa a força....

Choque coloca uma camisa de força na Paciente 6. No mesmo momento Broca coloca uma camisa de força em Maria ao fundo.

PACIENTE 6: Me libertei dos espinhos, mas das amarras não! Se me volto contra, me fazem louca. Minha loucura talvez seja amar, me amar, amar-me mais que a qualquer outro, não permitir o meu silêncio, falar, falar, falar, me fazer ouvir!

BROCA: Já chega, já chega! Chega! Vamos Maria da Graça.

MARIA: Não... não... não... de novo não...

Broca sai com Maria. Médico entra com Filha e Genro de Maria.

MÉDICO: Senhor... Senhora... Por favor, sentem-se!

FILHA: Viemos buscar minha mãe!

MÉDICO: *(pega o telefone)* Ah sim, sim. Já estamos providenciando a documentação da alta. Um instante. Broca! Traga já a paciente número 3237.

GENRO: Pensamos que poderíamos visita-la durante o tratamento. Não imaginamos que fosse ser tão longo...

MÉDICO: Vocês precisam entender que encontros familiares atrapalhariam o sucesso do tratamento.

BROCA: Com licença doutor. O número 3237, como o senhor pediu. Desculpe a demora. Ah doutor! Parece que perdemos a Dona Calmante.

MÉDICO: Muito bem Broca. Muito bem. Vou anotar aqui. Lamentável... mais uma...

Maria está com expressão pálida e apática.

FILHA: Mãe!

MARIA: Hum...

FILHA: Mãe, viemos te buscar... Meu Deus como você está... abatida.

MARIA: Hum...

MÉDICO: Não se incomode. Ela ainda está um pouco sonolenta devido a medicação. Mas não lhe trará mais problemas de expressão. Deve continuar ministrando este medicamento via oral, duas vezes ao dia. Ao acordar e antes de dormir. Entendeu?

GENRO: Sim doutor. Claro!

MÉDICO: Muito bem. Passar bem! *(Médico fecha a cortina. Luzes piscam. Maria está sentada na poltrona, coberta por uma manta de retalhos).*

CENA 7- REGISTROS QUEIMADOS!

PACIENTE 4: *(para o público)* E no princípio, a mãe Terra pariu. Dores de pranto e agonia, a sua imagem e semelhança. Do seu ventre esculpiu resistência e reuniu nelas vozes, corpos, sonhos, lutas, esperança!

FILHA: Mãe olha sua neta!

MARIA: Hum...

GENRO: Dê-me ela aqui! Não está vendo que sua mãe não reconhece nem a você quanto mais a um bebê!

Criança chora. Filha pega comprimido e copo com água para dar para Maria.

FILHA: Mas mãe... Mãe toma essa balinha aqui.

DONA CALMANTE: É! Toma essa balinha aqui, Dona Maria! Não lembra não... A vida é tão sofrida. Pra quê lembra né? Pra quê...

Nas laterais do palco estão os biombos que são transformados em paredes de tortura, aonde estão presas as pacientes 2 e 3. Conforme falam, são projetados registros de internações e das condições dos tratamentos que os pacientes eram submetidos no espaço.

PACIENTE 2: *(para a plateia)* Entre a loucura e a norma, entre os anos de 1929 e 1944, o Sanatório Pinel de Pirituba em São Paulo, registra a internação de 4.000 mulheres.

PACIENTE 3: *(para a plateia)* No passado, nos acusavam de heresia, de bruxaria, nos queimavam. Depois quanto mais sã, mais nos diagnosticavam como enlouquecidas. Lutamos, morremos, nascemos, sobrevivemos!

Entra coro de mulheres cantando

CORO DE MULHERES: Lutamos, morremos, nascemos, sobrevivemos... *Enquanto o coro canta, desamarra as "amarras" que prendem as mulheres e é projetado o fogo no telão. Enfermeiras, pacientes, todos correm e gritam freneticamente:*

ENFERMEIRAS/ PACIENTES: Fogo, fogo!

Os balões espalhados pelo palco são estourados. Broca avisa médico

BROCA: Doutor está pegando fogo no setor 1!

PACIENTE 1: *(para a plateia)* O ano é 2005. O prédio de documentação do Hospital Psiquiátrico do Juqueri pega fogo.

MÉDICO: Muito bem, muito bem! Daqui a uma hora chamem os bombeiros!

CHOQUE: Mas vai queimar tudo!

MÉDICO: Essa é a intenção...

BROCA: E os internos...

Médico sai. Enquanto as Pacientes falam, acendem fósforo e queimam papéis e fotos em cena. Ao fundo está Maria sentada em uma cadeira coberta pela manta de retalhos. É projetada a imagem de uma manta de retalhos sendo queimada.

PACIENTE 2: O prédio que pegou fogo, abrigava a documentação dos registros das pessoas que haviam sido internadas no Hospital desde a sua fundação. Assim como os registros de todos os meios e processos utilizados para chegar à “cura” dos pacientes.

PACIENTE 3: No prédio também constavam os arquivos de todos os mais de 30 mil óbitos que aconteceram no espaço.

PACIENTE 1: O fogo queima tudo! O fogo queima a gente! A gente que não tem sobrenome importante. A gente que teima em resistir. A gente simples... Queimam nossas memórias, nossas ancestrais. Queimam as mulheres...

PACIENTE 6: *(para o público)* Ei Você! Você aí! Você conhece a história da sua família? Da sua avó? Da sua bisá? E da mãe dela... e da mãe da mãe...da mãe...

PACIENTE 4: Não é engraçado, que as histórias da gente. Da gente simples, da gente pobre, da gente oprimida. Nossas histórias são... tiradas da gente, são

apagadas... são queimadas... Por quê? Pra quê? Pra quem? Pra quem é importante que a gente não se lembre de nada?

PACIENTE 5: Acho que deve ser pra que a gente não lute! Pra que a gente repita a história...

Choque entra com extintor apagando fogo. Médico dá entrevista.

MÉDICO: É lamentável, lamentável... Saber que uma rebelião causou esse lamentável acidente... Os bombeiros foram acionados e estão fazendo de tudo para conter o fogo. Infelizmente soubemos a pouco que o setor de registros se perdeu. Anos do nosso trabalho documentado. Os registros de todas as entradas e saídas...

Na plateia, há três mulheres representando a imprensa e questionam o médico. (opcionalmente podem ser interpretadas pelas mesmas atrizes que fazem as pacientes).

MULHER 1: Mas houveram feridos?

MULHER 2: E quanto aos pacientes...

MULHER 3: Doutor, é verdade que havia uma super lotação na Unidade? Em 1951, uma jornalista documentou que o Hospital tinha o registro de mais de 11 mil pessoas internadas, quando a capacidade era para apenas 5 mil leitos!

MÉDICO: Desculpem, não tenho autorização para passar maiores detalhes para a imprensa. Por hoje é só! *(sai)*

MULHER 3: Mas doutor...

**CENA 8- MARIA É FILHA, MÃE, AVÓ E NETA. MAS NÃO SE LEMBRA MAIS.
O ENCONTRO DE GERAÇÕES.**

Maria está sentada na cadeira ao fundo se debatendo... Chega sua filha

MARIA: Não... Não... Saiam... Saiam... Onde? Onde? Onde estou?

FILHA: Mãe, calma mãe! A senhora está bem! Está em casa, conosco...

MARIA: Não, não... em casa... Eu não me lembro... eu não me lembro... Quem... quem... é você?

FILHA: Maria vem aqui! Vem logo... Preciso que me ajude a segurar a sua avó... Acho que ela está tendo uma daquelas crises de novo...

A Neta entra em cena. Ela já é uma jovem agora.

MARIA (NETA): Calma mãe! Já estou chegando...

(para o público) Desde que me lembro, minha avó é assim... Meus pais nunca falaram muito sobre o porquê da minha avó ser assim. Antes eu não entendia bem. Pra mim, a minha avó era doente e era isso... Mas quando cresci, percebi que não era tão simples assim. Meus pais não falavam o porquê. Eu penso que eles queriam esquecer... Sabe? Tudo o que aconteceu... Talvez eles nem tivessem consciência de fato do que aconteceu com a minha avó, afinal de contas, naquela época tudo era tão encoberto. As coisas aconteciam e ninguém ficava sabendo...

MARIA (NETA): *(para mãe)* Calma mãe, já estou aqui! Vó, a sua neta está aqui! Fica tranquila. Descansa vó...

A neta ajeita a manta sobre a vó, abraça a mãe e sai. Acontece um blackout. As atrizes colocam três cadeiras e uma mesa na frente do palco. Sobre a mesa está uma colcha de retalhos, que traz marcas de fogo, e uma placa de identificação com o texto: “FÓRUM BRASILEIRO DE DIREITOS HUMANOS E SAÚDE MENTAL”. Maria (Neta), Doutora Fontes e Mirtes ocupam as cadeiras. Na frente de cada uma há iluminadores, as próprias atrizes operam em cena. Maria liga o iluminador e fala:

MARIA (NETA): E essa foi uma parte da minha história. Da história da minha avó. Me chamo Maria. Eu conheci minha avó, mas não a conheci de fato. A minha avó é uma sobrevivente do sistema psiquiátrico. Ela traz em seu corpo e mente, marcas de dor e resistência. O diagnóstico e tratamento errado, de certa forma mataram a minha avó por dentro. Eu sempre fiquei imaginando desde criança, como era a vida da minha avó na infância. Será que ela brincava? Será que tinha vontade de seguir alguma profissão, de estudar, de conhecer lugares, pessoas... O fato de não conhecer minha avó de fato, sempre me instigou a imaginar o que poderia ter sido de sua vida, se tivesse tido oportunidades, se tivesse sido tratada com um pouco de humanidade... Essa história pode ter sido a minha, a sua, a dela. A história das muitas Marias. A história da avó que tive e não conheci.

MIRTES: *(liga seu iluminador)* Maria, muito obrigada. Gostaria de agradecer por ter aceitado nosso convite para estar aqui hoje, compartilhando um pouco sobre a história de vida da sua avó, Dona Maria das Graças, representando aqui a associação de familiares que juntamente com muitos profissionais e pacientes, corajosamente denunciaram graves violações aos direitos das pessoas com transtornos mentais, na luta por uma sociedade sem manicômios. É sempre bom lembrar que, o movimento da Luta Antimanicomial, teve início na década de 70, e ganhou força no ano de 1987, com duas conferências de profissionais da saúde mental, que aconteceram na época, aonde foi tirada a data do dia 18 de maio, para representar o dia Nacional da luta antimanicomial. E agora para falar um pouco mais da importância desta data e do que ela representa, convido a Doutora Fontes, especialista em saúde mental, a se apresentar:

DOUTORA FONTES: *(liga seu iluminador)* Boa noite a todos! Obrigada Mirtes! E, primeiramente gostaria de prestar minha solidariedade à família da Maria, que deixou seu depoimento aqui hoje e a todas as pessoas e familiares que foram vítimas desse sistema psiquiátrico em nosso país. Um dos grandes problemas que enfrentamos, é o desconhecimento por parte da população sobre o assunto. É importante termos espaços como esse. A loucura não se prende, loucura não se tortura. A prática de liberdade é terapêutica para a loucura. Estou dizendo isso porque é muito grave, os rumores, as notas técnicas, as informações de dentro do Ministério do atual governo de ampliar espaço para os antigos manicômios, autorizando hospitais psiquiátricos a adquirirem com recursos do

Ministério da Saúde equipamentos para choque elétrico. Após mais de 30 anos de luta por uma política sanitária adequada para portadores de doenças mentais, no ano de 2019 essa postura arbitrária tomada pelo governo, anuncia um desmonte das diretrizes de políticas nacionais de saúde mental pelo país. Assim fica claro, que temos que nos mobilizar, para impedir tais medidas que desconsideram todo um processo de reforma psiquiátrica construído ao longo de décadas. No ano de 2001, tivemos uma grande conquista, com o sancionamento da lei “Paulo Delgado” que previa o fechamento gradual de manicômios em todo país. Em 2002, um outro avanço foi a criação dos CAPS, Centros de Atenção Psicossocial, espaços que acolhem pacientes com transtornos mentais, prestando assistência psicológica e médica, visando a reintegração dos doentes à sociedade, em substituição aos hospitais psiquiátricos.

MIRTES: E infelizmente, esses espaços vêm sofrendo atualmente com as políticas de desmonte, não é mesmo doutora? Com a suspensão de centenas de contratos de unidades de CAPS e serviços de residência terapêutica.

DOUTORA FONTES: Sim, isso mesmo Mirtes. É um absurdo toda esta situação. Daí a importância de falarmos mais sobre isso, para que toda população tome consciência da gravidade dos fatos. O depoimento da Maria hoje traz a luz fatos e histórias já não lembradas. E olha como é importante resgatarmos nossas histórias, não é mesmo Maria?

MARIA (NETA): Sim doutora, é realmente muito importante. O triste é que nossas histórias... Elas nos são tiradas. Se eu perguntasse, hoje nessa sala,

quem de nós aqui poderia dizer com total certeza a história de suas avós, bisavós, das gerações de suas famílias? Essa colcha (*pega colcha da mesa*) traz pra mim memórias alinhavadas, histórias inteiras, que desconheço... Eu só sei o que sobrou. Mas sobrou algo sim, mesmo que cicatrizes, mesmo que marcas de queimado... Pelas texturas dessas tramas, dos panos costurados, eu consigo saber que suas vidas eram difíceis e simples. Porque elas não tiveram oportunidade. Elas foram banidas de qualquer acesso a escolarização, escolhas ou profissionalização.

DOUTORA FONTES: E qual é a sensação de estar vivendo essas memórias? Como foi esse processo de resgatar e relatar essas memórias?

MARIA (NETA): Sabe? Um dia eu acordei e me perguntei: “Quem sou?” E descobri que pra responder essa pergunta, eu precisava entender quem foram as mulheres que vieram antes de mim. Porque, eu trago no corpo essas marcas também, esses trejeitos, essas manias, esses sonhos. Porque ao final, a conexão com o nosso passado existe independente da nossa vontade. E o sentido de vasculhar um passado, mesmo que seja tão doloroso, é que precisamos enfrentar nossos medos, saber quem somos. Para realmente a gente se conhecer, a gente tem que olhar pra trás, conhecer a trajetória das pessoas que compõem nossa vida, nossa ancestralidade. Alguns podem pensar que olhar para o passado pode ser doloroso. Mas pra mim, doloroso é negar-se a isso, é ter sido privada dessa história por tanto tempo, é não conhecer a própria

história. Minha avó, ela foi uma sobrevivente, uma sobrevivente. Acredito que em mim habita um pouquinho de todas as Marias que habitaram meus antepassados. Isso nos dá força, cura feridas. Só assim, podemos transformar em positivo as heranças negativas que carregamos, mesmo sem conhecimento, reforçamos nossas raízes na mesma medida em que ganhamos mais asas. A história que desconheço inteira, então a reconstruo. Coleta fatos. Ouço relatos. Alinhavo memórias... Tudo aqui nesta grande e única colcha de retalhos... Essa história é sobre uma Maria, ou sobre muitas. As histórias das Marias se misturam e se fundem num só DNA. O espaço-tempo é um só, porque os corpos guardam registros internos que gravuras e letras não são capazes de contar. Maria pariu! Maria é mãe! Maria é filha! Maria é neta! Maria é avó! Maria é mulher! Maria é uma sobrevivente do sistema psiquiátrico de extermínio de memórias e histórias.

As luzes se apagam. A voz da avó chamando: “Mulher” com orgulho, é ouvida de longe, como um eco, conforme a atriz se aproxima da plateia, vai ganhando volume.

Maria (Neta) e a Avó vão para frente do palco e começam a cantar juntas. Conforme cantam, balões brancos que estão pendurados nas laterais do palco são soltos e sobrevoam a plateia, como símbolo de luta pela liberdade e resistência feminina.

AVÓ: Mulher! Eh mulher, oh mulher... Ah mulher. Quando finalmente a gente percebe a grandeza que tem em ser mulher, a maior beleza reside em sermos nós semente de resistência e amor.

(Canta na melodia do refrão de “Aquarela do Brasil”)

AVÓ e NETA: Mulher, Mulher, Mulher, Mulher...

Um coro entra cantando música com a melodia da estrofe de “Aquarela do Brasil”

CORO: Olha há beleza na resistência. / Na voz que sábia enfrenta. /
Desigualdade e machismo. / Opressão regularizada. / Séculos de Dores
acumuladas. / Por mim, por elas, por vocês. / Seguiremos (r)existindo.

Sobre a autora: Maria Cecília Amaral. Pesquisadora das artes cênicas, atualmente mestranda na USP, orientada pelo Prof. Dr. Fausto Viana. Estuda dramaturgia na Fundação das Artes de São Caetano, com formação acadêmica nas áreas de design, figurino e arte educação. Atua no teatro e no audiovisual. Participa do coletivo Transformar desde 2010, coordenando projetos e a direção de arte das produções.

Contato: mariaceciliamaral@gmail.com

(roteiro de performance)

Luís Ramos

0- faça auto-empatias diárias e escutas semanais. Dedique pelo menos 1 hora do seu dia para estar completamente presente no que você sente. Faça isso até se sentir seguro antes de começar as próximas ações. Essa parte do processo é importante, pois cnv é um conhecimento artesanal e não teórico. A empatia é como uma musculatura, que se desenvolve com a prática.

1- convide alguém para sua casa para ver uma performance. peça para vir com fome.

2- receba a pessoa e tente iniciar um diálogo de 2 ou 3 minutos, só falando “por favor” ou “obrigado”.

3- pare de falar por um tempo. entre em contato com o que está sentindo. mantenha essa percepção durante todos os momentos que a pessoa estiver com você. sempre que sentir gratidão, tente demonstrar

4- pense em tudo que você tentou falar e não conseguiu.

5- pense em todas as vezes que ouviu coisas que não queria ouvir.

6- fale esse texto:

- desgosto, cansaço... medo. numa mordança de vidro construímos nossa segurança. no que não pode ser dito, no que não pode ser feito. em todas nossas obrigações culpadas.

atrás de nosso juiz vestido de rambo, tentamos esconder o elefante, na dobra do músculo do soldado... nossa segurança está em estar certo. estar certo para punir e não ser punido.

em todos os destroços que essa guerra faz, construímos nosso ser.

Bem, o convite hoje é para não ser.

o convite hoje é ver em profundidade, acolher qualquer desejo obscuro.

olhar o que os sentidos falam, sentir o ar e o cheiro, expor o elefante.

ele não está seguro assim, comprimido!

se o cheiro é bom ou ruim, ou se está em concordância com o que deveria ser um

cheiro de elefante.

bem... isso é no mínimo secundário. agora vamos apenas ver o que sentimos e o que nossos sentimentos estão buscando.

ver o que podemos fazer para acolher essas necessidades, e deixar o rambo como ruído de fundo...

7- pergunte se está tudo bem com a pessoa.

8.1- se a resposta for um “tudo bem padrão”. pergunte “ok, agora de verdade, tudo bem?”

8.2- Se houver silêncio, sinta a pessoa, esteja presente.

8.3- se a pessoa não quiser falar sobre isso, pule para ação 9.

8.4- se a pessoa quiser falar do que está bom, comemore com ela.

8.5- se a pessoa estiver querendo falar do que está ruim, escute, procure ver o que a pessoa está sentindo e precisando. tente demonstrar que está ouvindo.

8.6- acolha o que vier, tenha jogo de cintura, leve o tempo que for preciso.

9- pergunte se a pessoa quer comer.

9.1- se sim pule para a 10

9.2- se não pule para 11.

10- Escolha algo que seja do agrado dos dois.

11- Pergunte se a pessoa está disposta a cozinhar com você.

12.1- se a pessoa aceitar, cozinhe junto e converse sobre as comidas que gosta e as coisas que costumam comer.

12.2- Se não quiser, cozinhe sozinho.

12- faça a comida. em algum momento no preparo, dê o texto:

- se todas as nossas necessidades fossem vistas como a fome... Mesmo as que parecem nos dividir...

justiça, liberdade, autonomia!

Pra mim, é comida! Mesmo nossas brigas mais complexas são estratégias diversas para matar nossa fome.

afeto, compreensão, conexão!

Todas as guerras, todos os genocídios, todo abuso, expressão trágica da fome...

Sentido, união, segurança!

Uma criança entra na escola com uma arma e quer algo que todos querem.

ela não sabe nem nomear...

pertencimento, respeito, amizade!

jovem de bicicleta rouba um celular

igualdade! acesso! sustento!

Caminhamos, gritando para a barbárie, com muros ao invés de pontes nos verbos. Com mais descrições de doenças de comportamentos, do que com palavras para sentimentos.

Quantas vezes numa escola alguém pergunta o que se sente? E na escola do trabalho. E na escola da casa, na escola da rua, até na escola da vida íntima.

nomes, rótulos, diagnósticos

muros...

quero viver num mundo de sentimentos. quero viver num mundo de pessoas conectadas com a vida. com o que que é importante. mas não se fazem bons escravos se estão conectados com a vida. não se constroem impérios, porque uma hora a fome passa e outro tipo de fome aparece... se você está conectado com a vida.

Como é o mundo que você quer viver?

13.1- espere a resposta com paciência.

13.2- incentive a pessoa a falar ou imaginar esse mundo, se ela não estiver conseguindo.

14- ouça o presente que é essa resposta da pessoa. mesmo que doa muito ou seja muito prazeroso ouvir, esteja presente.

15- pergunte a pessoa se tudo bem pra ela se comermos em silêncio.

16.1- coma em silêncio.

16.2- se não, pergunte se pode comer ouvindo uma música, se sim, coma ouvindo música.

16.2.1- Se não quiser comer ouvindo música ou em silêncio, pergunte como ela gostaria de comer? veja o que sente da proposta. diga o que sente. ache uma estratégia que supra as necessidades dos dois. mais uma vez leve o tempo que for necessário.

16.3.1- Se a pessoa não está com fome ou não quer comer, pergunte se ela se incomoda de você comer em silêncio, e coma sentindo a companhia de alguém.

16.3.2- se a pessoa não quiser olhar você comer, peça para ficar em silêncio por uns instantes com a pessoa.

16.3.3- Se a pessoa não quiser fazer isso também, pergunte o que ela quer fazer. Escute. veja o que sente. comunique o que sentiu da proposta. decidam o que vão fazer em conjunto e tornem em ação.

17- recolha a louça

18- abra a porta

19- diga as frases:

- A maior parte da nossa linguagem pode ser lida como pedidos ou agradecimentos. Sou grato por ter passado por isso comigo.

20- diga as frases de Rumi:

- para além das ideias do certo e errado, existe um campo. encontro você lá.

21- após a pessoa ir embora, lave a louça como se salvasse seu coração.

Fim

Sobre o autor: Luís Ramos Koerich é ator e tem sua formação no grupo florianopolitano “teatro em trâmite”, onde foi ator e primeiramente estudante. a cnv entra na sua trajetória a pouco mais de dois anos onde estudou com dominic barter e principalmente com rafale iwassaki que demonstrou durante esse período a cnv na prática.

Contato: luisumsapato@gmail.com

BECA

Matheus Dantas

PERSONAGENS:

BECA - 9 anos

LILI - 9 anos

TAINÁ - 8 anos

FERNANDA - 14 anos

ANA - 5 anos

LUCAS - 9 anos

GUTO - 8 anos

LEVI - 14 anos

JOÃO - 6 anos

MARIA - Inspetora do abrigo

CENA 1

(Todas as crianças e Maria estão presentes no palco como uma fotografia)

MARIA – Venham para o refeitório, pessoal.

LUCAS – Não acredito, não quero ir.

FERNANDA – Vamos, galera, não podemos atrasar.

LEVI – *(para Lucas)* Para de ser preguiçoso, levanta logo.

JOÃO – Acabei de escovar os dentes.

TAINÁ – *(brincando de bola com a Ana)* Segura a bola.

GUTO – *(para Lucas)* O outro tênis.

LEVI – *(para João)* Arruma essa camiseta.

FERNANDA – *(para Tainá e Ana)* Parem de brincar e vão se arrumar!

LUCAS – Espera por mim.

GUTO – Cê tá enrolando demais.

ANA – Não sei colocar meus sapatos.

JOÃO – Não sei amarrar...

TAINÁ – *(para Ana)* Eu te ajudo, vem cá, coloca o pé aqui.

LEVI – *(para Guto)* Guarda o boné.

JOÃO – Olha, consegui.

FERNANDA – Vamos chegar atrasados e levar bronca!

TAINÁ – Cuidado, vou chegar mais rápido que vocês *(Ana e João saem correndo na frente de Tainá)*.

LEVI – Lá vão eles de novo...

MARIA – Quanta energia logo cedo!

FERNANDA – Levi e eu tentamos...

MARIA – Estão no horário. Hoje quero apresentá-los a Beca, que a partir de hoje vai morar junto conosco, pessoal.

TAINÁ – Seja bem-vinda, Beca.

MARIA – Nas próximas semanas se lembrem de que vamos fazer uma feijoada beneficente para arrecadarmos alguns fundos para o abrigo. Podem ir.

(Maria sai de cena. Fernanda e Levi ficam sentados no canto conversando)

ANA – Nós vamos embora um dia, né?

FERNANDA – Isso é um abrigo. É claro que vamos embora. Um dia.

LEVI – Ou até completarmos 18 anos.

ANA – O que acontece lá fora? Não ficamos sabendo sobre eles.

GUTO – Com certeza estão com os novos pais.

TAINÁ – Estamos juntos desde que nascemos, é como se fossemos irmãos.

JOÃO – Sim, mesmo sem ser de sangue.

ANA – Eles devem se divertir tanto que se esquecem do abrigo.

LUCAS – Eu também quero ir embora.

TAINÁ – O que você faria se fosse embora?

LUCAS – Usaria roupas novas, claro.

GUTO – É sério.

LUCAS – Dos livros que a Fernanda lê tem vários tipos de roupa, quero usar todas elas.

JOÃO – Eu quero experimentar comidas diferentes.

TAINÁ – Eu quero ver um trem!

LEVI – Boa!

LILI – Eu quero visitar lugares diferentes. Ver coisas que ainda não vi.

FERNANDA – E você, Beca?

BECA – Bem, eu não quero sair. Quero ficar aqui até quando puder.

GUTO – Essa resposta não vale.

BECA – Vou ficar bem aqui.

LUCAS – Bem? Até parece...

ANA – *(com um papel na mão de um desenho das crianças)* Quando eu sair daqui, não vou esquecer nenhum de vocês *(é abraçada por todos)*.

TAINÁ – Agora vamos continuar, vou pegar todos vocês *(todos saem correndo)*.

FERNANDA – *(para Levi)* Maria vai ficar brava.

(Crianças continuam a brincar saindo de cena, com exceção de Beca, Lili, Lucas e Guto)

CENA 2

GUTO – Você estava falando sério?

BECA – Sobre o quê?

GUTO – Não quer sair daqui?

BECA – Eu não quero mais ser adotada.

LUCAS – Todo mundo queria ter a sorte de ter uma família.

BECA – Eu também queria ter. Mas eu já moro aqui. Nós somos uma família.

LUCAS – Você já foi adotada, né?

BECA – Sim, três vezes, mas sempre me mandavam de volta pro abrigo.

LILI – Eu nunca fui... Mas dizem que quando você faz alguma coisa ruim, você volta pra cá.

BECA – Ou quando eles não querem mais.

GUTO – *(apontando para o objeto ao lado de Beca)* O que é isso?

BECA – Meu álbum de fotos.

LUCAS – Que legal, eu posso ver? (*Beca entrega o álbum nas mãos de Lucas, o qual começa a folhear*) Nossa, essa é você?

BECA – Sim, quando eu era neném.

LILI – Aqui você já estava maior, né.

BECA – Foi antes de eu ir morar no abrigo. Eu era muito pequena ainda.

LUCAS – Você conheceu a praia!!

GUTO – Mas esse papel é muito fininho.

BECA – (*Preocupada*) Me devolve.

LUCAS – Ah, deixa a gente ver.

BECA – Eu conto pra vocês.

LUCAS – Tem alguns livros da Fer que eles foram à praia. Sempre falavam de pisar na areia, na água... A areia é fofinha mesmo?

BECA – Como um pãozinho quentinho.

LILI – Queria ter um álbum de fotos também.

BECA – Fiz meu álbum nas casas que morei, sabe. Mas podemos começar a montar um para você agora.

GUTO – Ah, eu não tenho fotos como você.

LILI – Será que a gente consegue?

BECA – Vamos dar um jeito!

LUCAS – Bom, pra montar o meu álbum eu vou precisar de um caderno ou de algumas folhas, pelo menos.

LILI – Mas eu não tenho as fotos...

BECA – E se você desenhasse as coisas que você lembra? As fotos a gente coloca a partir de hoje.

LILI – Tá bem, então eu vou pegar algumas canetas.

GUTO – Verdade! Dá pra desenhar.

BECA – Isso, você pode começar colocando quando você era um bebê.

LUCAS – *(com um caderno em mãos)* Eu queria lembrar de quando eu era menor. Bom, vou colocar só quando eu era um bebê morando aqui já. No seu álbum o que você colocou depois?

BECA – Foi o dia que eu conheci a neve.

LILI – Sério?

BECA – Foi em um país aqui perto que esqueci o nome agora, mas olha *(Crianças se imaginam nesse lugar)*

LUCAS – Vamos fazer um boneco de neve.

GUTO – O meu vai ficar maior.

BECA – Não, o meu que vai.

LILI – Você não está com frio?

GUTO – Como que faz um boneco? Eles não usam cenoura para fazer o nariz?

LUCAS – Usa o que tiver aí.

BECA – Vou pegar essa touca.

GUTO – Não, me devolve!

BECA – É pro boneco de neve.

GUTO – Se vira.

BECA – Relaxa, eu vou te devolver.

LUCAS – É rápido, ô cabeça.

GUTO – Aqui, o meu está quase pronto.

BECA - Olha o meu.

LILI - O meu vou deixar assim mesmo. Sem sorriso.

BECA - Ai gente, vamos fazer aqueles anjinhos?

LUCAS - Vamoooss!!

LILI – Eu sempre quis fazer isso.

BECA – Nossa, gente, está mesmo frio por aqui, né.

GUTO – Quando é inverno no abrigo é sempre assim.

LUCAS – Que família daora, hein. Quer dizer. Até você voltar.

BECA – Sim, mas nem fiquei muito triste. Não queria ser adotada, aí o meu boneco de neve estava bonito demais e decidiram me mandar de volta pra cá.

(Maria entra em cena)

MARIA – Pessoal, chegaram hoje as doações da campanha de agasalhos.

BECA – Campanha?

GUTO – Todo ano precisamos por causa do frio.

LILI – Os outros já pegaram?

MARIA – Eu separei por tamanho.

LUCAS – Ainda está fazendo um pouco de frio, né.

MARIA – Vai melhorar, pessoal. Vai melhorar. Meninos, me ajudem com essa caixa.

(Maria, Lucas e Guto saem de cena)

CENA 3

BECA – Lili, você vai ficar com frio.

LILI – Não sinto tanto frio como você.

BECA – Eu acho que eles são meus amigos, né.

LILI – O Guto e o Lucas?

BECA – Sim, queria que eles fossem.

LILI – Tem as outras crianças, não vamos ficar sozinhas.

(Ana entra em cena)

ANA - Aí onde vou me esconder?

BECA - O que foi, Ana?

ANA - Preciso de um lugar pro João não me achar.

LILI - Vixe, aqui não tem...

ANA - A gente tá brincando de esconde-esconde.

(João entra em cena)

JOÃO - Achei!!

ANA - Não valeu, não deu tempo.

JOÃO – Valeu sim. Agora é a minha vez. *(Observa os papeis e canetas no chão)*

Do que vocês estavam brincando?

BECA – Nós estamos montando um álbum de fotos.

ANA – Eu quero também!

BECA – Aí quando a gente não tem foto, a gente desenha.

JOÃO – Queria muito ter uma foto dos meus pais pra guardar.

LILI – Pega alguns papeis, vamos montar o seu.

BECA – Coloca o que você for lembrando.

JOÃO – O café da manhã...

ANA – Eu coloquei a Maria, olha!

LILI – Ficaram lindas.

JOÃO – A gente andava de carro.

ANA – Por que tem preço ali?

JOÃO – Preço?

ANA – É preço sim, eu vi.

BECA – Não viu não.

JOÃO – Do que cê tá falando?

ANA – Eu vi que tinha um preço no canto da página.

BECA – Você se enganou.

ANA – Então mostra.

JOÃO – É, mostra.

BECA – Eu acho que vou guardar.

ANA – Assim não vale.

JOÃO – Você não sabe brincar.

LILI – Quanta curiosidade...

ANA – Deixa a gente ver.

BECA – Outro dia, gente.

ANA – Por que não?

BECA – Melhor assim. Olha, me falem um lugar diferente que vocês já foram.

JOÃO – Meus pais só me levaram no parque, tinha montanha-russa.

ANA – Mas você nem pode ir, você é pequeno.

JOÃO – Eu fui naquele cavalo.

ANA – Ele nem gira rápido.

LILI – Vai começar...

JOÃO – Gira sim.

ANA – Eu vou mais rápido.

JOÃO – Eu mais.

ANA – Quero ver então.

(Ana e João saem de cena correndo)

CENA 4

(Fernanda, Levi e Tainá entram em cena)

FERNANDA – Por isso eles pensaram de fazer uma apresentação.

LEVI – Sempre tem essas coisas, quando o juiz vem aqui também.

TAINÁ – Eu não queria dançar não.

FERNANDA – Vai ser legal, vamos criar algo bem bacana.

LEVI – A Maria pediu.

TAINÁ – Mas vocês nunca dançam.

LEVI – Nós já somos mais velhos.

TAINÁ – Não é justo.

FERNANDA – Olha, pelo menos a feijoada não tem essa pressão de quando tem visita.

TAINÁ – Beca, você nem sabe. Vamos precisar dançar no dia da feijoada.

BECA – Por quê?

TAINÁ – A Maria pediu pra eles.

FERNANDA – Vai ser legal, pra depois que todos eles almoçarem.

BECA – Não gosta muito de dançar?

TAINÁ – Assim desse jeito não.

BECA – Eu também não muito. Mas não ligo.

LILI – Ai eu amo dançar.

TAINÁ – Mas a feijoada vai ser legal.

TAINÁ – Vão poder conhecer a gente.

FERNANDA – É, mas lembra que não é o objetivo.

TAINÁ – Tem vezes que não deixam nem a gente conversar.

FERNANDA – São alguns cuidados que eles tomam, mas vai ser legal.

LEVI – Vão comer uma comida diferente.

FERNANDA – A gente vai lá.

LEVI – Tentar fazer isso. Que preguiça.

FERNANDA – Vamos logo.

(Fernanda e Levi saem de cena)

LILI – A gente pode brincar de alguma coisa.

BECA – Do que vamos brincar agora?

TAINÁ – Tem umas bolhas de sabão perdidas por aí.

(Crianças se imaginam em um parque)

LILI – Eu amo brincar de bolha de sabão.

TAINÁ – Olha o que eu sei fazer.

BECA – Você sabe fazer estrelinha!!

TAINÁ – Eu te ensino.

LILI – Aqui é calor, né.

BECA – Sim, vamos tomar um sorvete.

(Levi entra no palco como um vendedor, enquanto Maria e João entram no lado oposto)

TAINÁ – Olá, gostaria de fazer um pedido?

LEVI – Pode falar!

JOÃO – Eu vi um amigo da escola com um pacote de bolacha.

MARIA – Precisamos esperar o almoço.

LEVI – Um sorvete de creme?

BECA – Isso mesmo!

MARIA – Eu sei que você tem vontade de comer isso, mas pra comprarmos essas bolachas, precisamos ter para todo mundo.

JOÃO – Eu fiquei com vergonha de pedir uma pra ele.

MARIA – Eu não vou prometer, mas se tudo der certo com a feijoada, vamos ter uma dessas uma vez.

LEVI – Aqui, todos os sorvetes.

(Levi sai de cena)

BECA – Muito obrigado.

LILI – Toma cuidado pra não derrubar no chão.

JOÃO – Eu vou esperar. E vou torcer muito muito pra conseguirmos.

TAINÁ – Eu só comi sorvete poucas vezes. Aqui no abrigo.

(Guto e Lucas entram em cena, mas ao perceberem a conversa, ficam escondidos ouvindo)

LILI – Está uma delícia, né. Quero mais.

TAINÁ – No dia das crianças. E no natal também. Sua família já te levou pra comer sorvete?

BECA – Sim, às vezes no domingo de tarde.

TAINÁ – E você acabou voltando, né... pro abrigo.

BECA – Sim. Porque... Fiz um boneco de neve feio com uma família.

TAINÁ – Um boneco de neve feio? E isso é motivo?

BECA – Sim, fiz de propósito. Eles tinham outro filho e o dele era mais bonito.

TAINÁ – Eu também tinha um irmão. Quer dizer ainda tenho. A gente morava na rua, eles me pegaram e ele continuou lá.

BECA – E vocês nunca mais se viram?

TAINÁ – Não. Por isso que não quero fazer álbum não. Isso é pra criança que tem família. A gente que não tem pai... Um dia, quando eu for adotada.

LILI – E conhecer o trem.

TAINÁ – Eu quero muito tirar foto no trem, aí quando eu tirar, vou fazer um álbum. Sabe que essa brincadeira me deixou com um pouco de fome?

BECA – É, eu também fiquei.

TAINÁ – Vamos almoçar daqui a pouco.

MARIA – Eu quero o melhor pra eles. Essa feijoada precisa dar certo. Precisa dar certo. Ei, meninas, me ajudem aqui.

BECA – O que precisa, Maria?

MARIA – Aqueles papéis que deixaram jogados.

BECA – Estou indo.

MARIA – *(Pega um papel escrito “Lili”)* Beca?

BECA – Pode falar.

MARIA – Nada. Venham me ajudar.

(Beca, Lili e Maria saem de cena)

CENA 5

(Guto e Lucas entram em cena)

GUTO – *(Para Tainá)* Ei, queria falar uma coisa.

TAINÁ – To sem tempo agora.

GUTO – É sério.

LUCAS – Assunto muito sério.

TAINÁ – Maria queria que eu arrumasse...

GUTO – Presta atenção.

LUCAS – A Beca falou sobre a família que ela passou.

TAINÁ – As famílias, né.

LUCAS – E ela falou o porquê ela voltou?

TAINÁ – Sim, algo sobre o boneco de neve dela.

GUTO – Ser bonito demais.

TAINÁ – Ser feio demais.

LUCAS – Ela falou que era bonito demais? Ela mentiu pra gente.

TAINÁ – E isso é motivo pra voltar?

LUCAS – E ela mal deixou a gente pegar no álbum.

GUTO – Parecia um papel daqueles de revistas que é fininho.

TAINÁ – A gente precisa descobrir por que ela disse isso.

LUCAS – Vamos perguntar pra ela.

TAINÁ – Mas calma, não dá pra chegar perguntando.

GUTO – Como vamos fazer isso?

(Beca e Lili entram em cena)

GUTO – E aí, Beca.

BECA – Oie, gente.

TAINÁ – A gente queria tanto conhecer a neve.

LUCAS – Igual você.

GUTO – Será que quando a gente sair daqui, vamos conhecer?

TAINÁ – Se uma família levar, né. Foi sua família que te levou, né, Beca?

BECA – Sim, eles levaram.

GUTO – E que legal que eles tiraram fotos.

LUCAS – Sim, inclusive deixa a gente ver seu álbum.

TAINÁ – Lucas!!

LUCAS – Ué, que foi?

BECA – Meu álbum? Ah, mas eu já contei as histórias das fotos.

GUTO – É que a gente queria ver como elas ficaram, pra gente imaginar melhor.

BECA – É que ele tá guardado, aí...

LUCAS – Você mentiu!

TAINÁ – Lucas!!

GUTO – Não era pra ter falado!!

LUCAS – Ué, não é isso que era pra falar?

GUTO – Era, mas não desse jeito!

TAINÁ – Eu vou falar logo. A gente queria saber por que você disse pra mim que voltou pro abrigo por ter feito um boneco de neve feio e pra eles que era bonito.

LUCAS – Isso não é um motivo de verdade.

BECA – É que. Ai que me perdoem, eu. Então, eu ainda me sinto meio. Eu fiquei com vergonha de contar. Depois que aquela família teve um bebê, vieram me buscar. Eu voltei pro abrigo por causa disso.

TAINÁ – Mas por que você não quis contar isso pra gente?

BECA – Eu fiquei. Tinha medo de não ser amiga de vocês.

LUCAS – E aí você inventou essas histórias? E o álbum?

BECA – Me perdoa.

TAINÁ – Beca, está tudo bem. Nós te perdoamos.

LUCAS – Sim, ser adotado e voltar pro abrigo...

GUTO – Então você não estava falando sério sobre não querer ser adotada?

BECA – Isso é verdade!

TAINÁ – Mas você acabou de falar que criou tudo.

BECA – Não, é que. Tá bem, o que aconteceu é que eu tenho uma irmã. De verdade. De sangue. E ela foi morar no Canadá.

GUTO – Uma irmã?

BECA – Sim, e ela falou que vai me buscar. Eu não quero ser adotada por causa disso. Não quero estar morando com outra família.

LUCAS – Ela falou quando volta?

BECA – Não disse.

TAINÁ – E qual o nome dela?

BECA – Lili.

CENA 6

MARIA – *(Do lado oposto do palco, com um papel anotado encontrado dentro de um livro, ao mesmo tempo que Beca)* Lili. Isso é coisa da Beca.

ANA – E olha, Maria, eu te desenhei.

MARIA – Que lindas que ficamos, né.

JOÃO – Maria, olha o meu.

MARIA – Está muito bonito também.

ANA – Queria mais fotos pra colocar no meu álbum.

JOÃO – A Beca que deu essa ideia pra gente.

ANA – O João lembra mais dos pais dele. Eu sempre morei aqui, né, Maria.

MARIA – Sim, você chegou aqui quando era um bebê.

JOÃO – Um dia vamos ser adotados, Maria?

MARIA – Vocês não irão morar aqui para sempre, minhas crianças.

ANA – Queria ter um álbum bonito igual ao da Beca. Ela foi adotada três vezes e foi em vários lugares legais.

MARIA – Adotada três vezes? Ela não...

JOÃO – Sim, ela já conheceu a neve, fez um boneco de neve.

MARIA – Ah, é verdade?

ANA – Sim, uma família que ela morou fez várias coisas.

JOÃO – Ela comeu várias comidas gostosas. E os brinquedos.

MARIA – Crianças, quero pedir uma coisa para vocês: chamem a Beca, fala pra ela vir falar comigo, por favor.

JOÃO – Claro, Maria.

(Beca se dirige a Maria. As demais crianças saem de cena)

MARIA – Posso ver seu álbum, Beca?

BECA – *(Relutando)* Maria... Está aqui.

MARIA – Beca, esse álbum. São recortes de revistas. Você falou para as crianças que foi adotada três vezes?

BECA – Maria.

MARIA – Aniversário da Lili?

BECA – Ela vai me buscar. Ela vai.

MARIA – Ela não está aqui. Meu bem, eu sei que você sabe. Sei também que você acredita nisso. Mas precisa passar por isso. Ela morreu fazem alguns anos. Ela não está aqui.

(Beca sai correndo e chorando e todas as luzes focam nela)

BECA – Por que ela diz isso? Num lugar bem longe daqui. Em um lar. Eu sei que. Eu falei que ia esperar. Um dia. Um ano. Ela vinha me buscar. Não vem.

MARIA – *(Abraçando)* Não vem. Mas eu estou aqui. Eu e uma série de amigos estamos aqui juntos. Com você.

BECA – Eu só tenho uma foto dela. Por isso eu fiz o álbum. Eu não queria mentir.

MARIA – Nós vamos passar por isso. Você vai conseguir.

BECA – Queria que me achassem divertida. Queria ter amigos.

MARIA – Vamos, Beca.

BECA – Maria, esse álbum... Acho que. Pode levar.

(Maria e Beca saem de cena)

CENA 7

TAINÁ – Corre, vamos nos atrasar de novo.

LUCAS – Olha, meu sapato.

TAINÁ – *(para Ana)* Deixa eu te ajudar.

LUCAS – *(para Guto)* O boné.

JOÃO – Olha, consegui amarrar.

GUTO – Ai que fome.

ANA – Vão gostar da gente será?

(Beca entra em cena)

BECA – Gente, eu tive uma ideia: vamos fazer uns desenhos nossos pra pendurar pra feijoada.

ANA – Vamos!

LUCAS – Eu quero.

TAINÁ – Ai gente, é apresentação, é desenho.

JOÃO – Cadê as canetas?

GUTO – Eu quero esse verde.

LUCAS – Não, eu vou usar.

BECA – Pega esse daqui.

ANA – Me ajuda a escrever meu nome.

JOÃO – Para, deixa eu fazer, depois cê faz.

LUCAS – Cadê o lápis azul?

TAINÁ – Bora lá, né, tá todo mundo fazendo.

ANA – O meu vai ser o mais bonito.

GUTO – Duvido.

ANA – O meu que vai.

JOÃO – Deixa eu usar o lápis agora. Você já tá muito tempo.

(Fernanda e Levi entram em cena)

FERNANDA – Vocês estão desenhando?

BECA – É, pra deixar na parede.

ANA – Pra eles conhecerem a gente.

LEVI – Preparados pra dançar, hein.

TAINÁ – Ai nem me fale que eu fico nervosa já.

LUCAS – Não tamo atrasado?

FERNANDA – Eles já vão chegar.

(Maria entra em cena)

MARIA – Estão todo lindos. Aqui, antes de irmos pro refeitório. Vamos fazer uma foto de vocês.

FERNANDA – Vem cá, fica perto de mim.

MARIA – Você troca de lado, por causa do tamanho.

LEVI – Deixa os dois na frente.

TAINÁ – Você tá me tampando.

MARIA – Sorriso agora.

BECA – Digam xis.

FIM

Sobre o autor: Matheus Dantas é um artista que atua e escreve. Comunicador por alma e por formação, sua grande paixão é contar histórias, pois acredita no poder que elas criam para conectar pessoas e transformar vidas. Com 18 anos escreveu, dirigiu e produziu sua primeira peça de teatro e hoje assina quatro peças encenadas ao todo. Formado em Relações Públicas, é estudante de teatro musical e de dramaturgia.

Contato: matheusdantasgoncalvess@gmail.com

NO TREM

Mayara A. Torres

Pelas janelas do trem se vê vários outdoors.

OUTDOOR: Não se trabalha nunca. Nem mesmo um dia, quando se ama aquilo que é realizado.

Sofia está com fones de ouvido, concentrada em um podcast.

PODCAST: “Aceitação rápida melhora o ato de adaptar-se. Ao se adaptar continua se a viver...”

AUTOFALANTE: Boa tarde senhores passageiros. Estamos muito felizes por estarem conosco nesta viagem agradável. Obrigada por escolher a Happy company. Tenham todos uma radiante viagem.

PODCAST: “ser positivo trará sempre ganhos, o pensamento positivo transforma (pausa) Nunca ser pessimista, isso o deixa menos produtivo”

Sofia abre a bolsa, está procurando o seu tablet para fazer anotações. Cléber o panfleteiro, entrega a ela um panfleto.

CLEBER: Boa tarde Senhora. Então, o que é que vai ser, hein?

Levanta a cabeça devagar.

SOFIA: Mas o que? Será um Cléber? – *olha para os lados sem entender.*

Cléber já não estava mais lá. Coloca o papel na bolsa sem olhar.

AUTOFALANTE: Abra a felicidade, experimente nossos sabores de cola e limão, agora sem acidulante fosfórico corante V. Tome os refrigerantes Caco Loca, com gostinho de alegria.

Guarda ao fundo do trem interpela homem inquieto sentado.

GUARDA: Cidadão protocolo!

CIDADÃO: Aqui está senhor – fala nervoso.

GUARDA: Cidadão é extremamente proibido ficar viajando sem a permissão de contribuinte. Exceto universitários e colegiados.

CIDADÃO: Senhor eu tenho um número eu refrigerantes Caco tenho um protocolo de atendimento...

GUARDA: Cidadão como eu bem constei é necessário o número do protocolo e o status do atendimento para classificarmos o Cidadão como contribuinte ativo. Então como consta na lei o cidadão terá que me acompanhar até o posto de atendimento ao cliente para solicitar a senha para regularizar a sua classificação e pagar a devida multa referente a permissão desregularizada.

AUTOFALANTE: Happy fast atendimento, tenha sua permissão classificada através de um atendimento robótico humanizado. Happy fast o mais rápido e otimizado.

Sofia olha pela janela, vê um outdoor.

OUTDOOR: Engenharia Happy, você que acabou de completar 21 anos, venha trabalhar para a nossa empresa nos turnos do sonho, seja produtivo e feliz.

No primeiro vagão do trem as janelas estão fechadas com cortinas e isolamento acústico, Amália e Félix estão prestes a iniciar o seu turno do sonho.

AMÁLIA: Esse vagão da companhia é um pouco mais caro, mas vale a pena por já ter os equipamentos sensoriais de realidade aumentada necessários para o turno do sonho.

FÉLIX: É verdade de uma certa forma a gente acaba economizando por não ter que comprar esses equipamentos, além do mais a gente tem uma estrutura super confortável para a gente aproveitar o turno. A felicidade está na happy company.

AMÁLIA: E outra coisa super legal é que também não precisamos comprar as pílulas de imersão está tudo incluso no pacote, que felicidade.

FÉLIX: Além de todos esses benefícios, temos um suporte para colocar nossa bolsa coletora de urina, não é demais? Como não escolher a Happy company?!
Amália e Félix tomam as pílulas, colocam os equipamentos de maneira sincronizada, dando início ao turno do sonho.

AMÁLIA: Pela análise realizada pelo sistema operacional do banco de dados médicos esse cliente teve um infarto agudo do miocárdio, sendo de suma importância que o programa referente da cirurgia de stent seja selecionado na máquina operatória RX 3000.

FÉLIX: O número do protocolo referente ao seu atendimento é o 235 458 0000001, status ativo, agora você se tornou para o sistema: cidadão contribuinte, parabéns. O protocolo e status, foram atualizados nos dados do seu Qr code, não esqueça de deixa-lo sempre atualizado. Bom dia e obrigada por escolher o posto de atendimento Three Happy.

No último vagão um cidadão contribuinte aciona seu cigarro eletrônico de cannabis sativa.

AUTOFALANTE: Identificamos o uso ilícito de remédios não autorizados.

Cidadão olha para trás e se depara com o guarda ao seu lado.

GUARDA: Esse vagão é apropriado para o uso de substâncias calmantes autorizadas. *(fala rápida)* De acordo com a regulamentação vigente do capítulo 5 parágrafo 2 adendo 21 o uso de substâncias calmantes em transporte de viagem necessita de um protocolo de autorização de substância calmante em transporte de viagem por cidadão contribuinte.

CIDADÃO: Eu eu a achei que *(interrompido)*

GUARDA: Autorização não identificada na leitura do QR Code da sua poltrona de passageiro. Após a viagem o cidadão deverá comparecer há um posto de atendimento e atualizar seus dados. Obrigada por escolher a Happy company.

CIDADÃO: O o obrigado pe pelo esclarecimento.

AUTOFALANTE: Calmax um medicamento fitoterápico indicado para o tratamento da insônia, irritabilidade, ansiedade, agitação nervosa, estresse. E o melhor não precisa de autorização para o seu uso. *(fala rápida)* Ao persistirem os sintomas o sistema médico deverá ser acionado.

Sofia continua com os fones de ouvido.

PODCAST: Bem vindos alunos agora sua aula de fisiologia do curso de engenharia médica. Obrigada por escolher a universidade fun, aqui seu aprendizado é feliz e divertido.

SOFIA: *(fala sozinha)* Vou olhar minhas redes sociais rapidinho.

Sofia olha seu celular por um tempinho, em seguida pega o panfleto da bolsa e o lê em voz alta.

SOFIA: Aqui você ri, chora e pode fazer textão. Assista os filmes cults de maior reconhecimento do mercado e melhore seus tweets, engaja-se. Assine a Engajaflix.

OUTDOOR: Egresso feliz está aqui, trabalhos especiais, seja um grande contribuinte. Aqui você deixa de ser um egresso e se torna um cidadão. Happy company fazendo sua vida feliz.

Cléber entrega um panfleto para um cidadão.

AUTOFALANTE: Nossos Clébers Circulam disseminando ofertas imperdíveis e serviços essenciais, com panfletos de alta tecnologia que possuem um sistema que identifica a oferta que mais parece com você.

PODCAST: O trabalho mecânico gerado pela contração muscular e subsequente movimento nos mostra a transformação de energia. Energia é a capacidade de realizar trabalho.

CLÉBER: Por que será que as coisas são tão frenéticas? Por que será que estamos dentro desse sistema Capitalista? Por que será que tudo é Produto? Será que eu não me esforcei o suficiente?

AUTOFALANTE: Porque perguntar o porquê, beba álcool, ninguém gosta de um pensador. Quanto mais você bebe, menos você pensa. Tome Mahara, beba sem ponderação.

CIDADÃO: Você pode me trazer uma água? (*Espirra*)

AUTOFALANTE: Se você como eu não pode parar por uma gripe. Use Fungripe, esse medicamento tem: Ação anti-inflamatória. Ação anti analgésica. Dupla

ação. 12 horas. (*Fala rápida*) Esse medicamento é contraindicado em caso de suspeita de sapiência. Ao persistirem os sintomas o sistema médico deverá ser acionado.

CIDADÃO: Ah e um Fungripe também. Obrigada.

CORO (*com todos os atores, em tom de samba*):

Progresso, progresso

Ouvi falar que vem do trabalhar

Ordem, ordem

Ouvi falar que vem do militar

Progresso, progresso

Comercial

Ordem, ordem

Parcial

Sofia vai para a frente do palco e se dirige ao público.

SOFIA: Que tal comprar uma peça que cabe no seu bolso, com descontos e benefícios especiais para membro gold. Com um roteiro alinhado com as suas necessidades, aumente o engajamento do seu negócio, oferecemos vários planos que combinam com o tamanho do seu negócio. Vêm para a Happy Company. Vêm!

Sobre a autora: Mayara Araujo Torres. Artista. Formada em educação física e pós graduada em Dança e Consciência Corporal (2021). Estuda: fotografia na Etec de artes, cinema no programa cinematographos da casa Guilherme de Almeida, dramaturgia na Fundação das Artes de São Caetano (FIC-FASCS), além de dança do ventre, dabke libanês e árabe.

Contato: mayaraditorres@gmail.com

TAG – Quem está no controle?

Nathália Borges Pastorelli Cerqueira

PERSONAGENS:

ANA

ANSIEDADE

DONA MARIA

MÃE DE ANA (VOZ)

FLÁVIO

AMIGO 1

AMIGO 2

AMIGO 3

DOUTOR

CENA 01

Quarto de Ana. Cama desarrumada, ao lado uma mesa de cabeceira com um livro e o controle remoto da tv. Ana entra, senta na cama, se levanta inquieta e começa a andar de um lado para o outro no quarto.

ANA: Preciso terminar de ler esse livro pra faculdade. Mas primeiro vou arrumar essa bagunça.

ANSIEDADE: Não esquece que amanhã você precisa ir ao mercado e fazer a comida.

ANA: Amanhã preciso ir ao mercado e fazer a comida.

ANSIEDADE: E aquelas contas hein? Vai fazer como pra pagar?

ANA: Preciso pagar aquelas contas. Não sei como vou fazer. Aqueles materiais do curso bagunçaram todo meu orçamento.

ANSIEDADE: Não esquece de ligar para os seus pais. Se não vai esquecer de novo e aí já viu né.

ANA: Preciso ligar pra minha mãe. Ai não quero, é sempre a mesma pressão, não tô afim. Amanhã eu ligo.

ANSIEDADE: Se não sou eu pra te lembrar das coisas viu...

ANA: *(Sentando na cama com as mãos na cabeça)* Minha cabeça está a mil ultimamente, não consigo lembrar de nada, e quando lembro não consigo focar.... difícil viu

ANSIEDADE: Fica assim não, eu te ajudo.

Batem na porta. Ana vai atender, é sua vizinha, Dona Maria, ela está com um pote nas mãos.

ANA: Oi Dona Maria, como vai?

D.MARIA: Oi minha filha, fiz um bolo e trouxe um pouco pra você, espero que goste.

ANA: Não precisava! Mas muito obrigada pela preocupação.

D.MARIA: Imagina querida, se precisar de algo pode me chamar.

ANA: Obrigada Dona Maria, uma boa noite pra senhora!

D.MARIA: Boa noite!

Ana fecha a porta e volta feliz para o quarto, pegando um pedaço do bolo e enfiando na boca.

ANA: *(de boca cheia)* Meu bolo preferido, hmm...como eu amo essa mulher!

ANSIEDADE: Pronto, agora que não vai fazer nada mesmo. Mas que isso aí tá com uma cara boa, hmm isso tá!

ANA: Quer saber? O dia hoje foi cheio, vou é descansar um pouco, comer esse bolo maravilhoso, tentar me distrair, e amanhã faço tudo isso.

Ana senta na cama e liga a tv, enquanto continua comendo o bolo.

ANSIEDADE: *(Para o público, em tom sarcástico)* É sempre assim viu? Ela chega, cheia de coisas pra fazer, mas sempre deixa pra última hora. Eu fico aqui falando, falando, e falando o tempo todo, lembrando o que ela tem que fazer, mas ela prefere ver tv. A real é que uma coisa puxa a outra e no fim tudo nos lembra problemas, então a gente vai lá, vê um filme, e esquece um pouco a realidade sabe? *(Para Ana)* Ei Ana, tenho uma coisa pra você. *(Pega um papel, nele está escrito "PROCRASTINAÇÃO" e cola em Ana).*

CENA 02

Escritório onde Ana trabalha. Ana chega atrasada, ofegante, senta, respira fundo. Celular toca.

ANA: Ai, mãe agora não... Alô? Oi mãe, tudo bem?

MÃE: Oi filha, nem me ligou, está tudo bem?

ANA: Está sim mãe. E por aí? E o pai como está?

MÃE: Tudo na mesma né, as mesmas dificuldades.

ANA: Entendi mãe...

MÃE: Que voz é essa? Aconteceu alguma coisa?

ANA: Não aconteceu nada não mãe...Tá tudo bem

MÃE: Você tem se alimentado bem? Dormido bem?

ANSIEDADE: Hahaha até parece....

ANA: Tenho sim mãe, não se preocupe.

MÃE: E a faculdade filha? Está gostando?

ANA: Mãe...A senhora sabe que não gosto desse curso.

MÃE: Não tem que gostar não minha filha, tem é que dar dinheiro, gostar não paga as contas não. Olha para nós, criamos você com tanta dificuldade pra que você pudesse ter uma boa oportunidade.

ANA: Tá bom mãe.

MÃE: E o trabalho como está?

ANA: Outra coisa que eu detesto. Só tô aqui pra conseguir pagar a faculdade e as contas todas.

MÃE: Quando você se formar, vai arrumar um emprego melhor.

ANA: É...

MÃE: Nem pense em desistir hein? Nós acreditamos em você filha, não nos decepcione.

ANA: Tá bom mãe, preciso ir, tchau. (*desliga o telefone*). Olha eu tento viu... mas é difícil, ela não me entende.

ANSIEDADE: Você devia era largar essa faculdade e esse emprego.

ANA: Eu queria largar tudo, mas não dá...preciso do emprego pra pagar a faculdade, e também não vou voltar pra casa dos meus pais...

ANSIEDADE: Larga essa faculdade, você nem gosta disso

ANA: Não posso decepcionar eles.

ANSIEDADE: *(para o público)* Vocês já quiseram fazer uma coisa e acabaram fazendo outra só para agradar alguém? Pois é, é isso que a Ana está fazendo, abrindo mão do futuro que ela quer só para agradar a mãe dela. Eu falo pra ela largar tudo, mas não tá adiantando não... Isso tá deixando a gente cada vez mais inseguras e estressadas, não conseguimos mais decidir nada sozinhas, sempre precisamos da opinião de alguém.

Ansiedade pega mais um rótulo com a escrita "INFELICIDADE" e cola em Ana. Ana começa a mexer no computador.

ANA: *(para si mesma)* Vamos lá Ana, foco agora, você precisa terminar esses relatórios.

ANSIEDADE: Eu te ajudo, deixa eu ficar aqui do seu lado e...

ANA: *(inquieta)* Ai meu Deus, eu não vou conseguir isso a tempo.

Entra Flávio, colega de trabalho de Ana

FLÁVIO: Fala Aninha!

ANA: Oi.

FLÁVIO: Que foi que você tá toda nervosa aí?

ANA: Preciso terminar esses relatórios urgente e não sei se vou conseguir.

FLÁVIO: Fica tranquila, claro que consegue!

ANA: Você não tá entendendo, isso aqui tem que ficar perfeito, não pode ter um errinho.

FLÁVIO: Relaxa! Você se cobra demais. *(Fala saindo de cena)*.

ANSIEDADE: Se cobra demais...Quem ele tá pensando que é pra falar assim com a gente, tem que ser assim pra sair tudo certinho. Se não sou eu pra ficar em cima... Essas pessoas não entendem mesmo viu...Vai Ana só mais uma ajeitadinha aqui, isso altera ali também, e pronto! Terminou!

ANA: Acho que terminei. Agora vamos enviar e prontinho!

Ana pega o telefone e liga para o chefe.

ANA: Bom dia Sr. Barbosa, acabei de enviar o relatório que o senhor pediu. Como assim não era isso? Ah sim, ok. Desculpe vou corrigir envio até o final do dia.

ANSIEDADE: Xiii, errou de novo?

ANA: Ai que saco, não consigo fazer nada direito!

ANSIEDADE:*(Enquanto pega um rótulo com a escrita "INCAPACIDADE" e cola em Ana)*. Hoje tá difícil viu, você não tá conseguindo fazer nada direito, melhor tentar dar uma distraída. Por que não dá uma olhadinha nas redes sociais?

Ana pega o celular, desanimada.

ANA: Nossa, olha só o Zé como tá bem de vida. Gente e a Maria, olha teve um bebezinho, olha que lindo!

ANSIEDADE: Menina, olha a Bel casou, chocada! Ana você precisa tomar providência, vamos ficar pra trás desse jeito, olha todo mundo se dando bem, assim não dá!

ANA: Ai, quando será que vai acontecer algo bom na minha vida... Detesto a faculdade, não aguento mais esse emprego, e sinto que não tenho amigos...Sabe eu largaria tudo, mas tenho medo, se pelo menos meus pais me apoiassem, aí seria diferente.

ANSIEDADE: É verdade, você viu como a família do Carlos apoia ele? Chega a ser bonito de ver né? Mas a real é que nós não temos isso. *(Pega o rótulo com a escrita "COMPARAÇÃO" e cola em Ana).*

ANSIEDADE: *(Para o público)* A grama do vizinho é sempre mais verde, não é mesmo? A comparação é o caminho para a infelicidade. Pode te fazer sentir inadequado, inferior e até injustiçado.

CENA 03

Quarto de Ana. Ana caminha de um lado para o outro no quarto.

ANA: De hoje não passa. Vou terminar de ler esse livro e fazer esse trabalho.

Ana senta na cama, pega o livro que está na mesa de cabeceira e começa a ler.

Ansiedade senta ao lado dela. Ana começa a balançar as pernas, inquieta.

ANSIEDADE: Tem certeza que é esse livro? Não era aquele outro?

ANA: É esse livro mesmo.

ANSIEDADE: E fala sobre o que?

ANA: Não consigo entender nada, acho que vou fazer outra coisa.

Ana fecha o livro e coloca de volta na mesa de cabeceira. Levanta. Anda novamente de um lado para o outro no quarto. Senta novamente. Pega o controle e liga a tv.

ANA: Que saco! Eu não consigo me concentrar em nada!

ANSIEDADE: É por isso que estou aqui, tenho que ficar te lembrando do que fazer o tempo todo. Tenta ler aí de novo esse livro.

ANA: Vou tentar de novo...Já está difícil não pensar em nada, ainda esse livro chato. *(pega o livro novamente, inquieta)*

ANSIEDADE: Não sei por que você insiste nisso. Você nem gosta desse curso, tem tanta coisa pra fazer, tá aí perdendo tempo.

Ana novamente fecha o livro e volta para a tv, bufando.

ANA: Livro chato. Por que tô insistindo nisso? Vou tentar ver um filme pra me distrair.

ANSIEDADE: Isso, vamos ver tv, é mais legal.

(Silêncio)

ANSIEDADE: Pensando bem, acho que você deveria ler o livro. O trabalho é pra semana que vem.

ANA: Ai, esses trabalhos estão me deixando nervosa, e parece que quanto mais nervosa eu fico, menos eu consigo fazer...Na verdade não queria era fazer nada, só ficar aqui deitada vendo tv.

ANSIEDADE: Faz depois então, você sempre deixa pra última hora mesmo.

ANA: Me sinto tão mal com isso, queria conseguir fazer as coisas melhor...

ANSIEDADE: Acho melhor você nem pensar mais nisso, depois fica aí toda triste, vamos voltar pra tv, vai.

ANSIEDADE: *(Para o público)* É muito difícil se concentrar com todos esses problemas. A gente até tenta, vocês estão vendo né? Mas tem hora que não dá, e pra não se estressar, a Ana acaba não fazendo nada e depois fica aí triste, irritada, não dorme direito, e por aí vai...

Ansiedade pega o rótulo com a escrita: “FRUSTRAÇÃO” e cola em Ana.

CENA 04

Porta da Faculdade. Ana está rodeada de amigos, todos rindo e conversando. Ana tenta disfarçar sua agitação.

AMIGO 1: Vocês terminaram aquele trabalho pra semana que vem?

AMIGO 2: Eu já terminei.

AMIGO 3: Nossa, nem comecei ainda.

ANSIEDADE: Esse povo só fala de trabalho, trabalho, trabalho... Melhor você correr pra conseguir fazer também, nem começou ainda, não vai dar tempo.

ANA: *(Para si mesma)* Tanta coisa na cabeça, nem consigo pensar em trabalho.

AMIGO 2: Ei Ana, tá quieta, tá tudo bem?

ANSIEDADE: Nem fala nada, eles não vão te entender, fala que tá tudo bem.

ANA: Tá tudo bem sim.

AMIGO 2: E aí gente, já sabem o que vão fazer depois que o curso acabar? Nossa eu não vejo a hora de trabalhar na área.

AMIGO 1: Meu pai é arquiteto, vou trabalhar com ele.

AMIGO 3: Eu nem tô pensando nisso ainda, por mim nem trabalhava se não precisasse (*risos*).

AMIGO 2: Tô investindo muito nesse curso, os materiais são caros, não tenho mais fim de semana, sempre fazendo os trabalhos. Já que tô me dedicando tanto, quero ver o retorno disso logo.

ANA: (*Para si mesma*) Não sei o que tanto veem nesse curso chato. Eu tô tão cansada disso, só quero ir embora daqui.

ANSIEDADE: Não chora! Vão ver você chorando e ficar perguntando coisas, se controla aí.

AMIGO 1: E você Ana?

ANA: Oi? Que? Sim, é tudo caro mesmo.

AMIGO 1: O que vai fazer depois do curso? Tá distraída hoje hein.

ANA: Ah, não sei, o que todos fazem né, procurar estágio e essas coisas...

AMIGO 2: Me disseram que é difícil conseguir estágio na área, por isso já tô aqui pensando nisso desde já.

ANA: (*Para si mesma*) Mais uma coisa pra pensar.

ANSIEDADE: O curso ainda vai demorar pra acabar, temos outras coisas pra nos preocupar agora.

ANA: Será que ninguém percebe? Parece que nem estão me vendo aqui direito.

ANSIEDADE: Percebem nada não, estão ocupados com as próprias vidas. Mas é melhor assim, ninguém entenderia e ainda iriam te julgar, vai na minha.

ANA: Não posso deixar que percebam que eu não estou bem.

ANSIEDADE: É o que eu sempre te falo. Vem, vamos embora?

CENA 05

Quarto de Ana. Ana entra e senta na cama.

ANSIEDADE: Como você aguenta ficar assim sozinha? Não tem ninguém pra conversar, e também, ninguém te entenderia, não é? Vê se algum dos seus amigos te mandou mensagem.

Ana pega o celular, olha e deixa de lado.

ANA: Tô me sentindo tão sozinha.

ANSIEDADE: Acho que você precisa mesmo é sair um pouco, dar um rolê com os amigos, mas também nem tem amigos né, assim fica difícil.

ANA: Eu não tô me sentindo muito bem.

ANSIEDADE: É, acho que somos só nós duas mesmo viu... dá mais uma olhada aí, vê se alguém pelo menos se preocupou.

Ana olha novamente o celular e coloca na mesa de cabeceira.

ANSIEDADE: Nada ainda? Acho que nem vão perguntar, ninguém nem percebeu que você não tá bem...Hmm vamos ver aqui, *(Pega o rótulo com a escrita "SOLIDÃO")* Aqui está! Toma aqui. *(cola o rótulo em Ana).*

Ana deita na cama e começa a chorar, tremendo, com a respiração ofegante.

ANA (*chorando*): O que tá acontecendo comigo? Por que dói tanto? Eu não aguento mais! Eu vou morrer, eu não aguento, eu vou morrer.

Ana continua chorando por um tempo e depois adormece.

Ana acorda e percebe que está atrasada.

ANA: Ah não, de novo...

ANSIEDADE: Corre, você está atrasada!

ANA: Não quero levantar, não quero trabalhar hoje

ANSIEDADE: Seria muito bom ficar aqui o dia todo, mas já esqueceu quanta coisa tem pra fazer hoje?

Ana levanta devagar e sai de cena.

CENA 06

Escritório onde Ana trabalha. Mesa cheia de doces, Ana está comendo loucamente. Entra Flávio

FLÁVIO: (*rindo*) O que é tudo isso essa hora da manhã?

ANA: (*falando com a boca cheia*) Só uns lanchinhos, quer?

FLÁVIO: Não, obrigado. Acho que alguém está um pouco ansiosa

ANSIEDADE: Quem?

ANA: Ansiosa? Imagina, nem um pouco, impressão sua.

FLÁVIO: Olha, você pode conversar se quiser, não precisa se fechar o tempo todo.

ANSIEDADE: Cuidado com o que vai falar, você nem conhece ele direito, não pode confiar assim nas pessoas.

FLÁVIO: Eu não sei o que está acontecendo exatamente, mas talvez eu possa tentar ajudar.

ANA: Como tem tanta certeza?

FLÁVIO: Não sei, só acho.

ANSIEDADE: Achou errado então.

ANA: Sabe o que é, é que é muita pressão, faculdade, trabalho, muitos afazeres, com certeza é só isso, não estou com nenhum outro problema. Mas mesmo assim obrigada viu

FLÁVIO: Eu entendo... Sabe, eu também já precisei de ajuda. Ano passado fui diagnosticado com transtorno de ansiedade, no começo foi difícil, mas hoje já sei lidar muito melhor com tudo isso.

ANA: E como você acha que tenho a mesma coisa?

FLÁVIO: Pode ser que sim, mas o primeiro passo é você se aceitar.

ANSIEDADE: Ana, sei não viu, acho melhor deixar esse papo aí pra lá.

FLÁVIO: Olha, vou deixar com você o contato da psicóloga onde passei. Se mudar de ideia...

Ana pega, olha o cartão, olha para Flávio novamente.

ANA: Tá ok, obrigada

FLÁVIO: Olha...se quiser, podemos ir tomar um café qualquer dia desses. Quem sabe te ajuda a distrair um pouco.

ANA: Claro!

FLÁVIO: Enfim, preciso ir agora, mas se precisar de algo estarei na minha sala.

Ana apenas acena que sim com a cabeça. Flávio sai.

ANSIEDADE: Neeeeem pensar que você vai ligar pra essa doutora...Vão querer nos separar, tirar você de mim.

ANA: Ele até que foi legal né...Finalmente alguém pareceu se importar

ANSIEDADE: Você nem sabe se ele se importa de verdade, e se só estiver fingindo, não aceita isso não, você sabe que somos só eu e você.

ANA: Mas esse negócio aí de ansiedade viu... Ah era só o que me faltava! Eu só estou com muita coisa na cabeça, nada que umas férias ou uns dias de descanso não resolvam.

ANSIEDADE: E também ele não tem nada que se meter na sua vida. Continua comendo seus doces aí...

Ana joga o cartão em cima da mesa e continua comendo os doces.

ANSIEDADE: *(Para o público)* Vê se pode né, querer mandar a Ana se tratar. Vocês concordam com isso? É claro que não né. Ela está bem! Nós estamos bem! E não adianta vir querer separar a gente não. Imagina só, como a Ana vai se organizar se eu não estiver aqui pra ajudar ela e lembrar ela das coisas? Ai esse povo não sabe mesmo o que fala. Vamos ver qual é o próximo rótulo, hmm deixa eu ver *(pega o papel, mostra ao público e lê. Nele está escrito "AUTOSSABOTAGEM")* Nossa, esse é novo até pra mim, mas vamos lá né. *(Vai até Ana e cola o rótulo nela).*

CENA 07

Quarto de Ana. Ana entra, joga a bolsa no chão.

ANA: Nossa, tô muito cansada, preciso dormir

ANSIEDADE: Isso, vai lá enquanto vou ficar aqui planejando o que temos pra amanhã.

Ana adormece um pouco e logo acorda se sentindo mal.

ANA: Tô passando mal, preciso de ajuda.

ANSIEDADE: Eu também...

ANA: Não consigo levantar...a vizinha...

Ana e Ansiedade caminham com dificuldade, até o apartamento ao lado, Ana bate na porta.

ANA: Dona Maria? *(respiração ofegante)* Desculpa incomodar esse horário, mas eu não estou me sentindo bem.

D.MARIA: *(Abrindo a porta)* O que aconte... Meu Deus você está pálida, senta aqui um pouco *(pega Ana pelo braço e puxa uma cadeira)* O que você está sentindo?

ANA: *(fala intercalando com uma respiração ofegante)* Não consigo respirar... Meu coração tá acelerado... mas ao mesmo tempo não consigo ficar em pé... Não sinto minhas mãos... tá tudo meio escuro...

D.MARIA: Será que não é a pressão que está baixa? Vou pegar uma água com sal (*corre para a cozinha e volta logo em seguida com o copo*) Aqui está, bebe. Melhor ligar para os seus pais.

ANSIEDADE: Não! Não liga pra eles não!

ANA: Não precisa, por favor.

D.MARIA: Mas eles precisam saber

ANA: Não...eles moram em outra cidade, é só um mal estar, não quero preocupá-los.

D.MARIA: Tudo bem. Está melhorando?

ANA: Não...

D.MARIA: Então vamos que vou te levar para o hospital.

ANSIEDADE: Detesto hospital.

Dona Maria ajuda Ana a caminhar, Ansiedade vai atrás. As três saem de cena.

CENA 08

Hospital. Ana e Dona Maria caminham até o consultório, onde o doutor aguarda com o resultado dos exames.

DOUTOR: Olha, os exames não deram alteração e sua pressão está estável.

ANA: Então o que eu tenho?

DOUTOR: O que você teve foi uma crise de ansiedade muito forte. Vou te passar um medicamento para tomar na veia, isso vai te acalmar, e depois pode ir pra casa.

ANSIEDADE: Como assim?

ANA: Ansiedade?

DOUTOR: Isso já te aconteceu antes?

ANA: Não... quer dizer... não dessa forma.

DOUTOR: É mais comum do que se imagina. Sei que de primeira pode assustar, mas você pode aprender a lidar com isso. Sugiro que procure um acompanhamento profissional especializado.

ANA: Ok doutor, obrigada.

Ana pega os papéis com o doutor e sai. Ao lado uma placa "MEDICAÇÃO". Ana caminha em direção a placa e sai de cena. Permanece em cena apenas a Ansiedade, que dessa vez aparece cabisbaixa.

ANSIEDADE: *(Para o público)* Vocês também acham que fui eu que fiz isso com ela? Eu queria ajudar, e agora vão querer tirar ela de mim... Vamos ver qual é o próximo rótulo? *(pega o papel com o rótulo "CULPA". Amassa e joga)* Ah, deixa pra lá dessa vez. Nossa o que é isso? Vocês também estão sentindo? Tá dando um soninho.... gostoso.... acho que vou deitar aqui um pouquinho e.....

Ansiedade deita no chão e adormece.

CENA 09

Quarto de Ana. Ana está dormindo. Ansiedade chega bem perto do rosto dela e dá um grito.

ANSIEDADE: Acorda!

ANA: *(Abre o olho e dá um grito assustada, levanta em um pulo)*. Quem é você?

ANSIEDADE: Tá de brincadeira né? Tô aqui o tempo todo e você pergunta quem sou eu?

ANA: AAhhhh... então aquela voz na minha cabeça... é você?

ANSIEDADE: Em carne e osso! Não, péra...quer dizer... ah sei lá!

ANA: *(Revirando na bolsa procurando algo)* Que remédio foi aquele que me deram ontem que tá dando até alucinações?

ANSIEDADE: Forte mesmo, o negócio me apagou. Mas eu não sou alucinação coisa nenhuma!

ANA: Eu devo tá é ficando louca! Esse negócio de ficar indo pra hospital por causa de ansiedade...imagina só...vou nem contar pra minha mãe, nunca que ela acreditaria numa coisa dessas.

ANSIEDADE: Tô te achando calma demais. Você devia estar preocupada.

ANA: E não é que o Flávio tinha razão? Se bem que ainda não tô botando muita fé nesse negócio de ansiedade não viu, deve ter sido só um mal estar, algo que comi, sei lá...

ANSIEDADE: Mas mulherrrr eu tô aqui bem na sua frente... tá, eu não sou a melhor pessoa pra te dizer isso, mas você bem que podia se aceitar um pouco né.

ANA: E olha só quem fala, a voz que me pilhava esse tempo todo.

ANSIEDADE: Eu só tava tentando ajudar, poxa...

ANA: Quer ajudar é? Então vou aproveitar o dia de folga e fazer esse trabalho da faculdade e você vai me ajudar.

ANSIEDADE: (*pulando*) Vamos lá, vamos lá, o que eu faço???

ANA: Começa não atrapalhando, trate de ficar quietinha aí.

ANSIEDADE: Mas...

ANA: Nada de mas... que não tô afim de voltar pra aquele hospital e tomar aquele remédio de novo.

ANSIEDADE: Aquele remédio não! Por favor!!

ANA: Então fica quietinha enquanto eu leio.

Ana pega o livro, senta e começa a ler...

ANSIEDADE: Já acabou? Vamos fazer outra coisa vai, não consigo ficar aqui parada sem fazer nada.

ANA: Ainda não, mas vi que exercício faz bem, podemos tentar depois, já que você gosta tanto de agitação...

ANSIEDADE: Poxa Aninha, você não era assim... Posso pelo menos te ajudar a lembrar de algumas coisas?

ANA: Pode, pode.... Olha, eu tô conseguindo! Finalmente! Tô controlando você (*risos*).

ANSIEDADE: Muito engraçado.... (*Se vira para o público*) Sabe, é muito estranho esse negócio da Ana ficar me controlando, não gosto disso não, mas acho que isso nem vai durar muito né? A Ana é minha amiga, ela vai me deixar tomar conta de tudo outra vez.

CENA 10

Escritório onde Ana trabalha.

FLÁVIO: E aí Ana, tudo bem?

ANSIEDADE: Lá vem ele de novo...

ANA: Fica quietinha aí que da última vez ele tinha razão. Oi Flávio! Tô bem sim e você?

FLÁVIO: Tudo tranquilo, você parece melhor mesmo.

ANSIEDADE: Lá vai ele querer falar de terapia de novo. Você não precisa disso Ana.

ANA: É, você tinha razão quanto a ansiedade... Mas até que tô lidando bem com isso depois que fui parar no hospital. Eu vou ficar bem.

FLÁVIO: Tem certeza?

ANA: É claro! Além do mais pesquisei tudo na internet.

ANSIEDADE: É, a gente se vira sozinha.

FLÁVIO: Você não precisa segurar tudo sozinha.

ANA: Eu sei... mas ainda vou pensar direito em tudo isso sabe? E eu tô bem, não se preocupe?

FLÁVIO: Eu não quero te dizer o que fazer viu? Mas pensa nisso, é você quem controla sua ansiedade ou ela controla você?

ANA: Pode deixar que vou fazer isso.

FLÁVIO: Tudo bem, se precisar de algo, pode contar comigo, aliás (*fala olhando no relógio*) já estamos no fim do expediente, não quer tomar aquele café? Assim podemos conversar melhor.

ANA: Seria ótimo! Te vejo daqui a pouco.

Flávio sai.

ANSIEDADE: Como assim vai pensar no que fazer? Ana vão achar que você é doida, sabia? Olha eu posso continuar aqui te ajudando com tudo como sempre foi, não precisa tentar separar a gente.

ANA: Posso tomar minhas decisões?

ANSIEDADE: Não foi isso que eu disse... mas é que somos amigas né, você precisa de mim para te ajudar.

ANA: Olha às vezes você até me ajuda, mas na maioria das vezes você mais me atrapalha, me deixa nervosa, fica me pilhando.

ANSIEDADE: Mas você nunca reclamou

ANA: Em minha defesa, eu nem sabia quem era você, agora eu sei.

ANSIEDADE: Vamos fazer assim, me dá tudo isso aqui (*fala retirando os rótulos de Ana, rasga e joga no lixo*). Vamos começar tudo de novo, tá bom?

ANA: (*mexendo os ombros*) Nossa, me sinto até mais leve. Obrigada

ANSIEDADE: Ótimo! Sabia que íamos resolver isso. Olha já até fiz a lista de tooodaaass as suas tarefas... Aqui está! Tem bastante coisa viu, acho melhor deixar esse café de lado e já começar. (*começa a circular ao redor de Ana gesticulando, como se estivesse falando muitas coisas*).

ANA: Ai meu Deus, de novo não! (*Ana sente o coração acelerar e a respiração ofegante*) Eu posso controlar, é só respirar bem fundo. Como faço pra ela parar de falar? Escuta aqui, dona Ansiedade, você não está me ajudando viu? Só pra avisar. (*Ansiedade continua*) Olha, eu não sei o que eu vou fazer com você. Vai dar uma voltinha vai...

ANSIEDADE: E vou pra onde? Eu não existo sem você querida!

ANA: Não sei, pra qualquer lugar, só não me atrapalha agora!

ANSIEDADE: Tá bom tá bom, mas daqui a pouco eu volto. Eu volto! (*Vai saindo enquanto fala*).

ANA: É...eu sei que volta...

Ana começa a organizar sua mesa, até que encontra o cartão da psicóloga que havia deixado jogado. Pega o cartão, olha por alguns segundos. Faz sinal negativo com a cabeça e ameaça jogar no lixo. Para, pensa mais um pouco e guarda o cartão na bolsa.

ANA: (*Para si*) Eu a controlo ou ela me controla.

FLÁVIO: Vamos Ana?

ANA: Vamos!

Os dois saem.

FIM

Sobre a autora: Designer e Fotógrafa, Nathália Pastorelli é formada em Produção Audiovisual pela FMU. Apaixonada por teatro desde sempre, decidiu se aventurar no mundo da escrita.

Contato: naty.pastorelli@gmail.com

SEU GRITO

Natiele Fontana

Prólogo

Balanço em cena, Maria Conceição Criança, sentada e balançando. Enquanto balança ela canta:

MARIA CONCEIÇÃO CRIANÇA: Vai dormi neném, que a cuca é vem

junto cons diabos, que no inferno tem (6x)

Para de cantar, olha para o público, sorri, desce do balanço, se senta no chão e brinca com algo.

Cena 1

MARIA CONCEIÇÃO CRIANÇA: Minha mãe não deixa muito eu sair na rua, quem vive na rua são os meninos, porque eles são meninos, a gente que é menina fica aqui dentro. Mas eu posso ir na padaria, sempre aproveito pra ficar um pouco na rua, passo pelo campo, vejo os meninos jogando bola, “Bom dia Dona Joana”, ela sempre tá na varanda, pulo as sete ondinhas da calçada, passo pelo boteco... se desse eu não passava, esses veio olham de um jeito, eu não gosto que eles me olham assim, às vezes ele me cumprimentam, mas eu finjo que nem ouvi, aí eu ando mais rápido e saio contando as rachaduras da calçada... 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11... na volta é sempre pior, porque eles sabem que eu vou voltar né... teve um dia que um dos véio tava andando quase caindo, veio na minha direção e tentou me segurar, ele olhou de um jeito pra mim, eu quis gritar, mas a voz não saiu, aí eu empurrei ele e saí correndo...

Silêncio.

Cena 2

Maria Conceição Adolescente está dançando em seu quarto, está tocando a música “Ela só pensa em beijar” do Mc Leozinho. Para de dançar e olha para o público.

MARIA CONCEIÇÃO ADOLESCENTE: Hoje eu conheci um cara, ele mora na rua de trás, e... eu acho que a gente vai se ver de novo... ele é muito bonito...

Cena 3

MARIA CONCEIÇÃO ADOLESCENTE: Eu tô indo pra padaria, como sempre faço, como sempre fiz, indo pra padaria, mas agora eu tenho 16 e já faz alguns anos que descobri uma forma de não passar pelo boteco... no terreno número 241 existe um buraco no muro, no terreno 241 existe uma casa, tem dono mas tá abandonada, o dono tá preso porque matou a esposa e estuprava a filha, o terreno 241 tá abandonado, mas tem um buraco no muro, eu passo por esse buraco, passo pela casa, olho pra dentro e imagino aquela criança fugindo do pai, aquela mãe sendo morta, às vezes eu imagino que eu sou aquela criança fugindo do pai, eu corro para que meu pensamento corra também e saia logo da minha cabeça, no quintal do fundo tem uma cadeira velha, eu encosto ela inclinada na parede e pulo o muro, passo pela casa de Dona Lourdes, “Boa tarde Dona Lourdes”, e vejo que a casa do lado tá tendo mudança, vejo ele sentado na calçada, ele é bonito, ele segura um canivete na mão e risca o chão...

- O que você tá desenhando?
- Nada, tô só riscando o chão...
- Você é novo aqui né?
- Eu sou e você?
- Eu sou velha, moro ali na rua de trás...
- Você é bonita!
- Eu queria falar que ele é bonito também, mas as palavras hesitam em sair da minha boca, sinto borboletas lutando pra sair do meu estômago, algumas delas descem e tentam sair pela minha buceta
- Você quer tomar sorvete algum dia desses?
- Quero! E então continuei o meu caminho pra padaria, essa foi a primeira vez que esse trajeto teve uma parte boa, um sentimento bom, foi a primeira vez que vi borboletas e não urubus prestes a comer a carniça!

Cena 4

MARIA CONCEIÇÃO ADOLESCENTE: Minha mãe se casou de novo, disse que ia ser bom ter um homem em casa... eu preferia quando não tinha homem em casa, quando era só nós duas... homem em casa não é bom...

Na mesma semana que ele mudou eu conheci o menino da rua de trás, um dia a gente se beijou, e aí depois de um tempo começamos a namorar...

Meu padrasto, que dizer... o meu, meu p, meu pai odiou a ideia, disse que eu num ia namorar com ninguém, que eu era muito nova, e que esse cara num prestava...

Eu caguei pra ele, quem ele pensa que é? Se ele acha que vai mandar em mim... Pois continuei saindo com o menino da rua de trás, meu padrasto, meu pai me viu, quando cheguei em casa eu apanhei, apanhei com cinta, com o lado da fivela, minha bunda sangrava...

Eu caguei pra ele, quem ele pensa que é? Se ele acha que vai mandar em mim... Pois continuei saindo com o menino da rua de trás, meu padrasto, meu pai me viu, quando cheguei em casa apanhei, apanhei com cinta, com o lado da fivela, minha bunda sangrava...

Pois continuei saindo com o menino da rua de trás, meu padrasto, meu pai me viu, quando cheguei em casa apanhei, apanhei com cinta, com o lado da fivela, minha bunda sangrava...

Minha mãe via e não fazia nada... "Ele é seu pai agora!", meu pai...

Pra eu não ver mais o menino da rua detrás ele começou a me trancar em casa, pois um dia meu tio foi lá, ele chegô e quando viu a porta trancada fez que ia embora, eu corri até a janela, "TIIIIIO, TÔ AQUIII", contei que tava trancada, que tinha sido meu padras, meu pai, meu padrasto

Há, mas agora meu padrasto vai ver... meu tio arrebenta ele... pois meu tio quebrou o cadeado que tava na porta e entrou...

Comecei a contar tudo que tava acontecendo, “Pô, agora ele é seu pai, mas num pode fazer isso, vou conversar com ele, conversa de homem pra homem, ele vai entender, você cresceu já, já é uma mocinha, vou conversar com ele, você já cresceu, conversa de homem pra homem, você já tá grandinha, ele vai entender, tá gostosinha, ele não pode fazer isso, esses peitinhos já, é de mulher, ele vai entender que você já cresceu, põe a mão aqui, ele nunca mais vai fazer isso, você cresceu, esse corpo, tá gostosinha, põe a boca aqui, põe, você já é uma mocinha, eu nunca mais deixo ele pôr a mão em você, abre a perna, eu vou conversar com ele, tá apertadinha, se nunca fez antes né, ele vai entender, conversa de homem pra homem”...

O sangue escorria pelas minhas pernas...

Meu padrasto não me batia mais, minha bunda não sangrava mais, ele não me trancava mais em casa, o sangue escorria pelas minhas pernas...

Cena 5

Está escrevendo e desenhando coisas em um papel, muitos papéis ao seu redor, espalhados, bagunça de quem está com mil coisas na cabeça.

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Eu queria ser rica, poder comer o que quiser... não ter que economizar... mas sabe o que eu queria mesmo? Ter uma confeitaria, fazer doces pra vender, ter uma renda boa, dar uma vida boa pra Rosinha, não precisar ficar me escondendo, morar numa casa maior, esquecer

que ele existe, ser uma confeitadeira renomada, que barulho foi esse? Alguém aqui escutou esse barulho? *(faz essa última pergunta diretamente para o público)*.

- Rosinhaaaa, filha, cadê você?

Sai procurando por Rosinha.

Meu deus, será que é ele? ele pegô ela e tá levando ela embora, não, ele ia me querer também, ele vai usar ela pra me pegar, mas se ele tiver com ela eu imploro pra ele deixar ela e me levar, pelo amor de deus ele não pode mata ela! senhor, não deixa ele fazer nada com a minha filha, e nem comigo, ele ia me querer também, e se ele pegou ela e tá levando ela embora? não, ele ia me querer também...

- Ah! rosinha, você tá aí? tá fazendo o quê? agora não é hora de se escondê filha...

O barulho de moto de novo, deve ser ele, preciso esconder ela e fechar tudo, pra ele não saber que a gente tá aqui, ele vai chegar e vai achar que não tem ninguém em casa...

- Filha, vamo brinca de esconde-esconde? vai se esconder e só sai a hora que eu te achar tá bom? Não pode sair antes, só na hora que eu te achar, vai filha, se esconde!

ATRIZ: Maria Conceição trancou as portas e as janelas da casa, fechou as cortinas, e espiou com o rosto entre o vidro da janela e o tecido da cortina que tocava o seu rosto suavemente, como se fosse um carinho, ela olhava lá fora na janela e via o motoqueiro deixando alguma coisa na casa ao lado, o toque da

cortina em seu rosto a trazia de volta para o presente, e ela via que não era ele lá fora, mas esperava sempre um pouquinho mais, só para ter certeza que não era ele, mas realmente não era ele. O medo puxa a gente pro passado, que se mistura com o presente, o coração bate como se fosse uma britadeira, o barulho preenche a alma e deixa os olhos surdos. A filha aparece atrás dela, pois a mãe havia demorado muito para achá-la, e criança cês sabem né, corre com o tempo, não aguenta esperar, porque o tempo corre devagar e criança corre rápido, e criança não aguenta esperar.

- Que foi mamãe? você não me achou! a gente tá brincando de esconde-esconde com outras pessoas?
- A gente tá filha, mas eles nunca vão nos achar!

Cena 6

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Esse ia ser o nosso último dia de namoro, dava pra ver a cidade toda lá de cima do terraço. E o pôr do sol era lindo.

Maria Conceição adolescente e o menino da rua de trás conversam.

MENINO DA RUA DE TRÁS: Se você pudesse fazer o que quisesse, o que você faria?

MARIA CONCEIÇÃO: Eu, sei lá... eu sairia da casa onde eu moro e iria conhecer o mundo, ia viajar pra vários lugares...e você?

MENINO DA RUA DE TRÁS: Eu queria sair de casa também, conhecer vários países, imagina a gente lá, num entendendo nada o que as pessoas tão falando (*dá risada*)... mas ia ser legal...

MARIA CONCEIÇÃO: Ia sim... só de sair de casa já ia ser bom...

MENINO DA RUA DE TRÁS: Mas a gente se virava, dava um jeito de falá com as pessoas, você aprendia inglês e conversava, depois traduzia pra mim!

MARIA CONCEIÇÃO: Porque eu?

MENINO DA RUA DETRÁS: Porque você é mais inteligente...

MARIA CONCEIÇÃO: Você também é, também podia aprender...

MENINO DA RUA DETRÁS: Você tem certeza que quer sair da sua casa?

MARIA CONCEIÇÃO: Claro que tenho...

MENINO DA RUA DETRÁS: E porque não sai?

MARIA CONCEIÇÃO: Porque não tenho pra onde ir...

MENINO DA RUA DETRÁS: Tem sim!

MARIA CONCEIÇÃO: Pra onde?

MENINO DA RUA DETRÁS: Vem morar comigo!

MARIA CONCEIÇÃO: Como assim morar com você? Cê ainda mora com seus pais...

MENINO DA RUA DETRÁS: A gente casa, aluga um teto e mora junto!

MARIA CONCEIÇÃO: Sério?

MENINO DA RUA DETRÁS: Sério, quer casar comigo?

Cena 7

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Ah o amor é lindo... e realmente tudo era lindo com ele... até que um dia eu engravidei... ele não gosto muito de início, disse que queria viver a vida ainda, ele sempre saia de casa e não queria que eu ia junto, mas eu ia atrás e ficava até a hora dele ir embora, não saia de perto... aí ele dizia que agora grávida eu não ia poder ir junto, que lugar de mulher grávida não era na rua... ele no começo não gostou muito da gravidez, mas depois começou a ficar animado, queria ter um menino, era louco pra ter um menino! no começo ele não gostou da gravidez, porque eu implicava muito com ele, porque ele saía e não deixava eu ir junto... no começo não gostou muito da gravidez, mas depois começou a ficar animado, queria ter um menino, era louco pra ter um menino, vivia dizendo que não esperava a hora de ter um menino! no começo ele não gostou da gravidez, porque eu implicava muito com ele, porque ele saía e não deixava eu ir junto... e eu implicava mesmo, se ele saia eu tinha que ir junto ou então ele ficava em casa... ele queria tanto ter um menino, aí a gente foi fazer ultrassom, era menina... ele queria tanto ter um menino, ele ficou aborrecido, queria sair porque estava aborrecido, eu queria ir junto, ele não queria que eu fosse junto, eu disse pra ele ficar, ele queria tanto um menino, no começo ele não gostou, mas depois ficou feliz porque queria um menino, mas o ultrassom deu que era menina, ele ficou aborrecido, não sai!, fica, fica ou eu vou, fica, fica, se for eu vou junto!

(grito de dor)

Eu vou pra padaria, como sempre faço, como sempre fiz, mas agora sou uma mulher casada, a fila não tá grande, espero pra comprá o pão, ele gosta de comer pão fresco todo dia quando acorda, íii a Rute chegô, fofqueira que só, tô até vendo... “Oi Rute” “Oi, que aconteceu com seu olho? Eu ouvi cêis dois brigando ontem à noite” “A gente brigou sim, normal né, casal é assim mesmo, briga sempre, dizem até que é saudável brigar!” “E esse olho?” “Ai aquele degrau desgraçado, num vi e tropecei, bati o olho na maçaneta...” “E a criança nessa barriga, tá bem? Não pode ficar caindo assim não...” “Tá tudo bem Rute, tô de três meses só, tem nada não, tá tudo bem...”

Cena 8

Começa a cantar uma música e dançar um forró sozinha.

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Como será que vai ser no trabalho? meu primeiro trabalho... será que lá vai ter umas muié também, fazer amizade, ficar jogando conversa fora, ai, faz tanto tempo que eu não converso com alguém... quer dizer, eu converso com o meu amor... mas só com ele... vai ser bom conversar com outras pessoas, sair mais dessa casa... *(Marido a interrompe)*

MARIDO DE MARIA CONCEIÇÃO: Que felicidade é essa?

MARIA CONCEIÇÃO: Desculpa, eu não ouvi você chegando...

MARIDO DE MARIA CONCEIÇÃO: Eu perguntei que felicidade é essa?

MARIA CONCEIÇÃO: Eu consegui um emprego, não vou ganhar muito, mas vai ser o suficiente pra ajudar nas contas, nas fraldas da Rosinha, acho que até sobra uma merreca pra gente sair um pouquinho junto!

Cai sentada no chão, espera um pouco e vai se levantando.

MARIA CONCEIÇÃO: Ele me deu um tapa tão forte que eu caí no chão... O que foi, o que eu fiz?

MARIDO DE MARIA CONCEIÇÃO: Você acha mesmo que mulher minha vai ficar trabalhando no meio de um monte de macho?

MARIA CONCEIÇÃO: Mas a gente tinha conversado sobre isso... você tá bêbado?

MARIDO DE MARIA CONCEIÇÃO: Mudei de ideia.

MARIA CONCEIÇÃO: Você conseguiu um emprego então?

Cai sentada no chão novamente.

MARIA CONCEIÇÃO: Um murro e eu caí sentada no chão. Fiquei zozza, a minha visão ficou meio embaralhada...

MARIDO DE MARIA CONCEIÇÃO: Não arrumei porra nenhuma! Por sua causa, sua infeliz, aonde foi que você arrumou esse trampo aí? Me fala que eu vou lá amanhã e vou dizer que você não pode, que eu vou trabalhar no seu lugar!

MARIA CONCEIÇÃO: Aí senti outra pancada, ele me deu um chute na costela do lado direito, caí deitada...

Cai deitada no chão, de lado, e como numa dança vira de barriga para cima, numa posição descontraída e relaxada. Olha para o céu estrelado.

MARIA CONCEIÇÃO: Sabe, quando eu era criança a minha avó tinha uma verruga bem aqui (*passa o dedo no canto do olho*), ela falava que não podia aponta pras estrelas senão ia nasce uma verruga igual a dela... mas eu sempre gostei de olhar pras estrelas, pra lua... ficar contando quantas delas têm, uma, duas (*aponta para as estrelas*), ih aponte...(ri) imaginar o tanto de galáxia que tem, uma vez uma professora minha, de quando ainda era adolescente, dizia que cada estrela no céu é uma galáxia, um lugar com muitos outros planetas, será que tem gente morando em um outro planeta, será que tem uma outra de mim, num outro lugar, vivendo uma vida melhor que essa?

Grita e contorce o corpo por um tempo. Depois levanta de uma vez. Fala olhando para o chão, e nas falas dele olha para o público.

Ele me pegou pelos cabelos, me saiu arrastando até a sala. O cheiro de álcool me embrulhava o estômago, ele fedia... “*Você é minha!*”... Ele queria fazer amor comigo, mas eu não queria fazer com ele, eu tentei levantá e saí dali... mas ele me puxou, me segurou, me deu um murro na cara... “*Vagabunda, você é MINHA mulher e vai fazer o que eu quiser!*”

Eu tentei lutar contra ele, e disse bem alto - EU NÃO VOU TRANSAR COM VOCÊ! - aí ele disse, com todas as palavras cheias na boca, eu não acreditei que ia dizer, mas ele disse, ele disse, com todas as palavras cheias na boca, eu não acreditei, mas ele disse, eu confiei nele, mas ele disse, eu contei pra ele, eu confiei nele, eu não acreditei que ia dizer, com todas as palavras cheias na boca, ele disse, ele olhou nos meus olhos e disse - “*SEU TIO TE FORÇOU E SE DEU*

PRA ELE NÃO DEU? SE ELE PODE TE FORÇAR EU TAMBÉM POSSO, PIRANHA DESGRAÇADA!”

Vai voltando devagar para o chão, se vira de lado, perna apoiada no chão produzindo movimento de vai e vem, rosto sem expressão. Lembra de algo e se levanta muito rápido.

MARIDO DE MARIA CONCEIÇÃO: Sim, eu batia nela, mas não mais do que qualquer sujeito comum bate na mulher.

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Olhe para seus pés, assim conseguirá caminhar com eles, olhe para suas costas e delas poderão nascer asas.

A vizinha via que eu sempre tava machucada, eu explicava os motivos, ela sempre acreditava... todo mundo sempre acreditava e nunca fazia nada, só acreditava... A vizinha, o cara da padaria, o moço da vendinha, os roxos, as marcas, os gritos... SEMPRE ACREDITAVAM - “Ah eu caí de novo, nossa escorreguei no banheiro, acredita?” “Acredito!” ... é, sempre acreditavam, e não faziam nada... - “Ah o piso lá de fora, o degrau, precisa arrumar, acredita?” “Acredito!”... acreditavam, os roxos, as marcas, os gritos, não faziam nada... “Menina escorreguei no chão da cozinha de novo...” “E doeu?”... os roxos, as marcas, o sangue, os gritos, as pancadas... “E doeu?” DOEU! As pessoas viam, mas não faziam nada, elas sabiam o que tava acontecendo, mas iam fazer o que? todo mundo achava que ele era bom... Um homem bom, simpático com todo mundo... Um homem bom...

ATRIZ: A cada 15 segundos uma mulher escorrega no banheiro, uma mulher tropeça no tapete, uma mulher cai da escada e a cada uma hora e trinta minutos uma mulher não sobrevive para contar a próxima desculpa!

Cena 9

Tom de ironia, um momento de humor.

MARIA CONCEIÇÃO: Não, mas é muito fácil denunciar um homem que violenta uma mulher, eu vou ensinar pra vocês! Primeiro você precisa conseguir sair de perto dele né, primeiro passo! Aí se conseguiu sair sem ele ver, aí você vai e liga pra polícia, ou vai lá mesmo né! Tá, aí cê vai, conta pra polícia o que aconteceu, mas precisa lembrar de todos os detalhes, ah, e se tiver testemunha ou alguma prova é muito importante também! eu num sei como vai ter testemunha nessas horas... “ô amiga se vem aqui em casa, meu marido tá me batendo, aí preciso de testemunha pra denunciá... não num posso gritar pros vizinhos ouvi não, quando gritei ele me ameaçou, disse que na próxima me matava... se vem?” “ô moço se pode para só um pouquinho? eu vo chama minha amiga pra vim aqui, porque pra eu denunciar estupro eu preciso de testemunha!”, é... bom mas aí beleza, lembrô de todos os detalhes, levô testemunha, levô prova, aguentô as caras de nojo dos policiais, que acontece também... normal... aí tem que explicá também o motivo pelo qual o homem te bateu, ou porque você foi estuprada, mas ai tem que arrumar um bom motivo, quer dizer, não arrumar, arrumar um bom não motivo né...

Ó calma, eu vou explicar como foi comigo, aí acho que com um exemplo pessoal vai ficar mais fácil né! Eu fui lá na delegacia e fiz o b.o., aí a primeira vez não deu certo né, eles falaram que eu precisava de uma prova, eu tava com o corpo todo roxo, mas... mas enfim, aí eu fui a segunda vez, mas também não deu certo... porque eles perguntaram o que eu tinha feito, aí eu disse que ele tava bêbado quebrando tudo as coisas em casa e eu briguei com ele por causa disso, aí o policial falou que eu dei motivo... aí lembra daquela coisa, dar um bom não motivo, não pode dá motivo! Mas aí tá né, aí eu fui uma terceira vez, aí na terceira...! Na terceira também não deu certo... é porque eu cheguei lá e eles falaram que já era a terceira vez que eu fazia b.o. e ainda tava com ele, então é porque eu queria aquilo... mas tá, resumindo, eu fui lá na nona vez e... e deu certo! uhuuul, aí rolou! Tudo bem que eu levei uma facada e fui pará no hospital..., mas o importante é que deu certo! Eu até fiquei pensando que eu podia ter levado a facada antes pra ver se adiantava as coisas... Mas o importante é que deu certo, ele até foi preso... disseram que talvez não por muito tempo... mas tá vendo gente? muito simples!

Não, e depois que denunciou fica tudo certo né, mais nenhum problema, fica tudo lindo! Cê fica na paz!

Olha rápido para o lado. Fala para algumas pessoas do público.

Você também ouviu isso? Parecia barulho de moto... você escutou? Barulho de moto... eu ouvi, se ouviu? Moto... É que meu ex tinha uma moto, aí às vezes eu escuto barulho de moto... Se ouviu também o barulho de moto? Se tá esperando

alguém que vai vim com moto? Não? Mas não é nada não... Às vezes a gente se confunde né? Barulho de moto... mas não é nada não, às vezes a gente confunde...

ATRIZ: Entre a denúncia e a coragem há o medo. Vocês sabem o que é coragem? Alguém aqui sabe me responder essa pergunta? (*Busca a resposta do público*). Coragem é a capacidade de agir apesar do medo, do temor e da intimidação. Coragem não significa a ausência do medo, e sim a ação apesar do medo. Há quem vai dizer que as mulheres não denunciam por falta de coragem... Mas entre a denúncia e a coragem também há as 10 denúncias de Ana Carolina contra o ex, 10 denúncias e um corpo no chão, 14 disparos, lesão corporal, cárcere privado, sequestro, ameaças e o papel da medida protetiva guardada no bolso. Entre a denúncia e a coragem há o policial que vai dizer que é só mais uma briguinha de casal, que é exagero, que não há provas, que tapa e ameaça não é agressão. Entre a denúncia e a coragem há a morte, o descaso, a voz e o direito. Não sou contra a denúncia, inclusive, (*toca trecho da música de Elza Soares e ela canta junto: Cadê meu celular?/ Eu vou ligar pro 180/ Vou entregar teu nome/ E explicar meu endereço/ Aqui você não entra mais/ Eu digo que não te conheço/ E joga água fervendo/ Se você se aventurar/ Eu solto o cachorro/ E, apontando pra você/ Eu grito: péguix.../ Eu quero ver/ Você pular, você correr/ Na frente dos vizinhos/ Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim*).

A nossa luta e ousadia já nos rendeu muito, mas o caminho ainda é longo...

Cena 10

ATRIZ: Maria Conceição estava se maquiando, feliz por estar solteira, por estar livre, contente que ia sair pela primeira vez com um homem, em um encontro... às vezes um detalhe é capaz de causar uma tempestade dentro da gente e vomitar as piores lembranças! foi um blush, a caixinha, redonda, de blush, em suas mãos, caiu no chão, e com ela caiu o mundo de Maria Conceição e se esparramou pelo chão, o vermelho se esparramou pelo chão... A sua memória abriu uma porta e fez ressurgir uma terrível lembrança: ele chegou em casa cansado do trabalho, isso foi o que ele disse, mas a verdade é que tinha acabado de levar um fora da amante, a novinha troco ele por um novinho e ele tava puto! Já chego em casa procurando em quem desconta toda aquela ira que tomava conta do seu corpo, Maria Conceição estava se maquiando, ia sair com uma amiga, fazia tempo que ele chegava em casa tarde e ela não viu problema em sair um dia de casa, também precisava esfriar a cabeça...

MARIDO: Que porra é essa, onde a vagabunda pensa que vai?

MARIA CONCEIÇÃO: Hoje eu não quero brigar tá bom? eu ia sai com uma amiga...

MARIDO: Ia mesmo, porque piranha minha não vai sair com ninguém, se tá achando o que? Se ia dá essa merda que se tem no meio das pernas pra quem?

MARIA CONCEIÇÃO: Eu só ia sair com uma amiga...

ATRIZ: Pois o filho da puta pegô o canivete, o canivete que ele riscava o chão quando eles se conheceram, o mesmo canivete, se aproximou dela, a ira tomava conta de seu corpo, ele puxou ela pelos cabelos, deslizou o canivete pelo seu pescoço, foi descendo, e foi rasgando o vestido, o sutiã, a calcinha, até deixar ela totalmente nua, pegou a maquiagem e jogou no chão, pisoteou tudo, o vermelho se esparramou pelo chão...

MARIDO: Agora lambe vagabunda!

ATRIZ: Ela sentiu o gosto do blush na sua boca, um detalhe é capaz de causar uma tempestade, o telefone tocou e então ela voltou para o presente, o chão não era o mesmo de antes, nem as paredes, nem a penteadeira... o que era igual era o medo, o aperto no peito, respirou fundo algumas vezes, pegou o telefone na mão e atendeu.

Cena 11

ATRIZ: Mas nem todos os homens são assim! Não dá pra generalizar...

Escolhe um homem e pergunta.

Não é? Se já fez isso, já agrediu fisicamente sua mulher, namorada, namorado?

Não, tá vendo gente, nem todo homem é assim...

Fala com o mesmo homem sem esperar ele responder.

Hum... já estupro a namorada?

Nem todo homem é assim, nem todo homem realiza violência física, às vezes é violência psicológica, moral, sexual, tem gaslightning, mansplanning... tem

violência doméstica, tem violência no trabalho, tem na rua, no metrô, no busão, tem violência de todo tipo, tem aquele homem que vai te falar que você fica mais bonita sorrindo do que quando tá brava, tem aquele homem que quando você fala uma opinião sua, sobre qualquer assunto, ele vai falar que você tá emocionada, que é má, que é manipuladora, tem aquele também que quando você denunciar uma agressão vai dizer que você tá delirante, que tá exagerando, que é sem vergonha, que tá louca

Fala para o mesmo homem.

E cá entre nós, a gente sabe que o homem na verdade quer dizer que está desconfortável com o que a mulher está dizendo mas não tem argumento algum...

Mas ele vai falar que você tá louca! Tá vendo gente, não dá pra generalizar, nem todos os homens são iguais...

Cena 12

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Eu passo pela padaria, tudo apagado, ninguém na rua, tudo escuro, olho pro buraco no muro, o buraco no terreno 241, é tudo tão frio, decido fazer o caminho antigo, o boteco fechado, será que são que horas? será que passou tanto tempo assim? eu tô fudida, fazia tempo que não me divertia assim, fazia tempo que não me divertia... que horas são agora? as chaves se embaralham nas minhas mãos, acerto uma delas entre os dedos, enfio na maçaneta, tudo apagado, sabia que ele não ia tá em casa, agora só

chega de manhã, eu sabia, que porra é essa? deixei a cadeira fora do lugar, que merda, cadê a luz, fazia tempo que não me divertia, a luz, péra, eu não deixei a cadeira fora de lugar

- Aonde que se tava?
- Cê tá em casa amor...
- Achou que eu não ia tá, é?
- Não, não é isso...
- Pra quem você tava dando? Deu pra quantos heim? A putinha gostou de dar pra todo mundo hoje?
- Eu não tava... dando pra ninguém... só saí com uma amiga...
- Você acha que eu sou otário, porque sua boca tá vermelha?
- Como assim?
- Cê tava beijando na boca sua piranha!
- Lógico que não...
- Sabe o que eu faço se eu te pego com alguém?

Silêncio.

- Responde, se sabe o que eu faço?
- Não...
- Eu penduro o filha da puta numa corda, corto ele todo, ainda vivo, bem em cima da nossa cama, boto fogo, e faço você assistir tudo, o que você acha? (ri)

Silêncio.

- Eu sei de tudo meu amor, de tudo que acontece com você, sei aonde você vai, o que você faz, não adianta tentar esconder, se você me trai esfolo os dois, tenho amigo em toda parte, sabe o que eu faço com você se eu sonhar que você tá me traindo?

Silêncio.

- Responde. Responde vagabunda! Responde!

Barulho forte.

- Responde!

Silêncio.

Cena 13

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: *(Faz essas perguntas para o público.)* Que barulho é esse? Você ouviu?

Barulho de homem batendo na porta e chamando por Maria Conceição. Também há o som de chuva.

- Ai meu deus, o que eu faço? ele vai entrar, ele vai me matar, ele me achou, mas porquê? faz tanto tempo, o que eu faço, meu deus do céu, não tem saída, se ele entrar, ou sou eu ou é ele, faz tanto tempo, ele tá aqui, não, não, o que eu faço? ou sou eu ou é ele, e entre eu ou ele... será que alguém chamou a polícia, mas a polícia não faz nada, só vão chegar aqui quanto tiver sangue escorrendo no chão, ou sou eu ou é ele, um dia eu amei esse cara, porque isso tá acontecendo, eu amei esse cara

e achava que ele me amava, ou sou eu ou é ele, socorro meu deus o que eu faço, ou sou eu ou é ele...

Silêncio.

Cena 14

Começa a tocar a música “Seu Grito” de Aurinha do Coco, o volume começa bem baixo e aumenta gradativamente.

Estrutura de porta. Atriz se arruma, caminha e para diante a porta, respira fundo, abre e atravessa. Dá alguns passos, para novamente. Fica parada por algum tempo. Volta, passa pela porta e para. Essas ações se repetem algumas vezes, vão acelerando até fazer uma dança. Para. A música também para.

MARIA CONCEIÇÃO: A sensação era a de que nunca estava segura.

Volta e passa pela porta novamente. Senta-se.

Eu não quero mais sentir nada, não sinto, não quero sentir o medo, a angústia, o coração, quero vomitar o meu coração... Mas não é possível não sentir nada, e no lugar de todos os outros sentimentos, toma conta de mim a raiva, o ódio, de mim, do mundo... eu quero gritar, mas só sei me calar, eu quero levantar e sair correndo, fazer alguma coisa, mas só sei ficar parada... até onde eu sou capaz de ir por um amor? Será necessário esperar que o veneno corra pelas minhas veias até corroer toda a minha essência e que o meu sorriso fique endurecido e que as mãos que não são minhas segurem o meu coração tão forte que ele não consiga mais bater sozinho?

ATRIZ: Anos se passaram sem que ela se desse conta, a casa estava empoeirada, as traças já haviam destruído muito, no seu primeiro passo o chão rangeu num grito ensurdecedor.

Atriz se levanta, surge um barulho (da sonoplastia), ela reage ao barulho e caminha organizando o espaço.

Quando se deu conta, a sua pele já não era mais a mesma, algumas marcas haviam tomado o seu corpo nesses anos todos. Mas ela ainda se lembrava dele... agora era como uma lembrança, de algo distante, como se o tivesse visto em um filme qualquer... a memória é algo que a gente recria o tempo todo, às vezes a gente lembra de coisas que nunca existiram, às vezes a gente esquece do que nos aconteceu, agora as cicatrizes, elas podem desbotar, diminuir de tamanho, mas nunca vão deixar a nossa pele!

Cena 15

Barulho de telefone. O telefone toca por alguns minutos. Maria Conceição imóvel, olhando para o vazio, tensa. Maria Conceição atende.

MARIA CONCEIÇÃO: Solto?

Cena 16

MARIA CONCEIÇÃO ADULTA: Eu me lembro que quando surgiu a lei maria da penha ele falava “Ó isso daí não serve pra mim não, dô um tiro em você, bóto

“você dentro de um saco e te joga no mato, ninguém vai te achar, se você me denunciar”.

Que barulho é esse? Você ouviu?

Eu tô no quarto, ouço o barulho da moto, quero pensar que é só mais uma confusão, mas eu sinto ele, sinto o cheiro dele pelo barulho da moto, sinto o cheiro dele.

Barulho de homem batendo na porta e chamando por Maria Conceição. Também há o som de chuva.

Só vão chegar aqui quanto tiver sangue escorrendo no chão, ou sou eu ou é ele, um dia eu amei esse cara, porque isso tá acontecendo, eu amei esse cara e achava que ele me amava, ou sou eu ou é ele, socorro meu deus o que eu faço, ou sou eu ou é ele...

Para o som. Fala para o público.

Naquele dia eu sabia que ia sair um caixão dali, eu só não sabia qual!

Volta o som e vai aumentando gradativamente.

Meu deus eu não queria que isso tivesse acontecendo, ou sou eu ou é ele, ele podia só ir embora, esquecer isso, ou sou eu ou é ele, me tira daqui deus, ou sou eu ou é ele, força mulher, força, se ele entrar... força...

Barulho forte de arrombamento, todos os outros sons param. Fala para o público.

Ele entra com uma arma não, eu escondo o canivete embaixo da minha coxa, ele vem andando até mim, um segundo demora uma hora, ele vem andando até mim, a podridão escorre de sua boca, minha mente faz questão de apagar da

memória tais palavras, sinto o frio encostando a minha testa, a lâmina fria na minha coxa, o cano frio na minha testa, “Eu vô te matá”, a porra da arma na minha cabeça, o frio, “Eu vô te matá”, a podridão que escorre, a memória apagada, o cano frio na minha testa, no meio de suas palavras ele abaixa a arma num impulso do corpo, enterro o canivete no peito dele, cavar, torcer, cortar. Eu não sei quanto tempo passou, talvez 10 minutos, talvez meia hora. Então a polícia chega. Depois de tudo que eu passei ainda vou ter que ir presa? o vermelho se esparrama pelo chão.

ATRIZ: A vizinhança estava na rua, uma gente doida pra ver, pra saber o que é que tava acontecendo, todos já sabiam que ia sair uma desgraça, mas as pessoas sempre contam que vai sair uma mulher morta, só que o corpo que saiu num saco preto não foi o de Maria. Maria Conceição se tornou o algoz de seu próprio assassino!

Cena 17

ATRIZ: Amor

a busca por um amor
pela sua outra metade
preenchimento de um vazio que nunca será ocupado
o vazio é bom
o silêncio
amor

amar a dor

viver em constante sofrimento?

amor

o amor pode ser ou deveria ser lindo

vontade de estar perto

aconchego

amor

é saudade

é fogo

se faz furacão

se faz tempestade em copo d'água

se faz de calmaria

procura agradar

procura acariciar

se desmanchar em verdades de sabor de mel

é morada de caminhos ondulados

às vezes caminhos tortuosos...

“Ela foi morta, no meio da madrugada, por um tiro de espingarda pela mão do seu amor”

Quantas já não foram mortas pelas mãos do seu amor?

Mas amor não é isso

Isso não é amor

Amar alguém não dá o direito à violência
É a posse que dá
Dá a buceta não é sinônimo de amor
Mas amar faz o sexo muito mais gostoso
E gostoso mesmo é ser respeitada
Sem tapa na cara
Sem gracinha
Papo reto e pocas ideia
Porque com uma colher de mel na boca
É possível dizer tudo

Falando para o público.

E você, o que acha que é amor?

O que cabe dentro do amor?

Você já amou alguém, e o que sentiu?

Mais alguém aqui já amou e se fudeu?

E quem aqui já amou e foi só coisa boa?

Tem alguém aqui que nunca teve um relacionamento que deu merda?

Maria Conceição foi a julgamento por ter sido o algoz de quem um dia amou,
Maria Conceição como outras conseguiu não virar estatística, se livrou da morte
e foi considerada inocente, inocente, conseguiu duplamente não virar estatística,
absolvida por legítima defesa. Se livrou da morte e do cárcere.

Só não se livrou do julgamento, das pessoas comuns, dos olhares baixos e atentos na rua, dos coxixos, e aí quis vida nova, largou tudo, mudou tudo, começou do zero! ■ A dúvida, a incerteza, o medo, a correria, a filha, o desconhecido, o novo, a vida.

Cena 18

Ela irá cozinhar a receita original em cena.

Receita original: Ingredientes: 1 lata de LEITE CONDENSADO, 50 gramas de CHOCOLATE BRANCO picado, 1 colher (sopa) de MANTEIGA, RASPAS DE LIMÃO siciliano ou taiti, 4 colheres (sopa) de PINGA ou VODCA, 1 colher (chá) de ESSÊNCIA DE LIMÃO (opcional), AÇÚCAR GRANULADO e RASPAS DE LIMÃO para passar os docinhos; Modo de preparo: Misture tudo em uma panela (exceto a pinga) e leve para cozinhar por uns 5 minutos após começar a ferver, ou até soltar do fundo da panela. Retire do fogo, acrescente a pinga, misture bem e volte ao fogo para que dê o ponto de brigadeiro novamente. Coloque em um recipiente untado com manteiga, deixe esfriar e mantenha na geladeira por pelo menos 2 horas antes de enrolar. Passe em açúcar granulado misturado com raspas de limão ou outro confeito de sua preferência.

MARIA CONCEIÇÃO: (Fala os ingredientes enquanto põe os da receita original na panela) Brigadeiro de caipirinha; Ingredientes: 1 lata de autoconhecimento, 50 gramas de um foda-se bem dado, 1 colher (sopa) de resistência, raspas de revolta, 4 colheres (sopa) de PINGA ou VODCA, e mais uma dose pra aquece a

alma que é bom (*toma essa dose*), 1 colher (chá) de essência de atitude (não é opcional), siririca e sexo para passar os docinhos; Modo de preparo: Misture tudo até virar um rebuliço dentro de você e deixe cozinhar dentro até que cada ingrediente faça parte do que você é ou finja que faz parte do que você é até que um dia o seja de verdade. (*Pausa*)

Eu vendo cada copinho desses por 3 reais, gasto 1 real por copinho, o brownie vendo por 7, o bolo de copo por 7, às vezes faço por 5, e gasto pouco pra fazer, no final das contas tô ganhando uma grana... daqui uns meses eu vô abri a minha loja, a minha confeitaria, minha, só minha... Dona da minha loja, dona de mim, às vezes eu ainda vejo ele, nos rostos dos homens nas ruas, nos meus pesadelos, o medo também surge do nada, medo de quê?, nem eu sei... comecei a terapia, faz 5 meses, tenho visto ele menos, mas a dor, essa continua... só que agora a felicidade tá tomando conta também, nem acredito que tô ganhando toda essa grana, e as pessoas gostam dos meus doces, eu faço bem, e eu gosto quando gostam porque os doces são uma parte de mim, então quando gostam dos meus doces me sinto gostada também! E de uns tempos pra cá eu também tenho gostado de mim mesma! (*Pausa*)

Retire do fogo, acrescente a pinga, uma dose pra dentro pra matá as bactérias, misture bem e volte ao fogo para aquecer a vontade de viver, mesmo que a vida às vezes pareça dizer tudo ao contrário, mesmo que os traumas revisitem, mesmo que às vezes tudo fica tão pesado, se aqueça novamente, não morra, não morra por dentro.

Convida pessoas do público para ajudar a pôr em copinhos e distribuir.

ATRIZ: Às vezes um detalhe é capaz de causar uma tempestade dentro da gente. Um detalhe pode desestruturar todo o alicerce de uma casa, fazer ela despencar, e às vezes é importante despencar, destruir, reconstruir, criar, olhar e conseguir enxergar. Às vezes é importante despencar, chegar na beira do precipício e pular, porque às vezes é só assim que a gente ganha asas.

Um detalhe e uma coragem

um medo e um chute

Tudo voa pelos ares

“Pra entendê como bate o coração de uma mulher

É preciso ter sentido algum dia na vida

Um pássaro preso entre as mãos”

Pássaro que se liberta das mãos

Que não são suas

Vira peixe e nada nas próprias profundezas

De ser mulher

Mulher

Mulher é gente

Mulher é bixo solto

Bixo que num é domado

Ariscas e livres

Dóceis e donas de si

Fera que não aprende a obedecer
É fera pronta pra luta
E quem aprende desaprende
E que as tretas
Se transformem em tetas
Tetas livres
Pra se banhar no sol
Pra nascer o sol
E amanhecer o luar
Pra se banhar na água doce
Depois de sentir o salgado do mar
Que gira, gira, gira

Cena 19

ATRIZ: Maria Conceição era agora uma velha, e via crescer o bucho da filha, mas ela já entendia que o seu tempo tava se acabando, os últimos grãos caíam, com mais devagareza, mas caíam, continuavam caindo, e ela sabia, ela sentia! E foi ali, naquela penteadeira que ela escreveu, o molhado do salgado, a saudade do que ainda nem aconteceu, a saudade do que nunca nem vai acontecer, a esperança de uma trajetória presente, só quando se vive o presente é possível influenciar no que vai acontecer, e foi ali naquela penteadeira que ela escreveu.

Atriz tira uma carta da penteadeira, abre e olha fixamente, de lábios fechados.

MARIA CONCEIÇÃO: Querida,

Enquanto escrevo esta carta você ainda nem existe, ainda nem respirou o ar que preenche o vazio. Espero que quando você vier ao mundo, este esteja um pouco melhor do que está agora. O ar menos poluído, as ruas menos violentas.

O mundo é lugar de chão em brasa para nós mulheres.

Nossos corpos em constante ameaça. Nossos corpos em constante veemência.

Escrevo, crio e invento para que quando venha ao mundo ele esteja mais habitável, para que não seja tão terrível ser mulher.

Anseio que pise em terras sem donos, que a grama cresça em você e faça florescer as mais lindas e fortes ideias.

Quando quiserem que fique parada, dance e corra o mais rápido que puder; quando quiserem te colocar vendas, salte alto e voe; quando te quiserem fazer deles, se faça sua e apenas sua; quando tentarem te tocar, os arranhe com o fervor do seu olhar e mire com a dureza de suas garras; quando quiserem que fique quieta, grite!

Lembre-se, agressão é o desejo de transformar aquilo que voa pelo céu naquilo que vem assado no prato.

Vivemos tempos difíceis, sombrios, corpos esfolados aos montes, os que vivem estão sendo controlados, os que resistem, sofrem, mas os que

resistem também sorriem, festejam. Porque festejar, sorrir, dar risada e amar em tempos assim também é resistência.

Grito sobre tudo isso desejando que você possa ser uma mulher muito mais livre do que eu sou. Grito sobre os abusos e violências, na esperança de que um dia parem de existir, e que se possa viver com menos medo.

Grito para que você me ouça, será que você tá me escutando nesse momento?

Grito o grito de tantas outras mulheres.

Grito para que você se levante da cama e escolha para onde ir.

“Olhe para seus pés, assim conseguirá caminhar com eles, olhe para suas costas e delas poderão nascer asas.”

Beijos de sua avó.”

Cena Final

ATRIZ: O futuro é a escuridão - e isso é a melhor coisa que o futuro pode ser, creio eu.

Canta a música enquanto a atriz continua falando.

MARIA CONCEIÇÃO CRIANÇA: Vai dormi neném, que a cuca é vem
junto cons diabos, que no inferno tem

ATRIZ: A maioria das pessoas têm medo do escuro. Literalmente quando são crianças, enquanto muitos adultos temem, acima de tudo, a escuridão que é o

desconhecido, o invisível, o obscuro. E, contudo, a noite, na qual não se pode fazer distinções e definições prontamente, é a mesma noite em que se faz amor, em que as coisas se fundem, se transformam, ficam encantadas, despertadas, impregnadas, possuídas, liberadas, renovadas.

O mundo tá escuro, estamos vivendo um momento de trevas, onde não podemos gozar, onde a economia vale mais que gente, onde a violência só aumenta, onde ficar preso na mesma casa com quem se é casado vira guerra, onde o local que devia ser seguro vira palco para feminicídio, onde povos originários são exterminados, onde crianças morrem, onde a economia vale mais que a vida.

Mas é pela escuridão que encontraremos a luz. E quando uma fresta se abre, não dá pra volta atrás, o mínimo é capaz de iluminar o todo, o caos é instaurado, respiração, precisamos encontrar o ritmo do caos, amar o caos, o erotismo e a poesia, estar certa da incerteza, perder-se na escuridão, caminhar com a cabeça e pensar com os pés, amar o imprevisível que existe dentro e fora de si, o caos é instaurado, os gritos evocam no ar, CORRAAAAAAAAAAAAAM!

Sobre a autora: Natiele Fontana é atriz e arte-educadora, formada em Licenciatura em Arte-Teatro na UNESP. Atuou em curta-metragens e espetáculos. Escreveu, produziu e atuou em diversas cenas curtas, vídeos e curta-metragens. Alguns destes são: “No Sobressalto da Minha Mente Meus Olhos Dançam” (ETU, Festival Powlítico, Ocupação XXXrística, 2018-2019), “Revolta” (Prêmio Funarte RespirArte 2020), e “Relatos de sujeitos e não coisas” (“Mostra em casa” da SEMUC de Maringá 2021).

Contato: nattee.semfron@gmail.com

GERAÇÕES

Regiane Maria dos Santos

LURDES: Avó

CLARISSE: Mãe

REBECA: Filha

LEONARDO: Pai de Lurdes

ROBSON: Irmão de Lurdes

EVANDRO: Entrevistador do jornal

DR. RAUL: Patrão de Clarisse

DR. FERNANDO: Colega de trabalho de Clarisse

CENA 1 – ENTREVISTA

(Rebeca, meio sem graça, entra timidamente em uma sala de reunião e encontra Evandro sentado. Ele faz um gesto para ela se sentar e nem sequer olha para ela ao entrar)

EVANDRO *(olhando para Rebeca e sendo direto)*: Por que você acha que merece o emprego?

REBECA: Porque sou capacitada, sempre tirei as melhores notas na faculdade e inclusive fiz um estágio no Jornal Clareou, o que me propiciou ter um melhor conhecimento técnico de como funciona uma redação.

EVANDRO: Mas trabalhou na edição de fofocas. Por que acha que poderia ser uma boa jornalista na edição de notícias?

REBECA: Porque sou uma pessoa que está sempre atendida com o mundo e que pesquisa muito. Leio e gosto de buscar as verdades nas matérias.

EVANDRO: Okay, mas você ainda não me convenceu. Quais verdades você busca nas matérias? Que tipos de pesquisa você faz?

REBECA: Antes de escrever alguma coisa, pesquiso sobre quem eu estou escrevendo e tento descobrir o máximo possível sobre essa pessoa ou sobre do que se trata a matéria.

EVANDRO: Então na verdade você está copiando várias publicações e transformando nas suas.

REBECA (*assustada*): Não, não, de jeito nenhum. (*Calmamente*). Bem, acho que não estou sendo clara. Eu pesquiso tudo sobre a matéria que irei trabalhar justamente para diversificar. Não escrever aquilo que todo mundo já leu. Quero inovar, buscar novos pontos de vista e, claro, ser autêntica e buscar novas provas, descobertas, inovar e até buscar furos de reportagem.

EVANDRO: Acho que finalmente estamos chegando em algum lugar. Finalmente estou começando a ouvir alguma coisa interessante. Mas me diga, como pretende “Inovar”? Em que área você gostaria de trabalhar?

REBECA: Eu gostaria de ir a campo em busca de matérias diversas, desde política, notícias em geral e até mesmo crimes quando estiver mais preparada.

EVANDRO: Interessante. Mas você se acha suficientemente segura em passar o dia inteiro na rua quando for necessário, entrar em lugares, digamos, um tanto sinistros e até mesmo confrontar pessoas que podem querer desrespeitá-la?

REBECA: Sei muito bem como me defender e tenho certeza que posso administrar com quem converso ou não.

(Rebeca se sente desconfortável, se mexe na cadeira tentando ajustar sua postura e parecer mais segura)

EVANDRO: Você se acha realmente segura? Você acha que não irão gritar com você ou querer recusar conversar com você por ser uma mulher? Você acha que quando você for entrevistar algum político ou algum criminoso ele irá lhe tratar com o devido respeito? Você acha que com essa carinha de criança vai passar credibilidade com quem estiver conversando? O que te faz pensar que pode exigir respeito de alguém?

REBECA *(tentando ser mais objetiva)*: O respeito se conquista com respeito, e acredito muito que com quem quer que seja que eu esteja conversando, só pelo fato de eu ser uma jornalista vão pensar duas vezes em querer falar qualquer coisa que possa me desrespeitar pelo fato de eu ser mulher. Sei que pessoas, principalmente homens, em momentos de insegurança ou medo, irão se aproveitar do fato de eu ser mulher para mudar o foco da conversa, mas cabe a mim enfrentar e continuar a entrevista. Quando a pessoa quer ser grosseira ela será com qualquer um, seja mulher ou homem.

(Cena congela e Rebeca se levanta para a público)

REBECA: De fato muitas jornalistas são desrespeitadas em seus ambientes de trabalho. Em 2018, durante a cobertura da final do campeonato Paulista, no Allianz Parque, em São Paulo, três repórteres foram vítimas de ofensas e injúrias por motivo de gênero. Esse é somente um acontecimento entre tantos outros

que ocorrem na frente das câmeras e principalmente fora delas. Isso tem que mudar, mas está muito longe de acabar.

(Retornando a cena)

EVANDRO: Mas, e experiência com jornalismo? Você nunca teve nenhum contato com ninguém, não sabe como abordar as pessoas e, entrevistas e trabalhos de faculdade não são referências. Será que a sua falta de experiência não irá lhe prejudicar além de ser muito jovem?

REBECA: Eu acredito que não. De qualquer forma, os trabalhos que desenvolvi na faculdade me serviram de bases e avaliações do que eu poderia ou posso fazer no futuro. Sei que sou muito jovem, mas eu preciso de uma chance para começar e poderia acompanhar a princípio jornalistas mais experientes para poder observar e aprender o que me falta para seguir sozinha.

EVANDRO: Bem, acho que você já me disse tudo. Posso outros dois candidatos para a vaga e preciso para início imediato. Não sei se terei tempo para treinamentos. Assim que chegar a uma conclusão entrarei em contato.

CENA 2 - DEPENDÊNCIA E PERMISSÃO

(Leonardo está em pé de costas para Lurdes enquanto Robson só observa a cena sentado em um sofá)

LURDES: Papai, com todo o respeito, o senhor tem que me ouvir. O senhor sabe que sempre desejei ajudar as pessoas e que tenho capacidade e condições para isso.

LEONARDO: *(voltando-se para Lurdes em tom áspero)* Lurdes, eu já disse que não. Filha minha não irá para faculdade de jeito nenhum. O seu lugar é dentro de casa, cuidando do seu futuro marido e cuidando de meus futuros netos.

LURDES: *(levantando levemente a voz)* Eu já disse que não vou me casar com o Décio.

LEONARDO *(enérgico)*: Vai sim. Você já tem 17 anos e já passou até da idade de casar. Está ficando velha. Além do mais, ele gosta de você e tem um bom futuro pela frente.

LURDES: *(entristecida)* Mas eu não gosto dele.

LEONARDO: Aprende a gostar. Sua mãe também nunca foi minha fã, mas sempre me respeitou e foi uma ótima esposa. Que Deus a tenha.

LURDES: Com certeza ela estaria ao meu lado se ainda fosse viva. Ela até pode ter sido uma ótima esposa, mas o senhor foi um péssimo marido. Me lembro muito bem como o senhor a tratava e ela não abria a boca pra nada.

ROBSON: *(levanta-se do sofá e se dirige para Lurdes sussurrando)* Lurdes você já está indo longe demais. Você já está desrespeitando o papai e só vai piorar as coisas.

LURDES: Pode ser, mas eu não quero virar a mamãe. Eu quero mais, quero ser independente.

LEONARDO *(ficando irritado)*: Independente? Você realmente perdeu o juízo menina. E desde quando mulher é independente? Mas caso você não se lembre, para ser independente você precisará de dinheiro e da minha permissão, que é

claro que não vou dar. Quero ver você fazer uma faculdade ou qualquer outra coisa sem dinheiro e sem minha permissão. Aqui quem manda sou eu e você me obedece.

ROBSON: Pai, por favor, dá uma chance pra Lurdes. Ela não vai parar com isso nunca e já está nos enlouquecendo com esse assunto. Ela quer mudar o mundo...

LEONARDO: *(com autoridade)* Não! Ela tem cinco irmãos para serem médicos e mudarem o mundo, inclusive você. Ela não precisa fazer isso, mesmo porque também não irá conseguir. Ninguém vai respeitar uma mulher médica.

(Cena congela e Lurdes se levanta para a público)

LURDES: Nos países ocidentais tem sido crescente as participações das mulheres nas carreiras acadêmicas, inclusive na área da Medicina, conforme apontam os estudos. O ingresso das mulheres no ensino superior brasileiro teve início no final do século XIX, expandindo-se de modo significativo em várias carreiras a partir dos anos setenta. Mas houve muita discriminação por longos períodos.

(Retornando a cena)

LURDES: Papai, não adianta. Esse sonho é meu e não dos meus irmãos. Eles não querem ser médicos. Eles querem cuidar somente de si mesmo e não dos outros.

LEONARDO: Já disse que não e aliás, já aproveitando que você está aqui com seus discursos absurdos, vou marcar o seu noivado com o Décio para a semana que vem.

LURDES: *(levantando o tom da voz)* O que? Nunca. Não quero desrespeitar o senhor, mas não vou ficar noiva de ninguém.

ROBSON: *(com calma)* Papai o senhor está se precipitando. Vai devagar com essa avalanche de informações. Vão acabar brigando feio e vão se arrepender depois.

LEONARDO: Com sua irmã não tem conversa. Já estou decidido e não vou voltar atrás. Ela vai se casar e pronto. Filha minha não vai ser desrespeitada por aí.

LURDES: *(chorando)*. Não preciso ser desrespeitada por aí, já sou desrespeitada o suficiente aqui dentro da minha própria casa. Não posso ter opinião, não posso fazer o que desejo, não posso estudar e ainda terei que me casar com alguém que não fui eu que escolhi. Isso é um absurdo.

(Lurdes sai correndo da sala deixando seu pai com muita raiva)

LEONARDO: *(gritando)*. Lurdes, volte aqui, Lurdes volte aqui agora...

ROBSON: Calma papai, calma. Vou falar com ela. Desde que a mamãe morreu ela sempre disse que gostaria de cuidar das pessoas.

LEONARDO: Então ela que vá cuidar do marido e dos filhos.

ROBSON *(pensativo)*: Vou falar com a Lurdes e depois conversamos.

CENA 3 – PROMOÇÃO

(Em uma sala de reunião encontram-se Dr. Raul, Fernando e Clarisse)

DR. RAUL: Bom dia. Bem, todos sabem porque estamos aqui. Ganhamos uma nova conta e vocês sabem que a conquista desse cliente é imprescindível para mantermos o nosso escritório aberto, pois depois dos últimos problemas que tivemos, estamos à beira da falência e possivelmente teremos que fechar.

FERNANDO: *(cochichando para Clarice)* Está preparada para receber ordens minhas?

CLARISSE: Você não tem vergonha do que está me dizendo?

FERNANDO: *(irônico)* Vergonha? Nunca! Estou só brincando...

CLARISSE: É sempre brincadeira né Fernando...

(Cena congela e Clarisse levanta para a público)

CLARISSE: Uma vez fui encurralada por ele nas escadas, numa “brincadeira” de me agarrar. Quando fui reclamar com o Dr. Raul ele me disse que se ele fez a “brincadeira” comigo foi porque eu teria dado abertura. Eu nunca permiti esses tipos de brincadeiras. Fora os comentários tipo: “hoje ela pintou as unhas de vermelho, hoje tem” e todos riem, homens e mulheres. Sempre minimizado a importância das minhas falas e das minhas ideias. E sabem o que é pior, é que situações como essa ocorrem não só comigo, mas com muitas outras mulheres e com muito mais frequência do que podemos imaginar.

(Retornando a cena)

DR. RAUL: Algum problema com vocês, quero participar da conversa também.

CLARISSE: Não Dr. Raul, por favor, pode continuar.

DR. RAUL: (*muito sério*) Continuando. Esse novo cliente, para vir para nossa empresa está exigindo atenção integral. Ele quer rever todos os números de suas contas e investimentos. Como o diretor principal está sempre viajando, ele solicita que o nosso atendimento seja feito fora do nosso horário normal de trabalho e podendo se estender até aos finais de semana quando necessário. Vou precisar de muito comprometimento da equipe e disposição para diversos contratemplos, pois o resultado para a nossa empresa será bem generoso e como eu disse no início, será a salvação da falência.

CLARISSE: Esse será um grande trabalho e entendo que o senhor irá precisar de pessoas de inteira confiança do senhor.

DR. RAUL: Sim, irei precisar mesmo e muito Dra. Clarisse e inclusive (*pausa*) o Sr. Miller me informou que faz questão que a senhora esteja a frente dos trabalhos.

CLARISSE: Nossa! Fico lisonjeada com a exigência e muito feliz com essa promoção.

FERNANDO: Sério? Eu gostaria de entender melhor o por que o cliente faz tanta questão que seja a Dra. Clarisse.

DR. RAUL (*disfarçando a resposta*): Pois ela é uma advogada mais experiente e disposta a enfrentar desafios.

FERNANDO: Eu ainda não estou entendendo muito essa história, mesmo porque quem indicou o nosso escritório foi meu pai e ele me disse que quem iria cuidar desse cliente seria eu.

CLARISSE: Como assim? Agora quem não está entendendo nada sou eu?

DR. RAUL: Dra. Clarisse, vou tentar esclarecer para a senhora da melhor maneira possível. O Sr. Miller se encantou com a senhora em nossa última reunião e Dr. Fernando, me desculpe, mas a condição dele trazer as contas dele para o nosso escritório é ser atendido pela Dra. Clarisse. *(pausa)* Inclusive Dra. Clarisse, esse final de semana a senhora irá para Parati, para trabalhar na casa do Sr. Miller, pois na segunda feira ele viaja para o exterior.

CLARISSE: O Dr. Fernando irá comigo, não é?

DR. RAUL: Não irá não. O Sr. Miller quer que a senhora vá sozinha.

FERNANDO: Ah! *(Sarcástico)* Claro que sim. Será uma reunião mais reservada né! Entendo! Bem reservada mesmo né Dra...

CLARISSE: Dr. Raul, me desculpe, mas acho que não ficaria bem eu ir sozinha passar um final de semana na casa de um cliente. Caso o Dr. Fernando não vá comigo, gostaria que o senhor conversasse com o Sr. Miller. Não estou gostando dessa situação e isto está me colocando em uma situação desconfortável.

DR. RAUL: *(calmamente e com um tom meio de exigência)* Clarisse *(pausa)*, dessa vez não estou falando com a doutora, mas a parceira e amiga que trabalha aqui a mais de 20 anos e viu o nosso escritório crescer, que viu a nossa batalha diária e que lhe rendeu muitos bônus.

CLARISSE: *(ficando nervosa)* E fiz por merecer cada bônus recebido. Trabalhei duro e muito mais que muitos homens que trabalham aqui *(olhando para o Fernando)* e que sempre ganham mais do que eu. E quando reclamei com o senhor, sempre teve uma desculpa na ponta da língua.

DR. RAUL: Entendo, porém, o Sr. Miller está encantado com o seu desempenho profissional e faz questão da presença da senhora esse final de semana. Lembre-se que nosso escritório e seu emprego dependem dessa reunião e estou contando com a colaboração e o bom senso da senhora. Lembre-se em quantas famílias estão dependendo da senhora para não perderem os seus empregos aqui em nosso escritório?

FERNANDO: Bem, eu não tenho mais nada a fazer aqui... Boa sorte Dra. Clarisse, pois vai precisar.

CLARISSE *(pensando em como sair dessa situação)*: Vou verificar meus compromissos e converso com o senhor até o final da tarde.

DR. RAUL: Estamos contando com a senhora.

(Clarisse vai saindo da sala quando...)

FERNANDO: Entendo totalmente o Sr. Miller... com esse rebolado, quem não se encanta?

(Clarisse olha para Fernando com muita raiva e sai sem responder nada)

CENA 4 - PROPOSTA

REBECA: Alô...

EVANDRO: Rebeca, boa tarde, é o Evandro. Gostaria de conversar melhor com você sobre a vaga de trabalho, seria possível?

REBECA: *(entusiasmada, mas se controlando)* Claro que sim. Quando? Que horas?

EVANDRO: Pode ser hoje no final da tarde?

REBECA: Hoje?

EVANDRO: Sim, tem um restaurante perto do meu apartamento que é bem tranquilo e podíamos conversar mais tranquilamente e sem interrupções.

(Rebeca se sentindo incomodada)

REBECA: Não sei... não seria melhor no jornal amanhã logo cedo? Não é muito tarde?

EVANDRO Olha Rebeca, estou com a minha agenda completamente lotada e tem mais, para uma candidata a jornalismo você está insegura demais... (pausa).

REBECA Não, não é bem isso.

EVANDRO *(ficando sem paciência)* Bem, se você não está interessada, tudo bem, vou conversar com outro candidato.

REBECA *(insegura, mas tentando ser firme nas palavras)*: Não, não... pode ser... Que horas seria? Só por favor, eu não gostaria que fosse muito tarde.

EVANDRO Podemos marcar umas 18:00 horas.

REBECA *(não gostando muito)* Está ótimo. Você pode me passar o endereço?

EVANDRO Passo o endereço por mensagem.

REBECA: Okay... estarei lá. Obrigada pela oportunidade.

EVANDRO: Eu que agradeço, estou ansioso para conversar com você.

(Rebeca desliga o telefone pensando em não ir)

CENA 5 – POSSIBILIDADE

(Lurdes está sentada em um banco na varanda da casa)

ROBSON: Lurdes, deixa eu falar com você

LURDES: *(ainda chorando e com muita raiva)* Eu não tenho mais nada para falar com você. Até quando vocês irão determinar qual será o nosso futuro? Até quando uma mulher não poderá decidir o que fazer de sua própria vida?

ROBSON: Eu compreendo tudo o que você diz, e sei muito bem o que não é poder fazer o que queremos ou amar quem realmente amamos. Mas até tudo isso mudar precisamos dar um jeito de ser feliz com o que temos.

LURDES: Feliz? Como ser feliz sendo obrigada a casar com alguém? Como ser feliz em não realizar seus próprios sonhos? Como ser feliz sempre tendo alguém mandando em você e na sua vida?

ROBSON *(triste)*: Eu sei Lurdes, eu sei e entendo tudo o que você está dizendo, principalmente em te esconder quem você realmente ama.

LURDES: Oh, meu irmão. Fico eu aqui reclamando de tudo e vejo que sua situação também é complicada. Ainda bem que podemos contar um com o outro, ou o que seria de nós?

ROBSON: (*calmamente*) Lurdes, dá uma chance para o Décio, conversa com ele. Conte para ele os seus planos, seus sonhos. O Décio tem uma cabeça mais moderna e poderá inclusive apoiar você a fazer a faculdade depois de casada.

LURDES: Casada? Mas para isso terei que aceitar casar com ele? Não quero me casar nem com ele, nem com ninguém. Quero só ser médica. Quero viver a minha própria vida. Quantas vezes vou precisar dizer isso?

ROBSON: Você gostando ou não será melhor se casar com ele. Se você não for com ele, será com outro e poderá ser pior. O papai vai casar você com alguém de qualquer maneira e com o Décio você ainda terá alguma chance. (*rindo*) Ou terá que fugir de casa.

LURDES: (*com raiva*) Prefiro fugir de casa e viver de qualquer coisa.

ROBSON (*sarcástico*): Sério mesmo?

LURDES (*começando a rir*): Não fale assim.

ROBSON: Para de chorar. Já deu né. De verdade o Décio te ama muito e fará qualquer coisa pra te agradar e ver você feliz.

LURDES (*desconfiada*): Eu até posso tentar acreditar em você, mas será só nós nos casarmos e ele vai mudar de ideia e vou enterrar meus sonhos.

ROBSON: É um risco que você terá que correr. O papai com certeza não irá gostar de você ir para a faculdade, mas ele não poderá dizer mais nada se você já estiver casada.

LURDES: (*pensativa*) Será que realmente terei uma chance? Mas se o papai descobrir vai dar um jeito de desfazer tudo.

ROBSON: Não vamos deixar ele descobrir. Será nosso segredo.

LURDES: Pela primeira vez estou achando que tenho alguma chance.

ROBSON: Não custa tentar e quanto ao papai, vamos deixar ele acreditar que você desistiu dos seus planos.

CENA 6 - DECISÃO

(Dr. Raul e Fernando estão tomando um café quando Clarisse se aproxima)

CLARISSE: Que bom que encontrei os dois aqui. Dr. Raul, caso o Dr. Fernando ou qualquer outro advogado da empresa não vá comigo a essa reunião e passe o final de semana junto comigo, eu não irei ao encontro do cliente. Sinto muito, mas não estou me sentindo confortável com a situação.

DR. RAUL: Dra. Clarisse, acho que a senhora não entendeu o que eu disse pela manhã. Esse cliente irá salvar o nosso escritório e isso depende da senhora, todos daqui dependem da senhora. Vamos fazer o seguinte, eu triplico o seu bônus e ficamos entendidos.

CLARISSE: Dr. Raul, com todo respeito, eu não irei a essa reunião e já estou decidida.

DR. RAUL: *(sendo áspero)*. Dra. Clarisse, eu não estou pedindo para a senhora ir a essa reunião, eu estou mandando. Eu disse desde o início que teríamos muitos horários alterados. Você irá trabalhar em tempo integral com o Dr. Fernando e receberá muito bem para isso, mas deverá passar esse final de semana com o cliente.

CLARISSE (*sendo áspera*): Sou uma profissional e trabalhei muito até hoje para receber essa promoção, porém não estou a venda e não vou fazer isso só porque o senhor está mandando. Se foi o pai do Dr. Fernando que indicou esse cliente, o Dr. Fernando que lide com isso e que fique com o cliente. Que vá ele a essa reunião. Não quero essa promoção, não quero bônus nenhum. (*Ficando cada vez mais zangada*). Sei bem o que esse tal de Sr. Miller quer comigo e não vou me sujeitar a um papel desse. Sinto muito pelo escritório, mas não vou me sujeitar a isso. Precisamos arrumar outra maneira de salvar o escritório.

DR. RAUL: Sei que você está magoada e zangada, mas o mundo corporativo é assim mesmo e você só tem que aceitar, ou...

CLARISSE: Ou o que?

FERNANDO: (*com ironia*). Aceita que dói menos Clarisse. Apesar que, (*pausa*) de verdade esse escritório está precisando mesmo é de sangue novo. Você até que é muito bonita, mas já deu né! Novas perspectivas de negócios. Você já está velha demais para esses novos projetos. Deixe isso para os mais jovens mesmo.

CLARISSE: (*gritando*). Você me respeite pois eu nunca lhe dei liberdade para falar assim comigo. Você ainda precisará aprender muito para chegar aos meus pés, pois você pode ser jovem, mas é extremamente incompetente...

FERNANDO: (*ironicamente*) Qual é o problema de uma reunião mais reservada com um cliente? De repente ele só quer confidencializar alguma coisa com a senhora. Cliente e advogado, e a senhora fica aí se colocando de ofendida, cheia de achismos. Tá se achando demais, pagando de boa moça.

CLARISSE: (*grosseiramente*) Essa conversa já está indo longe demais. Já decidi e não vou voltar atrás.

DR. RAUL: Dra. Clarisse, eu também acabei de tomar uma decisão. A senhora não é mais necessária para os nossos trabalhos.

CLARISSE: (*asperamente*). O senhor está me demitindo? Sério? Será um prazer sair daqui. (*pausa*) Saio daqui com a cabeça erguida e com muito orgulho do que seu. Desejo ao senhor e a esse moleque sentado ao seu lado boa sorte com o seu escritório. Coloque seus clientes nas mãos desse moleque e encontre muitos fracassos e tem mais, o senhor não passa de um advogado ganancioso e foi por isso que o escritório chegou onde está. A beira da falência. O senhor só pensa em dinheiro mesmo e para isso aceita qualquer coisa, inclusive em vender suas funcionárias, sem respeito e sem moral. O senhor é um hipócrita mesmo. Vou sair daqui o mais rápido possível, pois olhar para vocês está me dando nojo.

Ah! Mais uma coisa, nos encontraremos nos tribunais e prepare o bolso, pois se o seu escritório não for a falência por perder esse cliente, irá pelo tamanho do processo que irei preparar contra o senhor. (*Olhando para Fernando*) Você também se prepare pois irá receber notícias minhas, e não serão boas notícias pode ter certeza disso.

(*Clarisse sai da sala com muita raiva, sem nem olhar para trás*)

CENA 7 – ENTREVISTA/JANTAR

EVANDRO: Boa noite Rebeca, que bom que você veio. Achei que não viria.

REBECA (*incomodada*): Mas, por que eu faria isso?

EVANDRO: Achei que só estivesse fazendo tipo. Queria saber se algum político ou outra pessoa qualquer lhe convidasse para jantar lhe concedendo uma entrevista se você iria.

REBECA: Isso iria depender de quem e onde.

EVANDRO: Interessante seu argumento, mas... bem... tomei a liberdade de pedir um vinho para nós.

REBECA: Não obrigada, eu não bebo.

EVANDRO: Se solta Rebeca. Você é uma menina muito bonita e agradável e não precisamos ficar conversando a noite inteira somente de trabalho.

REBECA (*ficando irritada*): Sr. Evandro, vim até aqui pois achava que o senhor gostaria de tratar de trabalho e para o senhor perceber que posso aceitar desafios. O senhor pretende me aceitar no jornal ou não, pois tenho outro compromisso.

EVANDRO (*irônico*): Bem, acho que podemos acertar salário e horário diretamente no jornal, então aproveite a noite e vamos comemorar.

REBECA (*insegura, mas tentando ser firme nas palavras*): Infelizmente eu não posso Sr. Evandro, eu realmente preciso ir. Posso estar no jornal amanhã por volta das 8:00 horas?

EVANDRO: Vou lhe acompanhar até lá fora.

REBECA: Não precisa. Vou pegar um Uber

EVANDRO: Não, de jeito nenhum, eu te levo para casa.

REBECA (*ficando cada vez mais incomodada e tentando não ser mal-educada e já se levanta saindo do restaurante*): Obrigada mesmo, mas já vou indo. Aproveite o seu vinho. Nos vemos amanhã.

(*Evandro se levanta da mesa e vai atrás de Rebeca*)

EVANDRO: Espere, espere, mas por que tanta pressa?

(*Evandro e Rebeca estão fora do restaurante. Ele a segura pelo braço*)

REBECA: Por favor Sr. Evandro, solte meu braço. Eu preciso ir embora.

EVANDRO (*puxando Rebeca para perto de si*): Para de fazer tipo menina. Você não é tonta e sabe muito bem porque eu chamei você aqui. Vem que vamos das uma voltinha bem gostosa. (*agarra Rebeca e tenta lhe beijar a boca*)

REBECA (*tentando se soltar*): Me larga, o que o senhor pensa que está fazendo? Não vou pra lugar nenhum com o senhor. Me solte....

EVANDRO (*segura ela bem forte com uma mão e com a outra ele coloca a mão no meio das pernas de Rebeca*): Vem cá vem gostosinha. Vou lhe mostrar como conseguir um emprego de uma maneira bem agradável.

(*Rebeca com muita raiva dá um soco na virilha de Evandro e quando ele se encolhe ela sai correndo sem nem olhar para trás. Evandro fica caído no chão gemendo de dor*).

CENA 8 – REALIZAÇÕES

(*Lurdes entra correndo na sala e encontra Robson lendo jornal*)

LURDES: (*entusiasmada*) Robson, tenho uma coisa incrível pra te contar.

ROBSON: Pare de gritar e conte logo.

LURDES: Conversei com o Décio e ele me prometeu que vai deixar eu estudar.

ROBSON: Nossa, que bom que ele concordou. Mas foi simples assim?

LURDES: A princípio eu achei que estava perdendo tempo, pois enquanto eu falava e falava e falava, ele só olhava pra mim. Não dizia nada e nem reagia. Só ficava olhando fixo para mim.

ROBSON: Sério? Ele não dizia nada?

LURDES: Não. Achei que ele iria até brigar comigo. (*com ternura*) Mas depois ele sorriu. Disse que me amava muito e que se isso fosse me fazer feliz, que ele iria me ajudar a realizar meu sonho.

ROBSON: Puxa, pelo menos alguém aqui vai conseguir ser feliz de alguma maneira.

LURDES: (*pensativa*) E se ele mudar de ideia?

ROBSON: Isso não vai acontecer. O Décio é homem de palavra.

LURDES: (*com um risinho maroto no rosto*) Ah... E quanto a ser feliz, o irmão do Décio te mandou lembranças.

(*Robson e Lurdes saem da sala abraçados e sorrindo de alegria*)

CENA 9 - LURDES, CLARISSE E REBECA

(*Clarisse e Lurdes estão sentadas em uma mesa tomando um café*)

CLARISSE (*relembrando*): Realmente eles achavam que eu ia me sujeitar a sair com um cliente por dinheiro? Quem eles pensavam que eu era, uma advogada ou uma prostituta? E ainda por cima querendo fazer eu me sentir culpada pela falência do escritório. Eles só pagaram o preço pelo que me fizeram e não sinto remorso algum.

LURDES: O tempo passa e parece que nada muda. Depois de tantos anos, o comportamento deles são os mesmos. “Eu mando e você como boa menina obedece”. Mas realmente o Dr. Raul passou dos limites naquela época. (*Pausa*). Fico pensando em quantas mulheres passaram ou ainda passam por isso... Seu pai realmente foi um homem à frente do seu tempo. Sinto tanta falta dele e de seu otimismo por um mundo com mais respeito para com mulheres...

(*Rebeca entra correndo e batendo a porta*)

LURDES: (*preocupada*) Rebeca minha querida, aconteceu alguma coisa, você disse que chegaria cedo e já são dez horas. Você está branca, pálida. O que houve.

REBECA: (*muito nervosa*) Não houve nada, só preciso tomar um banho.

LURDES: Mas o que houve?

REBECA (*com muita raiva*): Não importa vovó, agora eu só preciso de um banho urgente, preciso me livrar desse cheiro de perfume barato.

CLARISSE: (*preocupada*) Rebeca, nos fale imediatamente o que aconteceu...

REBECA: Aquele homem, aquele nojento. Alguma coisa me dizia que eu não devia ter ido ao encontro dele. Mas eu precisava provar a mim mesma que seria

capaz e eu queria tanto aquele emprego. Fiquei me perguntando, e se fosse uma matéria? Eu não iria por medo? Resolvi correr o risco.

CLARISSE: Quem é esse homem, qual é esse jornal? Vamos a polícia agora, vamos denunciar esse homem.

REBECA: Não mãe, eu não quero. Eu fui lá e ele se aproveitou disso. Além de eu me expor, não vai acontecer nada com ele e ainda vou ficar queimada.

CLARISSE (*com muita raiva*): Uma vez eu ouvi uma mulher comentando o seguinte... “Enquanto houver uma acusação de violência contra mulher eu sempre vou estar do lado dela até que se prove a verdade, não me arrisco a pôr a mão no fogo por nenhum homem”... Sou uma advogada e se não puder defender minha filha, jogo meu diploma fora. Não irei permitir que esse homem faça isso com mais nenhuma mulher.

LURDES: Denuncie, lute. Se não conseguir colocar esse homem na cadeia, destrua sua carreira pelo menos. Não podemos nos calar. Temos que começar a colocar um fim nesses tipos de atitudes.

CLARISSE *Para plateia (ao lado de Lurdes e Rebeca)*: As violências “invisíveis” as quais não são facilmente percebidas com marcas pelo corpo, também acontecem e são preocupantes. A violência psicológica, a moral, a importunação sexual (assédio) são os tipos de violência que podem passar “despercebidas” por mulheres com pouco acesso à informação ou até por mulheres com antepassados culturais machistas e patriarcais.

O assédio e as violências “invisíveis” foram considerados na pesquisa realizada pelo FBSP (*Fórum Brasileiro de Segurança Pública*) em 2019. A vitimização por assédio é mais concentrada em jovens de 16 a 24 anos com 66,1%, diminuindo para 53,9% entre mulheres de 25 a 34 anos, mas acontece também em idades maiores. A maior parte dos assédios se dão por meio de comentários desrespeitosos na rua, porém, também em muitos casos em ambiente de trabalho. Muitas mulheres são assediadas fisicamente em transporte público ou abordadas de maneira agressiva e têm seus corpos tocados durante uma balada ou festa. São agarradas e/ou beijadas à força, sem consentimento em qualquer situação. São assediadas fisicamente em transporte particular chamado por aplicativo e também assediadas enquanto estão sob efeito de bebidas alcoólicas. Podem-se notar diversos e repugnantes casos de assédio a que uma mulher está sujeita durante o dia a dia comum.

Isso precisa parar, isso precisa acabar. Temos que buscar nossos direitos e parar de se envergonhar daquilo que não é nossa culpa, que não é culpa da mulher. Haver leis que nos protejam e que condenem de alguma maneira essas violências “invisíveis”.

Se é estrutural, que se quebre essa estrutura e para isso precisamos nos unir e aprender a dizer pare, a dizer não e a não pactuar com essas aberrações.

Em caso de assédio, abuso ou qualquer tipo de violência, ligue para o 180, não podemos nos calar.

FIM

Sobre a autora: Regiane Maria. Contadora. Economista. Fotógrafa. Curso Iniciante em Teatro pela Fundação das Artes de São Caetano (FASCS) em 2018. Estudante do Curso Técnico Teatro pela Fundação das Artes de São Caetano (FASCS) desde 2019, atualmente finalizando 4º período. Estuda dramaturgia pela Fundação das Artes de São Caetano (FIC-FASCS).

Contato: regiane.maria@outlook.com

Desalinho
Rodrigo César

Rubrica única: existem textos entre parêntesis que não necessariamente são rubricas.

Esta é uma história de final feliz. Não precisa criar ansiedade, porque é de final feliz.

Words are useless

Specially sentences

They don't stand for anything

How can I explain how I feel?

Let's get unconscious.

Traveling in the arms of unconsciousness.

("Bedtime Story", composição de Bjork Gudmundsdottir /

Marius Devries / Nellee Hooper)

(Batidas secas)

Há de haver uma saída

Há de haver uma saída

Há de haver uma saída

Há de haver uma saída

Há de haver ma saí

Há de haver uma sa

Há de haver uma saída

.

Há de haver uma saída.

.

Vocês aqui de novo. Eu não sei se estou acordado ou não porque meus sonhos são lúcidos, com fluxos eloquentes e longos.

.

De novo vocês aí e eu aqui neste teatro, tendo que tomar uma decisão. E eu não sei se estou acordado ou dormindo, porque meus sonhos são lúcidos e premonitórios e eu não sei qual decisão.

.

Esta é a minha história, esta é parte da minha história num momento que eu busco uma saída, esta é a minha parte nesta minha história que eu só pude reconhecer quando eu vi a história dela, certamente mais dolorosa que a minha, a dela foi dolorosa e fatal.

A minha história é uma história de desamparo, uma história que não é a da Senhorita Dubois, mas a minha também é a história de uma pessoa que depende da caridade de estranhos.

A caridade dos estranhos que são parentes sanguíneos, parentes que disputam poder e atenção e engolem quem quer que seja por causa de seus egos machucados, por quais motivos talvez nunca saberemos, mas são egos

machucados que machucam egos no que uma vez disseram: “o sonho do oprimido é ser opressor”.

.

.

Há de haver uma saída.

comprimido.

.

Às vezes devemos ser indignos a fim de podermos viver.¹

.

Nessa leva de frases ditas, escritas, pintadas, sabemos que o oposto do amor é o poder. Onde impera um, não há espaço para o outro. A sombra do amor é o poder. O amor doente. O amor doente ainda é amor?

.

Romanticamente o amor doente é amor, mas quando há opressão, violência, morte de vidas, morte do brilho da vida, ainda é amor? Um amor doente, sombrio, assassino de corpos, assassino de sonhos, ainda é amor?

.

As perguntas retóricas que têm as respostas sufocadas.

.

.

¹ Carl Jung.

Gritos mudos. Silêncios audíveis. Cadê a catarse daquilo que pulsa aqui e aí?

.

Isso - isso é um grito de basta para todas as histórias de pessoas que foram mortas e de pessoas com sonhos que foram mortos.

.

Toda história com final feliz pressupõe dificuldades no caminho. Podemos ser românticos. Podemos ser poéticos. Podemos dourar pílulas em manteigas clarificadas em panelas antiaderentes de centenas de reais inflacionados divididos em 10 vezes com juros e taxa de entrega de uma entrega que atrasa. Mas morte é morte. Onde há vida há morte, bradou a outra na televisão. Poético, lindo, lúcido, até que a morte acometa seu corpo, o corpo dos seus, seus sonhos, os sonhos dos seus, a menos que quem mate seja você.

.

Poético. Patético.

.

Não vai embora não, fica, prometo que não é o método mude a sua vida em 3 passos ou menos.

.

Eu estava dizendo que vi minha história na história dela, e que a história dela é mais dolorosa que a minha, isto é certeza. Não me entendam mal, porque as palavras são inúteis, as frases ainda mais, o que dizer das sentenças? Sentenças-frases e sentenças-de-morte. Morte do corpo, morte dos sonhos. Há

de haver uma saída. Não me entendam mal, a dor dela certamente é maior que a minha, foi maior que a minha, ela morreu jovem, depois de três anos trancafiada num manicômio, e eu não me conformo, ela por deixar de amar aquele que a agredia, foi taxada de louca, mandada num trem pra um hospício, conviveu com as ditas minorias, essas minorias que se você vai somando um mais um mais um mais um, já passou da metade, já é maioria. Eu sou minoria e também fui taxado de louco porque deixei de amar aquele que me agredia e agrediu o meu... eu não consigo nem dizer porque falaram que eu que era ruim mas ele... ele... eu não consigo falar o que ele fez. Pela vulnerabilidade física e social dela, eu vi a minha. Pela vulnerabilidade interiorana dela eu vi a minha, urbana, do grande centro, e algo nos conecta, de novo, repito, eu sei que a dor dela foi maior que a minha. Mesmo eu não conseguindo falar o que ele fez e ela certamente sofreu mais porque eu de um jeito ou de outro consegui me livrar do mal mas não do mal que ficou aqui. Talvez eu queria registrar aqui nestas palavras uma egrégora régia para transformar alquimicamente as dores, minhas, dela, pretensiosamente onipotente, sabidamente impotente, mas há de haver uma saída, as palavras são inúteis, as frases ainda mais, mas as palavras constroem firmeza de pensamento, então quando elas viram sentença de morte, constroem a firmeza da morte, são inúteis. Onde há vida há morte, bradou a outra na televisão. Poético, lindo, lúcido, quando a morte é simbólica e há a possibilidade de renascimento metafórico. Você sabe do que estamos falando?

.

Estamos falando da morte.

.
Eu não consigo falar o que ele fez.

.
Estamos falando dessa entidade chamada morte que é linda no campo do simbólico do renascimento, e dura, finita no campo da morte do corpo e sim, da morte dos sonhos. Não dá para dourar a pílula e o que é essa frase “há de haver uma saída”?

.
A água não baixa. Já estragou a cama. Já estragou a geladeira e o sofá. Já tem tempo e essa água não baixa. Já tem tempo e o cachorro tá com frio. Já tem tempo que a mesa quebrou e não tem onde ficar. A chuva forte lá fora diminui e volta, mas não para. A única certeza é que o sol vai voltar uma hora e isso vai secar e a chuva vai voltar e isso vai encher de novo.

.
O dia amanheceu. A noite escura se foi. Mas esse novo dia não tem sol. Tem chuva, tempestade. Dia escuro. E...

.
Você já enlouqueceu alguém? Não de maneira sensual ou de deixar puto. Você já enlouqueceu alguém de verdade? O seu jeito já causou um surto, desequilíbrio, loucura? Não tem metáfora aqui. Me conta, porque eu fiz isso e não consegui reparar. Não tinha como reparar. É culpa sim, porque fui eu que fiz. E ver a derrocada do outro foi... você sabe como foi, mas quando eu percebi

que fui eu que enlouqueci e causei aquele surto, eu, eu, tá vendo como não se trata de mim, se trata do que eu fiz, mas se trata mais do que aconteceu pela loucura que eu causei. Deve ser o mesmo tipo de coisa quando você causa um acidente ou mata alguém. Causar a loucura é causar um acidente e matar alguém, tem metáfora aqui, mas não tem metáfora aqui.

.

Não se deve acreditar demais no que se sente pois emoções enganam.

.

Quando eu soube do que aconteceu depois do que eu fiz foi como se o chão se abrisse e tudo o que eu tenho caiu lá dentro, o chão fechou e eu fiquei aqui, pra fora.

.

Ela me perguntou se isso era bom ou ruim. Eu falei que era ruim, muito ruim.

.

Saiu a carta da temperança. Ela me disse que temperança é elo, ligação e eu perguntei de onde ela tirou isso. Ela não sabia. Não dá pra fazer nada. Eu sou uma corda e a tensão fica toda na corda e eu não posso romper. Eu causei isso mas agora eu sou a corda, e a corda não faz nada a não ser segurar e sentir a tensão, mas ela não pode fazer nada, a corda. Não sei se faz sentido porque eu não consigo colocar uma cronologia, não consigo explicar, eu, você já deixou alguém louco?

.

Não se deve acreditar demais no que se sente pois emoções enganam.

.

Preguiçoso! Isto é hora para estar na cama?

E o que eu vou fazer fora da cama? O que tem aí fora, me diz, me diz, me diz.

Eu não vou conseguir resolver, já fiz merda o suficiente então por que eu vou sair da cama?

.

Os mortos não sonham. Os mortos já sonharam e não sonham mais.

.

Eu não sei vocês, mas eu estou em exaustão, só de falar tudo isso, de escrever tudo isso, de viver tudo isso, de tentar transformar aqui dentro, tudo, tudo, tudo, tudo, ou melhor, todas, todas, todas mesmo, todas as tentativas de fazer e acontecer, mas que só percebi que não consigo por conta da minha vulnerabilidade, aquela que só pude perceber quando vi a vulnerabilidade dela. O que uns chamam de desalinho, aqui eu vou chamar de desamparo.

.

De novo aqui com vocês. O que vocês não sabem e que eu ainda não falei é que eu venho de longe, estou tentando há muito tempo, e eu preciso ser direto, mas eu não consigo usar palavras retas para dizer o que precisa ser dito de maneira reta, direta, é que eu sempre lutei por uma coisa, seja qualquer coisa, mas eu sempre achei que não conseguia porque estava acima do peso mas hoje eu vejo que o problema é outro, é porque eu falo diferente, sabe, diferente, ando

diferente, meu jeito, esse jeito que desde cedo censuravam porque não é igual ao de ninguém, quer dizer, é igual, é igual ao dessas pessoas todas que são normais mas que chamam de anormais, essa é uma palavra pesada, você já experimentou carregar essa palavra ANORMAL nas costas? Não, não, não vou me lamentar, nem ficar tomando o tempo de vocês com essas lembranças, mas tá engasgado aqui, tá vendo aqui, é um nó na garganta que não é simbólico não. É um calombo, uma dor, quanta faringite, laringite, fodite que tive aqui sem saber que era porque eu queria dizer pro mundo que se fodam, que eu sou normal, mas se eu usar a palavra normal eu tô usando um conceito imbecil. Cara, não é panfleto nem lamentação. Desalinho certamente não é. Entendem porque eu me vejo na história dela, presa no manicômio, aquele do trem, porque ela também passou a carregar nas costas um papel maliciosamente colocad- e a senhorita Dubois também, que vivia da caridade de estranhos e foi estuprada eu também e depois mandada para um manicômio também.

.

Eu estou em exaustão. Sem energia, porque o ventre que me acolheu está de mãos atadas, diante da sementeira que me nomeia. Sementeira é uma metáfora cafona pra esse pai cafona. Eu não quero mais este sobrenome. Eu espero que o dia que ele morra alguém assine a documentação no cemitério porque eu não quero ir até lá, nem pra isso. Mmmm eu eu eu hhhh eu fffffff euuo não quero mais esse sobrenome de quem me feriu em tantas camadas e ele – **O GRANDE** - permitiu que me ferissem sem fazer nada. Este – não – é – mais – meu – sobrenome.

Palavras são inúteis. Eu estou em exaustão. Chega de palavras. Chega de sobrenomes. Eu sou eu. Eu sou meu nome próprio. Meu nome próprio e apenas meu nome. Não quero mais carregar essa mala que não me pertence, essa mala que... eu estou em exaustão. Chega de palavras.

.

..

.

Eu queria falar de amor, quando vocês chegaram, eu queria falar de amor, porque eu quero escrever minha história nessa egrégora de amor, da cafonice do amor de final de feliz, você não quer? Você também não quer? Todos querem. *Amor I love you* é brega porque o amor é isso. Num dia você sofre, no outro dorme de conchinha com uma pessoa desconhecida, que fuma, e você não reclama do cheiro de cigarro que fica impregnado em você. “*Se você quisesse ia ser tão legal, acho que eu seria mais feliz do que qualquer mortal, na verdade não consigo esquecer, não é fácil, é estranho...*”²

.

O movimento que você tem por dentro te propulsiona e com tanta coisa que você é, você é visto como esquisito, com a sua beleza, mas você também se sente esquisito, afundado nesse mundo de terra e água e chumbo. Chumbo, chumbo, chumbo na água, chumbo que represa essa água que precisa escoar, evaporar,

² “Não é fácil”, composição de Marisa De Azevedo Monte / Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho / Antonio Carlos Santos De Freitas.

molhar essa terra, por que você se prende tanto assim?, não deixa nada entrar, nada sair, tá todo mundo esperando, tá todo mundo esperando você. E daí, fodase, mas você precisa viver em sociedade, aprender a viver em sociedade, ser produtivo, ser alguém, ser coisa alguma, e não coisa nenhuma. Esse coração vai cicatrizar. Tem final feliz, lembra? Há de haver uma saída, mas o que é que quer dizer isso? Coisa alguma é esse eco, ecoa coisa alguma o tempo todo e quem se importa? Terra, eu preciso de terra, quero terra em cima de mim, 7 palmos de terra em cima de mim, não, quero terra, sete passos descalços na terra úmida pra, onde está o fio terra, de onde vem a força? Terra nos meus pés, eu sinto a terra úmida nos meus pés, e de que adianta? Eu preciso de ajuda.

Se uma imagem fala mais do que mil palavras, então imaginem uma foto, um retrato emoldurado dum álbum de família nessas molduras cafonas de loja de utilidades. Cafona no mesmo nível da metáfora da sementeira cafona, porque é dessa gente que eu vou falar. Pior que tem essa foto mesmo. Essa aqui me dizia “você é incapaz” com todas as letras, “eu sou melhor do que todos vocês”. Já aquela outra ali não dizia, mas me dizia nas entrelinhas que eu era incapaz. Cada uma dessas duas falava de um tipo de incapaz. Essa primeira aqui, com certeza é a mais perversa, porque pra se sentir melhor que todo mundo, dizia pra mim – e pra eles também, mas pra mim ela era mais cruel: “você não tem beleza, você é incapaz, você não sabe falar, você não sabe escrever, o que é mesmo que você falou? Você não sabe concordância, você não sabe inglês, não encosta em mim, vai pra lá...x.x.x... oi,

tudo bem, então... você pode me fazer um favor?”. E a outra, a menos perversa, dizia nas entrelinhas “você não é capaz de resolver as coisas por si, o mundo é perigoso e você é frágil, não pode sair sem companhia, alguém tem que te proteger” mesmo que quem te proteja seja esse que te espanca e todo mundo finge que não vê que te espanca. Já ele, **O GRANDE** - uma combinação disso tudo, dizia “isso que você escolheu não presta. Você não sabe resolver. Tem que perguntar pra mim. Você não sabe escolher, não sabe resolver, não sabe ver a qualidade, você mmmmm você você você hhhhh você fffff você não sabe de porra nenhuma, não sabe de porra nenhuma e não vai ser ninguém”.

.

Eu estava dizendo que essa é a minha história, parte da minha história, e neste momento eu estou com muito pavor, medo, eu não sei se vocês já sentiram isso, mas é um sentimento de desamparo, sem a menor noção do que está por vir, mas eu acho que, eu sei que isso é pavor, é pavor o que eu tenho aqui dentro.

.

Eu prometi final feliz porque me prometeram final feliz “se não ficou bom é porque ainda não chegou ao fim”. Saporra não funciona assim, será?

.

Tudo o que eu vivo hoje é comparado com quem viveu algo pior que eu e parece que eu não posso nem falar a respeito porque falar a respeito parece egoísmo. Eu vivi algo ruim e trouxe de bagagem e perdi meu amor.

.

Aos que viveram a guerra, no pós-guerra vocês sobreviveram e se refizeram. A história de vocês é mais dolorosa que a minha. E vocês, de um jeito ou outro se refizeram. E eu não consigo.

.

Quero contar para vocês uma situação e me digam o que acham.

Vamos fazer de conta que vocês estão vendo aqui uma pessoa jovem diante de uma entrevistadora, para a vaga de emprego.

- Tudo bem você ser homossexual, não tem problema nenhum.

- Olha, a vaga não ficou com você porque a outra pessoa tinha isso e isso de qualificação.

- Mas eu também tenho.

- Mas ficamos com ela, ela... ..fez Mackenzie.

- Eu fiz USP.

O que acham deste diálogo? Não precisa me responder, vamos seguir. Quer dizer, vou tentar seguir.

.

Eu sou só mais um número.

Um número 24 qualquer numa lista por aí. Eu achei que isto tinha ficado pra trás, que eram outros tempos. É. 24. Não me venha com 23+1. É 24. Eu tinha esquecido disto.

.

Quando vocês chegaram aqui eu queria falar de amor. Por quanto tempo homossexuais vão precisar falar de homossexualidade em espaços como este beirando o panfletário porque falar do que a gente sofre urge mais do que falar dos corações partidos?

.

Meu coração é partido. Esta é a minha história, uma parte da minha história. Uma parte que se você somar uma mais uma mais uma já tem algo maior que o todo. Pega quem quer.

.

.

(...o coração aperta chora chora chora ah daqui o que vejo são solas e solas limpando depositando em mim toda sorte (ou azar) de coisas detritos dejetos do que é mais puro da alma do ser humano e meu vermelho empalidece porque eu sou o fim ou o início e entremeio eu não aguento. O que eu sei de mim é resistência à chuva, ao calor, a ida e a volta para a romaria (~~deles~~) eu estou aqui inerte vendo solas e solas aqui solo no solo. Minha Nossa Senhora Conceição dos Coqueiros me traz o mar aberto nos caminhos dessa chuva de água salgada que brota de mim pois chega).

.

.. Isto é um sonho?

.

.. Isto é muito sol?

.

.. Tão sentindo esse cheiro?

.

.. Cheiro de mar.

.

.. Aperto.

.

..

.

..

.

ffff um abraço apertado traz consigo tanta informação, e é disso que eu sinto falta. Daquele abraço que abraça com energia, demora, respiração, alma!

A essa hora já era pra eu estar no movimento de subida. Eu sou metade. Não estou procurando a minha cara metade, não é isso, não é isso mesmo, porque eu acredito em troca, que eu troco, você troca, comigo, e não me troca. Mas não é por isso que eu me sinto metade. Meu peito está inteiro, inteiro buraco. Tudo me falta pela metade. Porque eu não estou inteiro, só este buraco inteiro, eu não consigo.

As pessoas me olham e falam: fica bem, fica na inteireza, seja a inteireza, seja seja seja. Ser o que? Sabe o médico que fala “o paciente fez um câncer”. Como assim que caralhos uma pessoa faz um câncer? É culpa? É achar um culpado? E o culpado é o paciente. Seja seja seja. Eu não estou assim porque quero.

Dizem que o tempo cura. Cura teu cu. 740 dias – ou 741 não sei se esse ano ou ano passado foi bissexto, mas isso não importa. Importa que já era para eu estar subindo, sorrindo, e como? Não basta olhar pra dentro porque é morte, fora é mais morte. O tempo cura. Tá de deboche, né?

.

Pior que eu sei que o tempo cura.

.

Mas eu não consigo.

.

Há de haver uma saída.

Mas eu não consigo.

.

E você diz que eu que não quero.

.

Teu cu.

.

E eu me prometi e prometi pra vocês um final feliz.

.

Perdão pela falta de educação no palavreado.

.

Eu estou metade de mim.

.

Vi num muro a pichação: ser normal é a meta dos fracassados.

.

E não é que é?

.

Não se trata de não saber viver só. Eu sei viver só. Mas sei viver a dois. E quero viver a dois. O problema não é a minha própria companhia. É que eu quero dividi-la com alguém. Eu quero estar com alguém. Esse alguém que eu já amo. Pode ser a conchinha que eu dormi outro dia, mas não conta pra ninguém, eu fiquei pensando, não podia sentir um cheiro de cigarro que já lembrava, eu odeio cigarro. Mas aquela marca devia ser da boa.

Se você escolheu esperar, espere. Com leveza, com felicidade. Sem se tratar mal. Se ame, o verdadeiro amor. Se você não aceita sua escolha, você não se ama. Você é livre pra escolher. Blá.

.

740 dias. Ou 741, você sabe se foi ano bissexto?

.

E ainda tenho que lidar com esse lindo porta retrato glaceado desse álbum de família. Olha aqui, isso vai e volta, mas dessa vez vocês estão aqui pra ver que eu não estou mentindo, porque se eu falo vão falar que eu estou mentindo, tudo falam que eu minto, mas quando eles se unem... e o sorriso depois?

.

~~“Onde estás, senhora minha,~~

~~Que te não dói o meu mal?~~

~~Ou não o sabes, senhora,~~

~~OU és falsa e desleal”~~

~~(Capítulo V — Dom Quixote)~~

“Onde estás, senhora minha,
Que te não dói quando me fazes mal?
Ou não o sabes, senhora,
OU és falsa e desleal”

.

Ela é exatamente assim. Ai ela é toda boazinha, ela é toda do bem, ela é tão galera, ela é jovem, ela é... sabe, ah, vai se foder, sabe... chata paca. ³

.

.. Quero mais saúde.

.

Eu quero falar de amor. E do amor que eu perdi pela pessoa que me transformei porque esse álbum de família ~ anexo ~ fodeu minha cabeça. Quem sai aos seus não regenera. ~anexo. Apêndice, apêndice a gente corta, e por que eu não corto?

.

.. Quero mais saúde.

.

³ Frase de Rita Lee Jones.

Vocês estão entendendo o que eu estou falando? Vocês entenderam a minha história até aqui?

.

Eu sei que não. Eu não consigo dizer palavras retas e fico falando falando falando pra quem for mais ligeiro pegar. Palavras são inúteis, as frases ainda mais, o que dizer das sentenças? Sentenças-frases e sentenças-de-morte. Morte do corpo, morte dos sonhos.

.

.

Quando vocês chegaram aqui eu queria falar de amor. Eu precisava falar daquele álbum de família, de como eu tentei me ajustar àquela família com meus móveis cor tabaco, grafiato na parede, sapatênis e camisa polo. E aquelas pessoas daquela foto me fazem implodir e / 39,9, é isso mesmo, esse termômetro está certo? / e explodir.

.

Lua nova, crescente, cheia, minguante. Maré cíclica. Ciclo da lua.

.

Ontem te falei dos sambas de reconciliação da Beth Carvalho. E hoje sonhei que eu te via num prédio, iríamos sair dali, do seu apuro, mas nos perdemos no elevador. Era um prédio tão grande. Procurei você nos 1823 apartamentos e te achei. *“Subi mais de 1800 colinas, não vi nem a sombra de quem deu desejo*

*encontrar...*⁴ Que abraço gostoso que demos. No reencontro. Seguiríamos saindo dali. Acordei. *“E hoje só me resta a dor...”*

.

Aquela solidão que bate, aquela tristeza que bate, tudo aquilo que bate na gente, que espanca a gente.

.

(Duas batidas secas).

.

Que espanca a gente.

.

(Batida seca) Que (batida seca) es-pan-ca (batida seca) a gente.

.

Ah, “mas eu quero que você seja feliz”. Que coisa mais altruísta, mais honesta, mais sincera, mais sábia. Mentira!

.

Aquela solidão que espanca a gente. Aquela culpa, você já deixou alguém louco, e por isso tenta ser altruísta, mas a gente espanca a gente. E eu tenho que falar a gente espanca a gente porque eu não dou conta de falar eu me espanco.

.

Eu me espanco.

⁴ 1800 Colinas, de Graciano Campos.

.

A superlua estava tão bonita, o sol está tão bonito.

.

Como alguém consegue dormir depois que o sol nasce?

.

Aqui nesse hospital tem uma janela grande e uma pequena, as paredes claras, a cortina aberta, o vidro é fosco, a corrente de puxar a cortina tem 997 bolinhas. contei uma por uma, três vezes. O sol está forte lá fora e aqui está um pouco frio. Mas essa não é uma memória que eu quero tornar lembrança. Não sei o que acontece lá fora. Eu deixei o meu altruísmo me espancar assim, porque eu deixei a minha joia para outro cuidar.

.

Esse sol de inverno espanca a minha cabeça. Lá fora ele me queima, aqui dentro ele me lembra do meu altruísmo que me espanca.

.

Eu sou aquele que se espanca. (Escreve no ar) Eu sou aquele que escreve essas palavras para aliviar a dor, mas não quero criar essa lembrança, mas estou escrevendo isso para ser dito muitas e muitas vezes e eu não quero dizer isso, mas não consigo criar metáfora nem sublimar e transformar em arte esse discurso direto porque eu não quero ser mal entendido, eu quero dizer que eu enlouqueci alguém.

.

A lua tem três rostos e um cachorro com três cabeças. São as inevitáveis fases mutáveis da vida. O caranguejo anda para trás, não é da água nem da terra.

.

Mãe, não faz isso.

Cala a boca, Matheus!

Mãe, tá doendo, ai, ai, ai.

Cala a boca!

Eu vou na loja e já volto.

Depois você gruda aqui que soltou.

(Suspiros ofegantes).

É o melhor que foi feito.

Quem tá com naso? Matheus?

Tá bom?

Agora não posso.

Depois tem que enfaixar as colunas, tá bom?

Enfermeira, enfermeira.

Tá chamando aqui atrás.

Enfermeira.

Oi.

Oi?

O senhor que tá chamando.

Não quero ficar aqui.

Não quer ficar onde?

Aqui tá muito isolado.

Realmente aqui é muito isolado. A gente vai desocupar um leito lá. Mas aqui pode ficar acompanhante.

.

O céu azul pela janela fosca, as nuvens brancas. O céu azul claro. Por favor, me espanca. Me espanca, me espanca.

.

Foram dez, só tinham dez na cartela, mas não faz nada, a bula falava que só precisava de carvão ativado, que não ia acontecer nada, mas eu não sabia, porque eu só li hoje e fui dormir porque eu não sabia que não ia acontecer nada.

.

Ai. Pai.

É o apito do trânsito.

Ai, ai.

Cala a boca.

Deixa eu falar. Ó, depois.

Fazer um raio-x, tem um monte em coma.

Tudo bem?

Não vai dar pra ouvir.

Cris, esses três...

Tá comigo.

Seu Francisco?

O seu é raio-x?

Não sei, Marlene.

Pior que eu não sei nem se posso encostar porque tecnicamente, não.

Viu?

Embora agora.

O seu celular tá tocando.

Deve ser cobrança. E se você ver alguma coisa bonita deve ser a gente mesmo.

Se for feio, deve ser o pessoal do outro setor. Bonita a sua cabana. Vai dar tudo certo agora, Deus vai te dar outra chance. Você é bobo? Deus deu outra oportunidade pra você curtir a vida. Você não é bobo. Escutou, qualquer coisa você chama a gente, “moça”, você não vai lembrar o nome da gente mesmo.

Onde você mora?

Do lado daqui.

Tá, qualquer coisa você chama, tá escutando? Tá escutando, não adianta levantar e lavar o chão, lavar banheiro. Qualquer coisa você chama a gente, tá.

É só soro para hidratar. “Mooça”. Tá?

.

Ele tentou suicídio?

Sim.

Ele é esquizofrênico?

Não.

A mãe dele tava maltratando ele.

Vai saber quanto tempo a família não aguenta? Ele tem um problema. E tomou os remédios pra resolver. Qualquer coisa, você chama, “mooço”. Voltei do almoço agora, mas estou aqui. “Mooço”.

.

Eu não sei o que fazer nem pra onde ir.

.

Ele é esquizofrênico e precisa de cuidado especial.

.

O que uns chamam de desalinho, aqui eu vou chamar de desamparo.

.

Eu queria falar de amor e falei. Do amor que... daquilo que eu lembro. Muito sentimento confunde a gente, você, vocês não se confundem?

.

Minha boca está seca.

.

Comprimido. Meu coração está comprimido.

.

.

.

Solidão é lava que cobre tudo, amargura em minha boca.⁵

.

Aquela solidão que bate, aquela tristeza que bate, tudo aquilo que bate na gente, que espanca a gente.

.

(Duas batidas secas).

.

QUE ESPANCA A GENTE.

.

(Batida seca) Que (batida seca) es-pan-ca (batida seca) a gente.

.

Ah, “mas eu quero que você seja feliz”. Que coisa mais altruísta, mais honesta, mais sincera, mais sábia. Mentira! Quem disse que eu consigo esse desprendimento? Você aí, consegue? Consegue, (ênfase) boy?

.

(Batida seca)

.

A RODA DA VIDA NÃO PERDOA E VOCÊ TÁ LÁ EM CIMA COM O SEU AMOR E DAQUI A POUCO A VIDA VEM E TE TIRA TUDO QUE É PRA VER SE VOCÊ SABE SE EQUILIBRAR E VOCÊ (batida seca, pausa) NÃO SABE.

⁵ Paulinho Da Viola / Paulo Cesar Baptista De Faria.

.
“A claridade do paraíso se alterna com a mais profunda e terrível das noites”.
Bonito isso, é do Goethe: Fausto.

.
“A claridade do paraíso se alterna com a mais profunda e terrível das noites”.

.
Assim é se lhe parece.

.
Quando a gente se separou, eu queria de coração que a gente voltasse logo.
Pensava em retomar o tempo perdido, aproveitar cada segundo, porque a gente
nunca sabe quando pode ser o último.

.
10 de ouros, 10 de copas. A Imperatriz.

.
O último carinho, o último beijo, o último passeio, o último sono junto. Ele está
melhor. Já reparou como o término de um relacionamento parece a morte? Ele vai
voltar? Cheguei a pensar que seria melhor que ele tivesse morrido. Mas não
morreu, e eu tive esperança de voltar.

.
2 de Copas. Cavaleiro de Ouros.

.

Opa, (batida seca) essa tristeza está diferente da outra vez. O pensamento da morte não veio. Ele vai voltar? O amor e a morte. Sabe aquele papo que depois do orgasmo tem aquele instante que os franceses chamam de la petite mort? É uma perda da consciência, um desmaio. Não fala comigo, não fala meu nome, esquece que eu existo. (batida seca, suspensão, breu).

.

Eu estava levando ela – logo ela que não está ainda bem naquela foto de família – eu estava levando ela pra conhecer aquele local. Era um teatro grande, eu saía do palco e ia em direção ao saguão de entrada e encontrava ela. O saguão estava em reforma, tinham vários corredores e lojas, estilo oriente médio. Dava o braço para ela se apoiar, pois andava com dificuldades, subíamos até um local exterior e lá tinha uma réplica de um teatro grego e eu lhe explicava que os teatros gregos eram projetados para favorecer o alcance vocal. Nisso eu ouvia ecos da minha própria voz, e deixava ela sentada na arquibancada e ia ao fundo do palco, todo em terra, que era onde os gregos faziam as cenas de morte sem o público ver, e eu dizia algo para que o vento levasse a voz e ela notasse como funcionava. Em seguida éramos chamados e eu descia ela pela escada, em meu colo.

.

O corpo se torna um corpo estranho. Um corpo estranho dentro do nosso corpo com infecções e pus e precisamos remover isso, mas ao longo de uma vida eu não consigo remover. Os mortos não sonham. Eu já sonhei e não sonho mais.

.
. .

A melhor dica que eu vou te dar. Anote aí. É uma reflexão chinesa, hindu, indiana. Preste atenção. Nunca, nunca confunda angústia e tristeza com desidratação. Às vezes o que falta é só um copo de água. Ou dois ou um litro e meio.

Você sente o colapso chegando, você começa a esmorecer, a respiração vai se esvaindo, o olho vai baixando, as maçãs do rosto vão pesando. Você está a um milímetro de implodir. O peito apertado, parece que você vai cair pra dentro do seu peito, uma sensação de buraco no peito.

.

(Batidas secas repetidas como tique-taque de relógio).

.

A traição de Psiquê não foi impensada, nem ambição: surgiu da necessidade de conhecer Eros, seu parceiro, seu amor. Mas o deus negou-lhe esse conhecimento. E assim, ele está um pouco errado.

.

Ele não vai voltar, pediu as coisas de volta.

.

Cavaleiro de ouros.

.

Eu tento entender o que está acontecendo e uma frase sua atravessa minha cabeça, e fica o eco ressoando, naquela fração da fração de segundo que a sua frase atravessa eu entendo, mas o eco vai pra lá e pra cá aqui dentro e e eu continuo confuso, com alguma certeza rudimentar, mas ainda confuso.

.

Nota: Suportar o desejo. Ser ingovernável. O amor não vem de um querer. Não acreditar demais no que se sente pois emoções enganam.

.

Eu ainda preciso falar de amor, porque tem final feliz, lembra? Tem final feliz, tem que ter final feliz mesmo que não pareça quando não há uma saída tem que ter final feliz.

.

Eu queria falar de amor, quando vocês chegaram, eu queria falar de amor, porque eu quero escrever minha história nessa egrégora de amor, da beleza do amor de final de feliz, você não quer? Você também não quer? Todos querem. *Água de chuva no mar* não é brega porque o amor é isso, não é brega. Num dia você sofre, no outro dorme de conchinha com uma pessoa desconhecida, que fuma, e você não reclama do cheiro de cigarro que fica impregnado em você. “*O meu coração hoje tem paz. Decepção ficou pra trás. Eu encontrei um novo amor, felicidade, enfim: chegou. A gente se fala no olhar, é água de chuva no mar!*”⁶

⁶ *Água de chuva no mar*, de Gerson Gomes, Carlos Caetano e Wanderley Monteiro.

.

..

.

“Cuidar das plantas é coisa de vó. Toda vez que a gente fala de planta a gente lembra de vó, de mãe. Me fala quais são suas plantas pra eu dar umas dicas de como cuidar. Fico feliz que você tenha comprado plantas.”

.

Eu tinha deixado de cuidar da casa. Passei meses deixando a roupa no sofá pra não ver o guarda-roupa vazio. Não guardava nada lá.

.

“Mas vocês não se falam mais?”

.

Não mais. Foi melhor assim. Não brigamos. Nos afastamos. Foi melhor assim.

.

“Fico feliz que você tenha comprado plantas. Me fala quais são suas plantas pra eu dar dicas de como cuidar. Toda vez que a gente fala de planta a gente lembra de vó, de mãe. Cuidar das plantas é coisa de vó”.

.

Você teve a sua história, eu tive a minha. Ciúmes do passado não dá. Você teve o seu alguém especial e eu tive o meu. Não se encontra alguém especial em cada esquina. Mas pode haver alguém tão especial quanto. Ninguém vai substituir ninguém.

.

“Mesa posta com arranjo de flores. Tempero caseiro. Confia no meu salpicão sem salsão. Não tem salsão, mas tem outros temperos.”

.

É possível seguir em frente com essas feridas ainda. Você não vai substituir nada. Eu não quero amar, eu quero você.

.

“Eu vou devagar. Já me apaixonei demais. Eu vou devagar. Não quero iludir ninguém. Você está iludido?”

.

Não tenho nem idade pra estar iludido, já passei da idade. Empolgado? Talvez.

.

“O golpe taí, cai quem quer”.

.

Eu sempre caio, com você eu sempre caio. Não sei por que eu sempre caio. Talvez por ver sua casa. Me deu vontade de arrumar a minha casa. Eu passei meses guardando a roupa no sofá pra não ver o armário vazio. Talvez pelas plantas. Minha vó tinha samambaia igual a sua. Avencas. Um jardim grande, daqui até ali, com todo tipo de flor. Na varanda do sítio tinha umas jardineiras suspensas, com flores pendentes. Samambaias lindas iguais à sua.

.

“Cuidar das plantas é coisa de vó, de mãe. Me fala quais são suas plantas para eu dar umas dicas de como cuidar. Fico feliz que você tenha comprado plantas. Toda vez que a gente fala de planta a gente...”

.

Eu queria falar de amor e eu falei de amor do começo ao fim. Pegou quem quis. Da falta de amor. Do amor que mesmo adoecido foi amor. Do amor adoecido que não era amor. Por que eu aceitei? Porque eu não me amei. É, um tico de cafonagem da autoajuda. Tinha final feliz, lembra? Ainda não chegou ao fim, talvez no suspiro final tenha um final feliz, mas daqui pra frente eu quero dormir de conchinha, pode ter cheiro de cigarro, mas sabe que eu senti cheiro de shampoo de coco no meio daquela fumaceira?

.

O que eu mais precisava era dormir de conchinha. Não contei? Pois eu dormi de conchinha duas semanas depois de novo. Eu queria falar do amor e falei. Do novo amor. Amor ou empolgação? O que vai ser? Não sei.

.

“Toda vez que o amor disser: vem comigo, vai sem medo de se arrepender”.⁷

⁷ Chuva de Prata, de Ed Wilson e Ronaldo Bastos.

Sobre o autor: Rodrigo César. Ator, dramaturgo e psicólogo junguiano. Integra a Cia. Mandala Dourada, na qual está em processo de montagem do espetáculo solo autoral “Noite escura da alma”. Integra a Cia. das Cores, na qual colaborou com o espetáculo “Tico-tico”, e co-escreveu “Zizinha, a árvore e a sombrinha”. Integra o Grupo de Teatro ATempo, para o qual escreve textos.

Contato: rcesarc@gmail.com.

DE HOMEM PRA HOMEM

Tércio Emo Gomes

CENA 1**EU SOU HOMEM, O INCRIVEL HOMEM COMUM**

Cena: Descobrimos os Poderes

Personagens: Carlos e Narrador

Um ator entra com uma placa escrito “narrador” pendurada na altura do peito. Com voz caricata faz chamada clichê de super herói. Trilha comum e clichê de super heróis americanos ou de quadrinhos com sons de metais, quase orquestral. Na cena temos Carlos. Carlos veste roupas comuns, camisa, calça, tênis. Carlos faz movimentações e pose de super herói, e reage a cada narração.

NARRADOR: Este é o Carlos.

CARLOS: Oi, eu sou o Carlos.

NARRADOR: Carlos é nosso incrível herói de hoje.

CARLOS: Eu sou o herói?

NARRADOR: Claro que é Carlos.

CARLOS: Que Legal. E qual é meu superpoder?

NARRADOR: O seu superpoder. É... SERRRRRRR HOMEMMMM.

CARLOS: Ah? Ser homem é um superpoder?

NARRADOR: Claro Carlos. Com esse superpoder você consegue fazer e ter coisas que outras pessoas não normalmente não conseguem.

CARLOS: É? Como o que?

NARRADOR: Ah, veremos isso agora. *(Para o público)*. Lembra da moça que você saiu semana passada?

CARLOS: Lembro, a Ruth, poxa nem liguei para ela ainda. É que na verdade, sei lá não foi muito legal. E meio que fugi dela. Acho melhor ligar para ela agora e explicar...

NARRADOR: Não. Não precisa se justificar. Não precisa ligar. Não precisa fazer nada. Só precisa dizer uma única coisa.

CARLOS: Como não?

NARRADOR: Pobre Carlos, se sente acuado, sozinho e indefeso.

CARLOS: Mas eu não me sinto acuado, sozinho e indefeso.

NARRADOR: Diga Carlos.

CARLOS: Dizer o que?

NARRADOR: Faça Carlos.

CARLOS: Fazer o que?

NARRADOR: Use seu superpoder.

CARLOS: E como faço isso?

NARRADOR: Só dizer em voz alta e bom tom para que todos entendam. EU SOU HOMEM.

CARLOS: Mas pra que eu vou dizer isso?

NARRADOR: Para ativar seu super poder.

CARLOS: Mas é sério que...

NARRADOR: Custa fazer sem questionar?

CARLOS: Tá, tá, eu falo. Mas é só isso? Simples assim, só falar?

NARRADOR: É. Simples assim. Vamos grite para todos ouvirem.

CARLOS: Então tá, vamos lá. (*Carlos respira fundo*). É PORQUE EU SOU HOMEM.

NARRADOR: E a voz de Carlos ressoa para todo o universo. Todos o aplaudem. Gritos de glória e comemoração ressoa em um raio de quatro quilômetros. E mais. Uma incrível mutação genética acontece com Carlos. Seus pelos corporais começa a crescer rapidamente. Seu nível de testosterona sobe. Seu lado humano com seu lado animal começam a se mesclar.

CARLOS: Mas que diabos ta acontecendo comigo?

NARRADOR: E continuamos a saga do nosso herói Carlos. Ao ver que seu celular tinha várias mensagens. Essas mensagens era de nada mais nada menos queeeee... Sua EX...

CARLOS: Ai caramba, ela quer me ver, e diz que é muito importante, deve ser a pensão, melhor atender e explicar que foi um mês difícil...

NARRADOR: Não se preocupe Carlos, use seu superpoder e bloqueie o número dela.

CARLOS: Bloquear o número? Não posso. É a mãe do meu filho.

NARRADOR: Não importa Carlos. Você sabe o porquê pode fazer isso.

CARLOS: Já sei. Eu posso fazer isso PORQUEEEEEEEEEEE. EU SOU HOMEMMMMMM.

NARRADOR: Ao dizer isso, a terra estremece e vários celulares ficam sem sinal, causando pane em toda rede. E mais uma vez Carlos sofre uma mutação. Seu

corpo começa se curvar, seus instintos primitivos e animal começam a dominar sua mente.

Carlos começa a fazer sons animais enquanto fala.

CARLOS: Nossa adorei esse poder. Posso andar pelas ruas sem me preocupar com nada. Olha ali um poste. Vou mijar nele, por que? Porque eu sou homem.

Carlos vai até o poste e faz xixi nele como um cachorro.

NARRADOR: Isso.

Carlos ainda com postura animalisca.

CARLOS: Estou cansado vou deitar no sofá, e não vou ajudar em porra nenhuma nessa casa. Por que? Porque eu sou homem.

Deita no sofá como um gato encolhido e se coça.

NARRADOR: Isso. Isso.

CARLOS: Olha, uma mulher de mini saia. Posso dar em cima dela dizendo o quanto ela é gostosa. Por que? Porque eu sou homem.

Carlos corre em direção a uma mulher imaginaria e como um bicho começa cheira-la de cima a baixo excitadíssimo.

NARRADOR: Isso. Isso. Issooooooooo.

CARLOS: Posso namorar, casar, trair e dar um soco na boca da minha mulher. Logo: EU SOU HOMEM.

NARRADOR: Isso aí não neh.

Carlos desmonta.

CARLOS: Exagerei?

NARRADOR: Um pouco.

CARLOS: Desculpe.

Carlos volta em sua atitude animalesca correndo de lá pra cá.

NARRADOR: Enquanto Carlos desfruta de seus poderes, Rute aparece em sua frente. Ela olha para Carlos, segura em seu braço e diz: - Estou grávida e quero ter o filho.

CARLOS: Oh não e agora?

NARRADOR: E agora. Será que Carlos continua com seus poderes? Será que Carlos vai assumir? Será que Carlos vai correr? O que será que Carlos vai fazer. Não perca no próximo episódio.

CENA 2

EU SOU MULHER, NÃO POSSO FALAR

Cena: No Banco com o gerente.

Personagens: Claudia, boneco Clóvis e Pedro

Claudia entra no banco com um boneco estilo Muppet. Ela dubla o boneco de forma exagerada que beira o ridículo.

CLAUDIA: Olá tudo bem, eu sou o Clovis, essa aqui é a Claudia.

PEDRO: Olá, como estão? Eu sou o Pedro, gerente do banco. Me disseram que precisavam falar comigo?

CLAUDIA: Na verdade, quem precisa falar é a Claudia, ela tá com um problema. Ela veio aqui semana passada só para renovar o seguro da casa dela, mas por algum motivo, o valor triplicou e vocês não conseguiram explicar para ela a real situação desse aumento.

PEDRO: A sim, claro. Claudia poderia me passar os dados para que eu posso verificar?

CLAUDIA: Ah, claro, o nome dela é Claudia de Fatima Ribeiro Silva, o RG dela é 497539731-1 e o CPF é 447939130-44. Mora na rua Mandutinho, número onze zero cinco, aqui no centro mesmo.

PEDRO: Ah ótimo, deixa eu só ver aqui no sistema. O senhor seria o que dela?

CLAUDIA: Eu sou o interprete dela.

PEDRO: Interprete? Aqui no sistema diz que Claudia é brasileira? Deve ter tido algum erro.

CLAUDIA: Não tem erro nenhum, está correto, ela é brasileira nasceu na cidade de Iagoinha no interior paulista.

PEDRO: Mas você disse ser o interprete dela, supus que ela não fala nossa língua, me desculpe.

CLAUDIA: Fica tranquilo, Claudia fala muito bem. Inclusive fala inglês, espanhol e um pouco de francês.

PEDRO: Mas você disse ser interprete dela, correto?

CLAUDIA: Sim.

PEDRO: Mas ela fala normalmente, e não tem problema em se comunicar?

CLAUDIA: Não, não, inclusive ela é ótima, cuida da gestão de um centro acadêmico aqui mesmo, gerencia pessoas como ninguém.

PEDRO: Clovis, desculpe a insistência, mas vocês são casados, ou alguma coisa assim?

CLAUDIA: Não, que isso, só estou aqui como intérprete mesmo.

PEDRO: Mas intérprete do que?

CLAUDIA: Pedro, semana passada Claudia veio aqui para resolver o aumento do seguro dela que triplicou, falou horas e ninguém soube explicar o motivo desse aumento, parecia que ninguém entendia o que ela falava. Então Claudia me chamou para falar com você para que juntos possamos entender isso já que ninguém entendia o que ela perguntava.

PEDRO: Ah, entendi, você é o advogado dela.

CLAUDIA: Não, sou só o interprete mesmo. E poderia resolver isso logo por favor, acredito que já perdemos muito tempo com isso.

PEDRO: Clovis, desculpe, mas caso você não seja representante legal da Claudia não podemos continuar com a operação com você aqui. Ah, eu já entendi, vocês estão aqui como uma espécie de protesto já que você afirma que não a recebemos bem em nosso banco.

CLAUDIA: Que isso, ela foi bem tratada. Não é nenhum protesto. Só estamos aqui porque ninguém consegue entender.

PEDRO: Olha seu Clovis, nada contra o senhor, mas prefiro falar diretamente com ela por favor. Acho isso um absurdo.

CLAUDIA: Tudo bem, pode falar como ela, mas garanto que o senhor não vai entender.

PEDRO: Veremos. Claudia, tudo bem, sou o Pedro o que posso te ajudar?

Claudia tira o boneco da mão.

CLAUDIA: Olá Pedro, bem, como meu interprete disse, semana passada vim aqui só renovar meu seguro e o preço dele triplicou e vocês não souberam me explicar o real motivo.

PEDRO: Como Dona Claudia?

CLAUDIA: Semana passada vim aqui renovar meu seguro e o preço dele triplicou e vocês não souberam me explicar o real motivo.

PEDRO: Desculpe, pode repetir?

CLAUDIA: Semana passada, eu vim aqui renovar meu seguro mas o preço dele triplicou e vocês não souberam me explicar o real motivo desse aumento.

PEDRO: Eu não consigo. Senhor Clovis, poderia me ajudar.

Claudia veste novamente o boneco na sua mão.

CLAUDIA: Viu só, claro que posso. A senhorita Claudia veio semana passa aqui falar sobre o aumento do seguro dela que triplicou de valor sem nenhuma explicação. Sendo que era só uma renovação.

PEDRO: Você disse senhorita Claudia?

CLAUDIA: Isso, senhorita. Se divorciou no semestre passado.

PEDRO: Ah, agora entendi. Como Claudia é divorciada, nosso banco tem medo que não possa arcar com essa despesa, já que não ela não conta com um marido para isso.

Claudia tira o boneco da sua mão.

CLAUDIA: Olha aqui, isso é um absurdo, eu trabalho e ganho bem mais que meu ex marido, vocês não podem triplicar o valor por conta disso.

PEDRO: Dona Claudia eu não entendo nada do que diz.

Claudia olha para o público. Coloca devagar o boneco na mão. E volta a fazer a voz do boneco.

CLAUDIA: Olha, Pedro, Claudia está dizendo que isso que o banco faz é um absurdo. Ela tem renda fixa e com um valor superior de seu ex marido.

PEDRO: Sinto muito dona Claudia, mas são normas do banco. Trabalhamos com garantias. Quem garante que você vai honrar conosco. Por isso o valor triplicado.

Claudia para de fazer a voz do personagem

CLAUDIA: Mas isso não faz sentido nenhum.

PEDRO: Como senhorita? Não entendo.

CLAUDIA: Sabe o que vocês não entendem é que isso não faz nenhum sentido. Essa conversa, esses termos, esse meu interprete, toda essa história. E o que mais não faz sentido nenhum? É que essa situação é muito mais normal do que vocês imaginam. Tirando o Clovis, a única coisa distorcida nesta cena é o boneco interprete. O resto acontece normalmente. Só por que sou mulher divorciada? Chega, isso não pode e não vai ficar assim.

PEDRO: Senhorita, desculpe. Mas não entendi.

Claudia põe o boneco novamente.

CLAUDIA: O que a Claudia quis dizer foi...

CLAUDIA: Deixa pra lá Clovis, ele ainda não me escuta.

Muppet responde para Claudia:

CLOVIS: Que?

CENA 3

ENTREVISTA DE EMPREGO

Cena: Minha vaga

Personagens: Clarice e Thiago

Escritório, é entrevista de emprego. Temos uma mesa e uma cadeira de cada lado. Nelas estão sentados Thiago e Clarice.

THIAGO: Sim, um belo currículo. Faz tempo que não recebo candidatos assim. É verdade que fez pós na Alemanha?

CLARICE: Sim, foi uma experiência maravilhosa, confesso que foi um ano incrível da minha vida.

THIAGO: Eu imagino, bem, não vejo nada aqui que me impeça de te contratar. Vamos então ao que interessa, o salário.

CLARICE: Ótimo, estou super animada para começar.

THIAGO (*levantando e lendo o contrato*): Bem, como conversamos anteriormente, e tendo em vista todo seu currículo, vamos contrata-la pela metade do valor oferecido e sem os benefícios citados na vaga...

CLARICE: Como? Pela metade do valor oferecido?

THIAGO: Sim, metade do valor.

CLARICE: Onde está escrito? Não lembro de nada disso.

THIAGO: Ué, como não? Leia o que está escrito sobre a vaga oferecida.

CLARICE (*lendo pelo celular*): “Empresa multinacional Alemã de grande porte com segmento de bens de consumo, importação e exportação, procura profissional para negociar com fornecedores nacionais e internacionais, elaborar relatórios e contratos. Ser proativo, comprometido com valores da empresa e ter características de um líder.”

THIAGO: Viu só?

CLARICE: Vi o que? São características que possuo, por isso meu interesse pela vaga.

THIAGO: Entendi. Mas essa vaga é para um homem.

CLARICE: Para um homem? Onde está escrito isso? Como assim?

THIAGO: Ora, está bem claro, ser proativo, comprometido com valores da empresa e ter características de um líder. São todas características masculinas.

CLARICE: Características masculinas? Você ta falando sério? Não estou acreditando.

THIAGO: Observe. Ser proativo, se fosse para uma vaga feminina seria PROATIVA. Ficaria assim. Ser proativa, comprometida com valores da empresa e ter características de uma líder. Viu só.

CLARICE: A questão é, porque diabos meu salário ficaria pela metade, sendo que estaria na mesma vaga, fazendo a mesma função?

THIAGO: Clarice. Se eu contratar você com o mesmo valor que contrataríamos um homem, sem falar na dor de cabeça que isso ia me causar com a chefia, isso desestabilizaria todo mercado. Imagine a quantidade de mulheres que tem essa vaga e se os seus salários fossem equiparados igual dos homens?

CLARICE: Não posso acreditar nisso, então se eu quiser essa vaga terei que acatar isso, mesmo sabendo que é um absurdo.

THIAGO: É.

CLARICE: Que absurdo. Vou embora daqui.

THIAGO: Te vejo amanhã as nove horas.

CLARICE: Até amanhã.

CENA 4

DEUS JEOVÁ COM SUA ESPOSA

Cena: Problemas Conjugais

Personagens: Jeová e Aserá

Jeová, está sentado no sofá vendo televisão, quando de fora ouve Aserá, sua mulher, gritando seu nome.

ASERÁ: JEOVÁ. JEOVÁ, JEOVÁÁÁÁÁÁÁÁ.

JEOVÁ: Aqui na sala querida.

ASERÁ: Você criou a Terra sem mim?

JEOVÁ: Putz? – *desliga a tv*

ASERÁ: Você pegou minha ideia de universo e criou e não me falou nada?

JEOVÁ: Olha querida, em minha defesa, só não falei de você, porque, porque.

Porque ninguém perguntou, é.

ASERÁ: E tem mais, acreditam que surgiram do barro e da costela do adão. (*Indignada*). DA COSTELA DO ADÃO? DA PARA ACREDITAR? Passei horas te ensinado sobre biologia, senão você ia bombar na prova. E quando vejo, você aplicou tudo certinho na Terra e não me fala nada seu cretino.

JEOVÁ: Mas querida, eu só fui contar uma historinha para eles e aí pronto, virou verdade. Eles levam muito a sério o que falo, afe.

ASERÁ: E ainda por cima só falam da Eva. Que a Eva foi a primeira mulher, que ela era curiosa. E cadê a Lillith? Quando pensei em criar o universo, desenhei ela minha imagem e semelhança. Cadê?

JEOVÁ: Ai, a Lillith.

ASERÁ: Sim, a Lillith, cadê?

JEOVÁ: A Lillith só me dava dor de cabeça. Tudo que eu falava ela me contrariava. (*Imitando a lillith*) “Por que tenho que obedecer ao Adão? Por que precisamos procriar? Jamais vou me deitar com ele, credo pai”

ASERÁ: Mas essa é função dela. Questionar, criar, evoluir. E o que você fez com ela?

JEOVÁ: Expulsei de casa ué. Onde já se viu desrespeitar o seu marido e o seu pai.

ASERÁ: Expulsou minha filhinha de casa? E o seu Adão não falou nada? O que você disse para ele?

JEOVÁ: Ah, não lembro. Só sei que ele acreditou e aceitou a Eva como esposa e pronto.

ASERÁ: E só fico sabendo disso 150 mil anos depois?

JEOVÁ: Sabe como é querida. É que eu andei ocupado. Você sabe, criar planetas, inventar elementos, essas coisas.

ASERÁ: Ocupado? Eu que praticamente fiz tudo. Lembra da última vez eu te ajudei com seu projeto com os... como chama? Os repteis gigantes. Cadê eles?

JEOVA: Ai não, de novo essa história.

ASERÁ: E aí, o senhor ficou entediado, tacou suas pedrinhas, sem querer acertou a terra e extinguiu todos os seus lindos lagartos...

JEOVA: Dinossauros.

ASERÁ: Ah, sim. Seus dinossauros, que convenhamos, que nominho HOR RO RO SO. Então, uma dessas suas pedrinhas, acertou em cheio nosso lindo planeta e MATOU TODOS ELES. E aí, te falei como seria lindo um lugar com seres nossa imagem e semelhança e quando vejo você fez tudo sozinho e ainda mal feito.

JEOVA: Ta, ta, ta. Podemos mudar de assunto.

ASERÁ: Mudar de assunto? MUDAR DE ASSUNTO? Quando você desconversa assim, é que você fez alguma cagada. (*Questionando*). O que mais você fez? (*Silêncio*) Você falou alguma coisa? (*Silêncio*) Jeová. O que você falou? (*Insiste*) Me fala Jeová.

JEOVÁ: Nada. Não disse nada não.

ASERÁ: Jeová, o que mais você fez?

JEOVÁ: Tá, afe. Sabe aquela arvore que plantamos no quintal? A arvore da sabedoria e tals.

ASERÁ: Sim sei. Adoro aquelas frutas. Falei para deixar algumas, que eu queria comer depois que eu voltasse. O QUE TEM ELAS?

JEOVÁ: Então querida eu as plantei na terra, eu comi todas.

ASERÁ: Jeová, não dá pra confiar em você, eu saio por alguns milênios e quando volto a casa ta uma zona. Sabia que não devia deixar você sozinho.

JEOVÁ: Desculpa querida.

ASERÁ: Só sabe dizer isso “desculpa querida”. Faça-me o favor.

JEOVÁ: Na verdade queria, só sobrou uma.

ASERÁ: Ah, que bom, cadê?

JEOVÁ: Então. Aí fiquei com medo de você brigar comigo e contei uma história para eles.

ASERÁ: Eles quem?

JEOVÁ: Adão e Eva. Falei que era um fruto proibido, que ninguém podia comer, que era a árvore do conhecimento sobre o bem e o mal. Enfim aquelas coisas todas.

ASERÁ: Ai, ai. O que você fez?

JEOVÁ: É, então, fiquei entediado te esperado. Então, peguei uma meia, coloquei na minha mão e fiz de conta que era uma cobra. Me escondi atrás da árvore e disse assim: (*Fazendo a voz da cobra*). Adão, ei, psiu, olha aqui. Coma esse fruto é uma delícia. Pode comer. Ninguém tá vendo. Vem, come. É um fruto delicioso, não vai se arrepender.

ASERÁ: Tá e daí. Ele comeu?

JEOVÁ: Claro que comeu. Aí, viu que era eu. Rimos muito. Só que a Eva chegou, saiu correndo. (*imitando a Eva*) “Vou contar tudo pra mamãe”

ASERÁ: Mas ela não me falou nada.

JEOVÁ: Eu sabia que você ia ficar brava. Por isso, expulsei os dois de casa também.

ASERÁ: Os dois?

JEOVÁ: É, não queria que o Adão me caguetasse (*com vergonha*) E sem querer, contei pra todo mundo que a culpada foi da Eva.

ASERÁ: Jeová. Agora todo mundo acredita que a culpa é dela. Tá feliz? Agora como vou arrumar toda essa cagada?

JEOVÁ: É eu sei. Foi mal.

(Silêncio)

ASERÁ: Tá cadê Jesus? Vou ver se ele me ajuda concertar essa merda toda. Ele ta sabendo dessa história?

JEOVÁ: Jesus?

ASERÁ: É... Cadê?

JEOVÁ: Xiiiiiii.

(Silencio)

CENA 5

MASCULINIDADE TÓXICA.

Cena: Dicas de caras legais

Personagens: Youtuber 1, Youtuber 2

YOUTUBER 1: E aí Galerinha, tudo bem com você?

YOUTUBER 2: Hoje no nosso canal, vamos dar sete dicas de como homens, brancos, heteros e ricos devem se comportar.

YOUTUBER 1: Mas antes disso, não esqueça de se inscrever no nosso canal e clicar no sininho para receber mais notificações de novos vídeos.

YOUTUBER 2: E sem demora, vamos para as sete dicas de como homens, brancos, heteros e ricos devem se comportar.

YOUTUBER 1: Aproveite para seguir a gente no instagram. @homem-pra-homem

YOUTUBER 2: Lá terá outras dicas massa para vocês.

YOUTUBER 1: É isso aí.

YOUTUBER 2: E vamos para primeira dica.

YOUTUBER 1: Lembrando que a última dica é a mais importante. Então veja esse vídeo até o final.

YOUTUBER 2: Aproveitando, curta nossa pagina lá no facebook. Lá tem tudo o que acontece nos bastidores do nosso canal.

YOUTUBER 1: E não esqueça do twitter.

YOUTUBER 2: Sim, nos segue lá para dicas rápidas de como segurar seu público até o final dos seus vídeos.

YOUTUBER 1: É isso. Prontos para as dicas de hoje?

YOUTUBER 2: Então vamos lá, mas antes quero falar da nossa parceria com o canal mundo dos peludos.

YOUTUBER 1: Lá você encontra tudo o que você precisa para suas atividades do dia a dia.

YOUTUBER 2: Use o nosso cupom de descontos.

YOUTUBER 1: Está na descrição deste vídeo.

YOUTUBER 2: Agora sem mais delongas. Vamos para as sete dicas de como homens, brancos, heteros e ricos devem se comportar.

YOUTUBER 1: Dica 1.

YOUTUBER 2: Seja macho. Não importa o que aconteça. Seja agressivo. Seja durão. Somente assim outro homem irá lhe respeitar.

YOUTUBER 1: Dica 2.

YOUTUBER 2: Decore o tamanho do seu pênis. Se caso ele for pequeno. Faça como todo homem macho. Minta sempre que possível, e exagere o tamanho, largura e peso.

YOUTUBER 1: Dica número 3.

YOUTUBER 2: Nunca recuse sexo. Jamais. Mas caso recusar, minta novamente. Coloque a culpa sempre no outro, ou em algum fator externo. Ah, nada de brochar hein. Homem gosta de mulher e ponto. Não pode falhar jamais. O que seus amigos vão pensar de você. Por isso, brochar jamais.

YOUTUBER 1: Dica 4.

YOUTUBER 2: Droga e álcool vão resolver todos os problemas. Inclusive vira solução. Põe a culpa na bebida. E diga que você estava alterado. E não sabia o que estava fazendo. Isso sempre funciona. Vai por mim.

YOUTUBER 1: Dica 5

YOUTUBER 2: Tire nudez com o pênis próximo a câmera, de baixo para cima. O garotão ficar em forma de vitorioso. Assim vai valorizar o tamanho e porte. No cinema chamamos esse enquadramento de “contra plongée”.

YOUTUBER 1: Dica 6

YOUTUBER 2: Diga isso sempre que for sair de casa olhando para o espelho. Ser macho, ser líder, ser pioneiro, não adoecer, não ter medo. Repita isso sempre que tiver duvida do que fazer. Afinal você é homem, branco, hetero e ricos

YOUTUBER 1: E para finalizar, vem aí a dica número 7.

YOUTUBER 2: Por mais que uma garota esteja de roupas curtas. Isso não é convite para transar. Eu sei, eu sei, mas ela tá provocando, se está com essa roupa é porque ela ta querendo. Eu sei. Mas não faça isso. Isso dá um rolo depois. Melhor deixar passar. Afinal mulher tem um monte por aí.

YOUTUBER 1: E chegou a hora da dica bônus. Preparados? Aí vai. Mesmo se uma mulher estiver chapada ou até mesmo bêbada, não transe com elas nessas condições. Principalmente se estiver inconsciente. Algumas pessoas dizem até que isso é estupro. Sendo assim, melhor se livra dessa roubada.

YOUTUBER 2: É isso aí galera, gostaram das dicas? Use todas elas com sabedoria.

YOUTUBER 1: Se você é novo no nosso canal aproveite para ver nosso conteúdo. No último vídeo falamos de como justificar as suas cagadas na justiça e sair empune.

YOUTUBER 2: Lembrando que essa dica só vale para homens brancos, heteros rico ou filho de desembargador.

YOUTUBER 1: É isso aí. Até o próximo vídeo.

Sobre o autor: Tércio Emo Gomes, formado em educação artística com pós em teatro e curso técnico de cinema. Escreveu espetáculos como, A Cobiça dos Fanfarrões, O Conto, É tempo de Contar e Jogos Ayurca – Improvisação de Palhaços, todos pela Cia. Os Pândegos de Teatro. Atualmente trabalha como ator e diretor do Espetáculo Ayurca – Esquete de Palhaços pela mesma companhia de Teatro.

Contato: tercio_emo@yahoo.com.br

MARINAR
Thata Stark

CENA 1

A porta do consultório abre.

ANA: Bom dia Mari, tudo bem?

MARI: Bom dia Ana, tudo ótimo e você?

ANA: Estou bem. Então sobre o que vamos falar hoje?

MARI: Lembra que uma vez você me disse que nossas conversas são confidenciais, segredo de médico e paciente?

ANA: Claro, a menos que você esteja colocando a vida de alguém em risco ou pensando em matar, caso contrário, é tudo confidencial!

Mari que estava o tempo todo em pé, puxa a poltrona e se senta. Seu olhar está fixo em Ana!

MARI: Ahn, pode ficar tranquila, você não vai precisar avisar a polícia.

ANA: Então vamos conversar sobre isso!

MARI: você pode se assustar com a conversa, acho que ela é forte para você.

ANA: mas Mari, estou a sua disposição, para falar do que você quiser e se sentir bem.

MARI: Ok, Ana hoje eu vim especialmente para falar com você sobre as pessoas que matei! Mas como te disse, fica tranquila porque não vai precisar avisar a polícia.

ANA: Por que não, pretende me matar?

MARI: Bem eu não diria matar. Jamais mataria você! Mas quero falar sobre as pessoas que matei.

ANA: Você está arrependida suponho!

MARI: Jamais, nunca me arrependi de nada que fiz na vida. Mas é que eu procurei uma reportagem esses dias sobre canibalismo e em um site dizia que as pessoas que consomem carne humana, fica com sequelas no corpo, e a que me chamou muita atenção foi sobre causar buracos no cérebro. Comentei sobre isso com o chefe de cozinha do meu restaurante. Ele falou que precisávamos saber se era verdade e pediu para que eu descobrisse.

ANA: Você matou algum cliente antigo do restaurante e abriu sua cabeça?

MARI: Ahn, não, jamais, meus clientes são preciosos! Eu matei o chefe mesmo, a pedido dele. E sabe qual foi a coisa mais sarcástica? *(Risos)* Não havia buracos nenhum no cérebro dele.

ANA: O que você fez com o corpo?

Mari troca de perna cruzada na poltrona, sempre olhando fixo para Ana.

MARI: Marinei as melhores partes para o meu consumo, o restante piquei e fiz carne moída para o restaurante!

ANA: Mari, você pretende fazer o mesmo comigo!

MARI: Nãoooooooooo, de jeito nenhum, você é especial, já te disse, jamais iria te matar! Inclusive hoje é nosso aniversário de relacionamento, faz um ano que eu passo com você! Te trouxe uma coisinha!

Mari pega a bolsa do chão e tira um pacotinho de bolo pullman Ana-Maria, tira uma vela e um isqueiro. Abre o pacotinho, tira o bolo, coloca a vela em cima e acende. Estende para Ana.

CENA 2**FLASHBACK (MATANDO O CHEF)**

Mari e o chef estão na cozinha do restaurante, desmembrando o motoqueiro que Mari levou para servirem na próxima semana.

MARI: esses dias eu li uma reportagem, falava sobre o canibalismo.

CHEF: por que você olha essas coisas?

MARI: tenho curiosidade sobre o que falam da gente, pessoas que comem carne humana.

CHEF: então...

MARI: então... estava escrito que nos liberamos uma proteína chamada Prion ao consumir carne e ela faz micro buracos no cérebro, fazendo que ele fique com a aparência de uma esponja.

Chef: interessante...

MARI PARA O PUBLICO: No dia seguinte, preparo a cozinha do restaurante da forma mais bela, espalho pétalas de rosas vermelhas e brancas por todo o chão, abro o vinho favorito do meu amigo e companheiro de jornada alimentícia. Enquanto conversamos e tomamos vinho, preparo a bancada de cortes com um colchonete, para que o chef não se sinta incomodado no balcão duro.

CHEF: será que vai doer?

MARI: acho que um pouco, você não tomou os remédios?

CHEF: tomei, mas eram analgésicos, tomei dois daquele tramal lá, sabe?

MARI: eita, eu acho que esse tramal atua nas células no cérebro, to achando que eu vou ficar um pouco anestesiada depois de comer.

Os dois dão risadas e Mari inicia o corte.

(devera tocar Symphony n° 7, Op.92: II Allegretto – Ludwig Van Beethoven)

MARI PARA O PUBLICO: Primeiro com uma faca de corte mais afiada que um bisturi, removo a pele e para abrir o crânio, uso uma faca elétrica. Tudo isso sendo realizado ao som do compositor favorito do chef, Beethoven. Quando tiro a tampa do crânio, o cérebro ainda pulsa, o chef ainda está vivo, provavelmente dando seus últimos suspiros, mas entendo suas últimas palavras.

CHEF: tempere e coma.

MARI PARA O PUBLICO: faço o último desejo do meu amigo, pego limão e espremo, coloco umas pitadas de sal marinho, pego a pimenta branca e “trituro” em cima, coloco salsa e cebolinha. Por fim com garfo e faca na mão, experimento, ao mastigar aquela textura estranha, decido que o sabor ainda não está de seu agrado e dou um toque final com um fio de azeite de oliva grego.

CENA 3

MARI: Feliz um ano, minha querida! Vamos lá, faça um pedido, assopre a vela!
Ana assopra a vela e pega o bolinho, mas não come, fica segurando em sua mão e olhando para ele!

MARI: Não está envenenado, pode ficar tranquila.

ANA: Você disse que eu não vou ligar para a polícia, suponho que você vai me matar. Agora, como você vai tirar o meu corpo daqui sem levantar suspeitas? Tipo, minha secretaria está ali fora.

Mari suspira!

MARI: Eu não vou te matar, mas você também não vai ligar para polícia. Ana você vai sair daqui comigo, VIVA, então você não vai ligar para polícia porque vai sair daqui comigo! Entendeu agora?

ANA: E como você sabe que eu não vou fazer um sinal para minha secretaria ou sei lá, fazer um escândalo na rua e conseguir fugir de você?

MARI: Qual foi o seu pedido?

ANA: Seu eu te falar, ele não realiza!

MARI: Ai meu deus, Ana, você é tolinha! Tá na cara o que você pediu! *(Risos)* Você não vai morrer, pelo menos não agora, vou te marinar primeiro!

ANA: Então você vai me matar!

MARI: Não, eu não vou te matar, jamais iria te assassinar, cometer algo brusco com você, nunca! O que vou fazer é poético, é divino! Então não é assassinato e nem morte.... é transcendência! Entende?

ANA: Em um ano, você não me falou que tinha sentimentos homoafetivos....

MARI: Mas eu não tenho. Sou não-binária, gosto de tudo! Tenho tesão por tudo!

ANA: Nega seus sentimentos por mim?

MARI: Não estou negando, estou admitindo. Ontem, fui comprar feijão fradinho na casa do norte, deu vontade de comer cozido com miúdos, o seus é claro. Ele

estava naqueles sacos sabe, de roça, de interior, saco de milho, aquele bege, não sei o nome, mas é aquele saco. Coloquei minha mão em cima, fui deslizando bem devagar queria sentir o feijão, as ondulações.

Mari fecha os olhos e começa a falar baixo e vai diminuindo o tom da voz e começa a gesticular com a mão.

MARI: Continuei deslizando a minha mão, comecei a ter um orgasmo, mas não gozei. Mas eu precisava, então sabe o que eu fiz?

Mari abre a boca, como se estivesse tendo um orgasmo nesse momento e continua com os olhos fechados.

MARI: Eu enfiei a minha mão, beeeeeem devagar.

Mari vai descendo a mão no ar! Ana vendo isso aproveita a oportunidade para tentar sair do consultório e chamar a polícia.

MARI: Aonde você vai? Nossa sessão não terminou.

Mari abre os olhos e fixa em Ana. Ana continua virada de costas para Mari e em direção da porta.

MARI: Por favor, volta, senta-se, não me faça fugir dos meus planos e ter que usar minha arma aqui.

Ana se vira e olha para Mari. Mari abaixa para pegar a arma, mas continua com o olhar fixo em Ana.

CENA 4

FLASHBACK (MATANDO O MOTOBOY)

MARI PARA O PUBLICO: Quando a campainha de casa toca, eu estava de pijama. Um baby-doll preto, com rendas na parte que fica os seios. Desci para buscar a pizza.

MARI: oi, quantos que ficou?

MOTOBOY: ficou R\$45,00 conto dona.

MARI PARA O PUBLICO: O motoboy olha de um jeito devorador para mim, ele me deseja ardentemente. Sabendo disso eu...

MARI: aí, esqueci o dinheiro lá em cima, você se importa de subir para pegar?

MOTOBOY: claro que não, é minha última entrega, to com tempo de sobra.

MARI: ótimo (*risos*).

MARI PARA O PUBLICO: Nós chegamos na sala, está tocando uma das minhas músicas favoritas Glory Box do Portishead, peço para ele colocar a pizza na mesa e se sentar no sofá enquanto vou buscar o dinheiro.

O Motoboy fica inquieto, senta-se no sofá, mas pega o celular e começa a digitar.

Mari volta do quarto com o dinheiro em uma mão e a outra escondida nas costas.

MARI: o que você está fazendo seu danadinho?

MOTOBOY: to desligando meu celular, não quero que ninguém me liga, vai atrapalhar, sabe?

MARI: sei, assim que você buzinou eu desliguei o meu. Vou te dar o dinheiro antes que esqueça.

Mari estica a mão com o dinheiro e entrega para ele. O motoboy se levanta ficando encostado em Mari, sua jaqueta fica raspando nos seios dela.

MOTOBOY: e a outra mão, danadinha? O que tem na outra mão?

MARI: aaaaa, a outra? Tem uma surpresa para você, que ver?

O motoboy dá um sorriso cafajeste e começa a abrir a jaqueta, assim que ele termina de abrir, Mari tira a outra mão das costas e atira a queima roupa na cabeça do motoboy.

MARI: idiota!

CENA 5

MARI: Meu deus Ana, porque você iria fazer isso. Você ia colocar em risco um ano do nosso relacionamento. Senta-se, por favor!

Ana volta e se senta. Mari pega a poltrona dela arrasta de frente e mais perto da poltrona de Ana. Coloca suas pernas no encosto de mão da poltrona da frente.

MARI: Pronto, juntas novamente e agora você não vai mais escapar.

Mari faz um barulho incomodada com a boca e balança a cabeça.

MARI: Eu estava quase gozando, agora passou. Acho engraçado que em um ano de relacionamento, nos nunca nos beijamos, nunca nos abraçamos, muito menos transamos.... e nem apertamos a mão.

ANA: Você quer um beijo?

MARI: Sim, eu quero!

Mari chega com o tronco para perto de Ana e as duas se beijam.

ANA: Você gostou? Beijo bem?

MARI: Sim, foi bom! E quando chegar em casa, nós vamos transar! Preciso marinar você! Te deixar desestressada.

ANA: Por quê?

MARI: Quando o gado sabe que vai para o abate, ele se estressa e carne fica dura, assim perde a qualidade. Com a carne humana é a mesma coisa. E sua carne é macia. Não posso te estressar!

Mari chega o tronco para frente e aperta a coxa de Ana.

MARI: Uau, mesmo sobre tensão esta macia. Você é diferente Ana!

ANA: Como você escolhe suas vítimas? Você tem algum ritual, alguma característica....

MARI: Ana, eu não sou serial killer. Não me descreve como uma. Poxa, eu só mato para servir carne humana no meu restaurante. O meu público sabe disso, uns 80%.

ANA: Mas Mari, você já matou várias pessoas e isso faz de você uma serial killer, quer você queira quer não queira.

MARI: Eu li livros de psicologia, eu pesquisei muito sobre o assunto, até porque fiquei assustada no começo. Mas eu não entro na classificação como serial killer, sabe? Eles seguem alguma característica, eles têm traumas não resolvidos e procuram nas vítimas algum tipo de conforto.

ANA: Mas em uma de nossas sessões você me disse que não falava com sua mãe há anos.

MARI: Ana, quando você descobrir um jeito de se comunicar com os mortos, me fale.

Mari começa a ficar nervosa, está perdendo a paciência e passa a falar mais rápido.

ANA: Ela morreu de coisas naturais? Ou foi assassinada?

MARI: Infarto, te falei isso em uma sessão, mas tem uns meses que eu percebi uma coisa em você, só ouve o que é conveniente! Desde o primeiro dia que vim aqui, você achou que eu tinha problemas não resolvidos com minha mãe.... mas é muito pelo contrário. Minha mãe era minha psicóloga antes de você, erramos como carne e unha. Aí você pegou e falou que eu estava em depressão e luto por causa da morte da minha mãe. Te falei que também não. Mas você ficou batendo o pé nisso.

ANA: Como você escolhe suas vítimas?

Mari suspira!

MARI: Eu não as escolho, simplesmente pego o que está fácil. Por exemplo eu saio dirigindo, se vejo alguém moscando vou lá e dou um golpe de JiuJitsu que fazem elas desmaiar. Ou eu não quero dirigir, eu peço uma pizza e quando o motoboy chega eu peço para ele entrar. Sempre entram, não podem ver uma mulher sozinha em casa atendendo a porta de pijama que já ficam de pau duro. Ninguém se estressa e eu tenho carne macia! Mas nem sempre ela ser macia significa que ela tem qualidade. A carne de quem faz academia por exemplo é

horrível, é dura demais, não tem gordura então fica sola.... essas eu levo direto para o restaurante.

ANA PARA O PUBLICO: *acho interessante a metodologia de crimes de Mari então decido jogar o jogo dela, por questões profissionais.*

ANA: se, mas só se você conseguir sair daqui comigo, vai levar as partes do meu corpo que você menos gosta para o restaurante?

Mari que estava o tempo todo desencostada do tronco da poltrona, sempre olhando para Ana, decide recostar, tira as pernas em cima do apoio da poltrona da psicóloga e cruza as pernas, o tempo todo com o olhar atento para Ana.

MARI: é de se pensar, não tinha refletido sobre isso, particularmente eu odeio miúdos, geralmente eu faço linguíça com eles. Só que fazer isso com você, seria uma profanação, um disparate... não posso.

ANA: então o que irá fazer?

MARI: *(risos)* só temos uma saída Aninha, comer tudinho!

ANA: você ainda não respondeu a minha pergunta, como vai me tirar daqui viva, sem eu fugir, sem eu avisar minha secretaria? Como?

MARI: claro, claro, quer saber como, certo.

ANA PARA O PUBLICO: Mari pega a bolsa do chão e se levanta, estende a mão para mim, fico olhando sem falar nada e pensando. O que parece durar uma eternidade não passou de 1 minuto e então pego na mão de Mari.

MARI: vamos, meu carro está no estacionamento daqui.

ANA: não espera, eu quero saber como.

MARI: anda, você saberá como.

ANA PARA O PUBLICO: Mari vai na frente o tempo todo e abre a porta do consultório. Ao avistar a secretaria...

SECRETARIA: seu carro já está pronto, dona Mari.

ANA: querida, não acho que você errou, vou sair com a Mari, não precisa aprontar meu carro, pode pedir para voltar para o estacionamento.

Secretaria fica sem graça.

SECRETARIA: não, erreí não, é o carro da dona Mari que está pronto, não o seu dona Ana.

ANA: ahn, tudo bem.

ANA PARA O PUBLICO: achei estranho ela chamar a Mari de dona, ela chama todos os meus pacientes pelo nome, nunca chamou de senhor ou senhora, ou dona.... mas porque a Mari ela chamou?

MARI: obrigada, estamos indo agora. Hoje a Ana vai comigo.

ANA PARA O PUBLICO: olho para a secretaria e consinto, estou de mão dada com Mari e ando atrás dela. Nós duas saímos do escritório e vamos para o hall pegar o elevador, me viro para Mari, mas ela coloca o dedo em minha boca e sorri.

MARI: olha, você confia em mim, então preciso de um favor seu. Não fale nada, fique quieta até chegar no restaurante. Eu lhe prometo que chegando lá eu respondo a todas as suas perguntas.

ANA PARA O PUBLICO: entramos no carro e Mari faz o percurso do escritório para o restaurante. O tempo todo estamos quietas e Mari sempre olha para mim e me dá um sorriso irresistível. Chegamos no restaurante depois de aproximadamente meia hora.

ANA: você me prometeu responder todas as minhas perguntas aqui.

MARI: e vou cumprir a promessa, comece, mas antes vou abrir um vinho.

Ana começa a perder a paciência e pergunta aos berros

ANA: QUE PORRA FOI AQUELA COM A MINHA SECRETARIA?

MARI: calma querida, assim não vamos a lugar nenhum, tome uma taça, respire, tire a blusa, vou fazer massagem em seus ombros, você está muito tensa.

ANA PARA O PUBLICO: faço o que Mari pede, tiro minha blusa, ficando somente de surtiam, pego a taça e começo a tomar o vinho branco que ali está. Então Mari começa a fazer massagens em meus ombros.

ANA: de onde você a conhece?

MARI: daqui.

ANA: como assim? Ela trabalha para você? Uma vez ela me falou que tem outro emprego a noite.

MARI: no começo sim, ela era recepcionista aqui, mas por um descuido meu, ela acabou vendo eu trazer carne para o restaurante e com muita conversa decidi experimentar.

ANA: tem quanto tempo?

Mari da uma risadinha sem vergonha.

MARI: dois anos, foi ela que me falou de você.

ANA: ela que me indicou para você?

MARI: não, foi ela que me falou de você... me disse de uma chefe que tinha, que era insegura, ingênua, solitária, precisava de mais emoção na vida, de uma razão para viver, porque a vida dela era viver a vida dos outros.

Ana fala engasgando...

Ana: mas eu não sou assim, não mesmo!

MARI: *(gargalhadas)* meus deuses, sério que você não se conhece? Eu que te conheço a dois anos sei mais de você do que você mesma.

ANA: como assim dois anos? Você só se consulta comigo a um ano.

Mari para de massagear os ombros de Ana e enche as duas taças novamente, após isso senta-se na frente de Ana, na bancada da cozinha.

MARI: realmente tem um ano que eu me consulto com você, mas *(toma um gole de vinho)* mas desde quando a nossa secretária falou de você, eu estudo você. Sei onde se formou, sei da sua pesquisa profissional e pessoal, sei quem são seus pais, sei todos os lugares onde você frequenta atualmente e para falar a verdade, pensei que fossem mais interessantes, sua vida em resumo é chata e monótona. Porém *(toma outro gole de vinho)* sua pesquisa profissional me fascinou.

ANA: imaginei que sim. Esse vinho e essa conversa estão me dando fome.

MARI: *(com uma voz sem vergonha)* que tipo de fome?

ANA: as duas.

ANA PARA O PUBLICO: Mari sorri, se levanta, encosta em mim e começa a beijar-me docemente, me desejando, querendo cada parte do meu corpo, sentindo que eu lhe pertença e que nós duas seremos fundidas em uma coisa só. Estamos em êxtase, excitadas e acabamos transando, aqui mesmo, na bancada da cozinha.

ANA: antes de ir para o segundo round quero mais vinho e quero que me fale sobre o que achou de mim no começo.

MARI: como quiser madame, mas confesso que você é muito interessante, ou pelo menos para mim.

ANA: conte mais.

MARI: o seu segredo, nunca achei que tivéssemos uma conexão, principalmente uma tão peculiar como essa.

ANA: pois é, carregamos os segredos mais sórdidos conosco e quando achamos alguém que tem o mesmo, compartilhamos. *(bebe o vinho)* Já estou pronta para o segundo round.

ANA PARA O PUBLICO: voltamos a transar e Mari comete um descuido, deixa o saca rolhas no balcão. Preciso me aproveitar da fragilidade dela e pegar o objeto sem que Mari perceba.

Ana crava o saca rolhas na garganta de Mari. Ana sai de perto coberta de sangue.

ANA PARA O PÚBLICO: Mari sabe que se tirar o saca rolhas irá morrer em poucos segundos.

MARI: (com a voz rouca) continue o meu legado.

ANA PARA O PÚBLICO: Com essas últimas palavras e uma mão apontando para a bolsa, tira o saca rolhas de seu pescoço e deixa o balcão todo ensanguentado, depois cai no chão inconsciente. Seu olhar até na morte permanece vidrado em mim, porém seu olhar é de tranquilidade e não surpresa ou susto.

Ana começar a chorar e gritar, depois puxa os cabelos, e lamenta.

ANA PARA O PÚBLICO: Depois do êxtase, ansiedade e susto, penso em como limpar aquela bagunça da cozinha, mas então lembro que Mari apontou para a bolsa. Ao mexer dentro dela encontra uma carta.

Leia a carta em voz alta.

ANA PARA O PÚBLICO: “Querida Ana, se estiver lendo essa carta, quero que saiba que concluiu com sucesso. Sim, estou morta, você me matou no medo de morrer. Infelizmente não realizei meu magnum opus, não marinei você e degustei de sua carne. Mas espero que faça isso comigo, como um último favor, uma memória, uma lembrança; minha morte não pode ser em vão, concorda? Então deixei uma instrução no meu celular de como proceder. A senha é MARIANA.”

Blackout e começa a tocar Glory Box - Portishead.

Sobre a autora: Estudante de engenharia civil e contista, Thata Stark tem três contos publicados de forma independente na Amazon “A casa Feital”, “A maldição de Tutancâmon” e “Paraíso”. Estuda dramaturgia pela Fundação das Artes de São Caetano, “Marinar” é sua dramaturgia de estreia. Para mais notícias siga o Instagram: @leituradathata

Contato: thais95paula@hotmail.com

OS GRANDES PEQUENOS GUERREIROS DE ITÉ

Vitor Cogo

PRÓLOGO

Três mulheres, três irmãs, três feiticeiras estão em cena: Yamim, mais velha, Ya, do meio e Amin, mais nova. Uma está macerando folhas, outra defumando o ambiente e a última deitada. Elas farão o papel do CORO.

YAMIM: Onde está a Babosa?

YA: Tenho certeza que Amin sabe onde está!

AMIN: *(chorando)* Eu não consigo dormir, irmãs...

YAMIM E YA: Aaaaah pobre Amin... pesadelos?

Amin acena que sim com a cabeça.

YA: Mas nós somos as grandes feiticeiras do reino iorubá... não podemos sentir medo de um simples pesadelo...

Amin chora

YA: Aaaaah, minha pequena Amin, nossa irmã não quis dizer isso... vem cá...

Ya abraça Amin.

YAMIM: Já sei! Que tal uma história?

AMIN: Eu adoro histórias...

YA: Então ouça com atenção.

YAMIM: Nossa história começa na costa atlântica da África negra, terra de muitas lendas e uma delas é a pequena vila de Ité.

YA: Ité, tem um rei. Xangô. Ele é o grande Deus do trovão.

Xangô, tem um pequeno colar que guarda o fogo sagrado!

Toda a sua força, coragem e bravura, caminham junto com o esse elemento.

Sem ele, Xangô não é mais forte e corajoso, acreditava ele.

YAMIM:O que todos não sabem, é que ele é mimado e acha que é “dono da razão”.

YA: Um dia ele enfrentou sua mãe, lemanjá, e ela ficou tão brava que os sete mares ficaram muitooooooooooooooooo agitados.

AMIN:Shuaaa
aa.....

YAMIM: lemanjá então, pediu um favor a uma mulher de sua confiança...Yeji.

Claro que o que foi pedido, nós não vamos te contar, porque, no grande continente africano, uma aventura irá começar...

CENA 1 - PREPARADOS?

Uma pequena vila. Casas coloridas, algumas plantas, lugar simples, pacato, harmonioso. A vila ganha vida durante a música.

POVO:

Ginga gingado menino

Ginga gingado pra lá

Ginga gingado pra mãe, pra mãe Oyá

Todo dia acorda cedo

E precisa trabalhar

Sua mãe grita o dia inteiro

O menino “chega cá”

Mas na ginga no gingado, o menino

Só quer brincar

Olha roda, olha a gira,

O xirê vai começar

Todo dia acorda cedo

E precisa fofocar

Ô Yeji, Ô lâiã

A criança d’onde está?

Todo dia acorda cedo e só pensa em rodar

Gira, gira, minha criança

e não para de brincar

Eu sei que é difícil, mas a vida eu vou levar

Vais longe meus filhos

Que tens a vida a trilhar

Sob a benção de pai Xangô e de mãe Oyá.

Uma criança está no centro contando e de olhos tampados com as mãos. Outras crianças estão se escondendo.

LEKAN: É um, dois, três, quatro, cinco... prontos, ou não, aí vou eu.

Brincadeira de esconde-esconde.

ZILÁ: (*gritando*) Lekan? Você tem 3 segundos para aparecer na minha frente! É um... é dois... é...

LEKAN: (*assustando sua mãe*) É três!

ZILÁ: (*brava*) Olha Lekan, o dia que eu te pegar... menino, não vai restar nem um fio do seu cabelo seu pra contar história.

LEKAN: Tá brava? Respira mãe.

ZILÁ: Lekan, se eu respirar mais uma vez eu não respondo por mim!

LEKAN: (*rindo*) Como é que eu posso não amar a coisa mais linda da minha vida? (*abraça a mãe*).

ZILÁ: Tu tem sorte que eu sou boa... que eu sou calma, por que olha, um dia você vai ver.

YEJI: Zilá, minha irmã... Onde tá Mica?

ZILÁ: Ela tá brincando com Lekan.

MICA: (*escondida*) Psiu... eu tô aqui!

LEKAN: Achei! Um, dois, três, Mica!

MICA: Não vale Lekan, minha mãe que tava me procurando.

LEKAN: (*imitando Mica*) Não vale Lekan, minha mãe que tava me procurando.

YEJI: Brinca, brinca e briga vocês dois...

LEKAN: É a Mica que não aceita perder...

ZILÁ: *(puxando a orelha de Lekan)* Tu não fale de Mica! Repete pra tu vê!

LEKAN: Ai mãe, tá doendo...

MICA: Tudo bem, Tia Zilá... Lekan é chato mesmo.

Sons de atabaque começam a ecoar.

LEKAN E MICA: É o Obá! Ele está na Vila.

O vilarejo se organiza e todos ficam em volta do Obá. Ele é um homem mais velho e que aparenta ser muito sábio. Carrega um cajado e representa os deuses na vila.

OBÁ: Povo de Ité! Saudações a todos. Prestem atenção, no que vou lhes contar.

Xangô Kaô me chamou e disse que a vila de Ité irá penar.

ZILÁ: Penar? Mas o que fizemos para o nosso rei?

OBÁ: Sei que não é fácil o que vou lhes revelar. Mas o fogo sagrado de pai Xangô

(atabaque) SUMIU!

POVO: Sumiu? E agora? Como ele será forte e corajoso? Como vai governar?

Os atabaques ficam mais fortes e começa um som de vento e trovões.

OBÁ: Ele é bondoso, mas tudo tem um preço. Duas crianças devem encontrar.

YEJI: Duas crianças?

OBÁ: Xangô quer o machado e o problema resolvido! Caso contrário...

YEJI: Crianças?

OBÁ: Assim disse o nosso rei. O fogo representa força e coragem...

MICA: Tudo que eu e Lekan temos! Somos fortes e conseguimos subir na árvore mais alta da vila, além de corajosos... podemos enfrentar o leão mais selvagem da África!

As duas crianças fazem uma pequena encenação de caça ao leão.

LEKAN: É isso mesmo! Essa missão é nossa!

Silêncio.

YEJI: Vocês têm certeza disso? Sabem do perigo que podem encontrar?

LEKAN: Fica na paz tia Yeji... vai dar tudo certo.

YEJI: Eu não sei.... Ai!

MICA: Relaxa mãe, vamos conseguir! Tá no papo.

ZILÁ: Tá doido Lekan! Aaaaaaaaaaaaaaaaaa
meninooooooooooooooooooooooooooooo...

YEJI: Calma, Zilá!

OBÁ: E então?

YEJI: Mica, para você ir nessa missão, deverá usar esse colar. Ele vai te proteger de qualquer coisa, mas deve me prometer que não vai perder. Foi a grande rainha do mar, Iemanjá, que me deu... há muito tempo.

MICA: Tá prometido mãe. Usar e não perder.

OBÁ: Vamos! Xangô não vai aguentar esperar por muito tempo...

LEKAN: Uhuuuuu! Partiu missão!

ZILÁ: Vê se toma jeito Lekan... Ai minha mãe... Aproveitem, crianças! Vocês têm um caminho a trilhar... sob a benção do pai Xangô e da mãe Oyá.

Zilá e Yeji se abraçam e ficam em silêncio. Com um gesto o Obá chama Mica e Lekan. Os três saem de cena. Antes de sair, Mica volta e beija a testa da mãe.

CENA 2 - EXÚ

No centro da cena aparecem Mica e Lekan, sentados, um de costas para o outro. Comem alguma coisa.

LEKAN: Aventureiros! Esse sempre foi o meu sonho... o Obá saiu e disse “boa sorte Mica e Lekan.” e é isso?

MICA: Você viu como a minha mãe ficou, Lekan?

LEKAN: Tia Yeji tá tensa... mas fica na paz, Mica! Com o Lekan não tem erro....

MICA: Sei... *(ri.)*. Quando o Obá falou da missão eu não senti medo... era como se tivesse uma força dentro de mim... algo escrito no meu caminho.

EXÚ: Caminho? Esse é um assunto que eu entendo muito bem!

As crianças se assustam e se afastam.

EXÚ: *(rindo)* Típica reação humana... sempre quando me vê é assim: “Ai que susto, vou me afastar”. Eu não morde, sabia?

MICA: *(grito de bravura)* Eu sou uma guerreira! Fique longe!

LEKAN: É!

EXÚ: *(rindo)*: Ownnnnn...que bonitinhos, tão perdidos... tão sozinhos, solitários... nesse caminho... aminho... minho... inho. Guerreiros? Mentindo para mim? Que coisa feia! Como é mesmo o seu nome, menina?

LEKAN: Minha mãe disse que não devemos falar o nome para estranhos!

EXÚ: Estranho? Eu?

MICA: Vamos! Temos que ir Lekan.

EXÚ: Claro, achar o fogo perdido do grande rei Xangô, Kaô! Não é isso Mica e Lekan da vila de Ité?

Surpresos.

MICA: Como você sabe de tudo isso?

CORO: Ele sabe de tudo! É guardião dos caminhos, das encruzilhadas, mensageiro entre homens e deuses!

EXÚ:

Quando o sol aqui não mais brilhar

E a luz da lua não mais refletir

Sabe quem vocês irão chamar?

Ele é exú

Exú é mojubá

CORO

Quando o sol aqui não mais brilhar

E a luz da lua não mais refletir

Sabe quem vocês irão chamar?

Ele é exú

Exú é mojubá.

EXÚ: Eu sei de tudo.

CORO: Tudo.

EXÚ: Eu sou tudo.

CORO: Tudo.

EXÚ: Eu sou Exú.

CORO: Exú é mojubá.

EXÚ: Tenho uma proposta para vocês! Eu sei onde está o fogo de Xangô, ou melhor, com quem está...

MICA: Então pode começar a falar seu espertão!

EXÚ: Nada é de graça, minha doce Mica! Se quiser minha ajuda, algo em troca terão que me dar.

LEKAN: Tava demorando... a sua cara pedir alguma coisa! As lendas não mentem... o que você quer?

EXÚ: O atori de Oxaguiã.

MICA: O atori? Como assim?

CORO: O atori é uma vara feita do galho de uma árvore e funciona como uma arma para o grande guerreiro Oxaguiã. Protetor da vila de Ité.

LEKAN: O quê? Tu tá maluco? Quer que a gente entre na casa de Oxaguiã, roube a sua arma e a entreguemos para você? Nem pensar...

EXÚ: Mais fácil que isso só dois disso. Vocês têm um dia... Tchauzinho! (*sai de cena*).

CENA 3 - OXUMARÊ, A COBRA.

LEKAN: Esse Exú é um sem noção... nem pensar... Oxaguiã é o grande guerreiro, ele vai fazer picadinho da gente, Mica.

MICA: Então é isso? No primeiro desafio você já vai amarelar?

LEKAN: Amarelar? É que... mas... não... sou muito corajoso, tá?

MICA: (*ri*) Muito bem, Sr. Coragem... qual o plano?

LEKAN: ...

MICA: Lekan?

LEKAN: Olha... eu não sei o plano... e não sou corajoso... TÁ?!

MICA: Têm coisas que a gente não consegue ver...

LEKAN: Não gosto de sentir medo... parece que sou fraco.

MICA: Muito pelo contrário... eu acho que a pessoa mais corajosa, é aquela que consegue dizer que tá com medo. Você acha que eu não tive medo em enfrentar Exú? Claro que sim... tenho medo de muitas coisas... mas ele não precisa saber. *Lekan sorri.*

LEKAN: Você foi maluca!

MICA: Olha, vamos fazer o seguinte... eu vou te “emprestar” o meu colar para essa missão... tenho certeza que ele te dará muita coragem e vai te proteger.

LEKAN: (*com o colar*) Nossa... eu já tô me sentindo mais corajoso.

MICA: *(ri.)* Eu sabia! Você agora é o meu protetor...

LEKAN: Agora não tem mais pra ninguém... Oxaguiã que aguarde...

MICA: Hey! Calma... vamos com calma, não se esqueça que ele é um deus.

LEKAN: E eu sou o grande Lekan! Mica nunca irá me pegar...

Começam a brincar de pega-pega.

Som de cobra.

MICA: Silêncio.

Som de cobra.

LEKAN: Que isso?

Som de cobra.

OXUMARÊ: *(voz)* Ssssssssssssssss.... o que fazzzzzzzem aquiuuuuuuuuuu?....
sssssssssssssss...

MICA: Somos grandes guerreiros da vila de Ité... é melhor nos deixar em paz...

OXUMARÊ: *(cheirando e rondando eles)* Sssssssssssssssinto cheiro de medo...

MICA: Não sentimos medo! Somos corajosos como Rei Xangô...

OXUMARÊ: Xxxxxxxxxxxxxxangô, corajoso? Ssssssssssssssssssem o
ssssssssssssssssseu fogo... ele não é nada...

MICA: Lekan?

Lekan está tremendo.

MICA: Quem é você?

CORO: Ele/ela é Oxumarê... uma divindade ligada à transformação das coisas e à passagem do tempo. Esse orixá assume formas de natureza feminina e masculina, mas não pode ser cristalizado em nenhuma delas.

OXUMARÊ: Então, querem ajudar Xxxxxxxxangô? Sssssssssssssssss

MICA: É isso mesmo!

OXUMARÊ: Massssssssssss... eu não possssssssssssssssso permitir isso... não conhecem o mito?

MICA: Mito? Que mito?

CORO: Oxumarê era um homem belo e muito bem-vestido que despertava a paixão de todos. Apesar de muito notado, ele era discreto. Mas, Xangô não compreendia o jeito de Oxumarê e disse que ele deveria ser preso em seu palácio, por não valorizar a sua beleza. Quando ficou preso, a bela divindade chamou pela ajuda de Olorum, pai de toda criação. Atendendo a seu pedido, Olorum transformou Oxumarê em uma temível cobra. Dessa forma, além de amedrontar Xangô, ele conseguiu fugir por uma pequena fresta da porta do salão em que estava detido.

LEKAN: Nós sentimos muito pelo que Xangô fez a você, mas precisamos ajudar a nossa vila.

OXUMARÊ: Mass eu não sinto, por impedir vocêssssssssssssssssssssss... a primeira que vou devorar, será você menina.

LEKAN: Não! Eu não vou deixar.

CORO: Estátua!

Todos ficam congelados.

CORO: Pruuuu é o som que o nosso guerreiro emite, muito próximo ao som de uma pomba... alarme-falso, ufa, continua dormindo. Voltando, Mica, devagarinho, encontra Lekan. O colar para de brilhar.

OXAGUIÃ: Pruuuu.

CORO: Estátua!

Exú entra.

EXÚ: Qual a brincadeira? Estátua? (*fica estátua*).

Mica e Lekan aparecem.

MICA E LEKAN: Shiuuuuuuuuuuu! Você quer acordar ele? Conseguimos! Aqui está o atori de Oxaguiã.

EXÚ: Exú sabe.

CORO: Exú viu.

EXÚ: Que os dois pequenos não falharam.

MICA: Só espero que ele nos perdoe depois.

EXÚ: Blá, blá, blá... Oxaguiã é confuso, nem dará falta... agora, vamos Lekan, me entregue.

Lekan vai entregar a Exú, quando Mica interrompe.

MICA: Não!

EXÚ: Como não? Bateu a cabeça, foi?

CORO: A cabeça, com certeza, ela bateu.

MICA: Primeiro, nos conte onde está o fogo e em troca te entrego o que você quer.

EXÚ: Eu não sei.

CORO: Ele sabe sim!

MICA E LEKAN: (*irritados*) Sabe ou não sabe?

LEKAN: Eu disse que não devíamos ter confiado nele.

EXÚ: (*irônico*): Shiuuuuuuuuuuu... querem acordar o grande guerreiro?

MICA: Pois bem! Já que não sabe, não irá receber o que você deseja.

Começam a sair e Exú interrompe.

EXÚ: Eu disse que não sei onde está, mas não disse que uma charada não posso lhes dar.

LEKAN: Chega! Vamos! Ele só vai atrapalhar.

MICA: Não podemos agir com o coração nesse momento Lekan, estamos tão próximos. Temos que usar a nossa inteligência. Confie em mim...

Um tempo e Lekan afirma que “sim” com a cabeça. Mica entrega o atori para Exú.

EXÚ: Se apontar o dedo para quem procura, aponta três para o que deve achar. No mundo da materialidade, o simbolismo é o que realmente importa.

LEKAN: Quê? Eu não entendi nada.

EXÚ: Minha dívida está paga! Agora vou zarpar daqui... O dà àbò.. Traduzindo do iorubá, tchauzinho...

MICA: Espera! Antes responda: Por que você queria o Atori?

EXÚ: (*rindo*) Para coçar as costas, é claro! Vocês já perceberam o quanto isso é difícil?

CORO: Para coçar as costas? (*muita risada*) Ele é demais!

EXÚ: Fui.

Exú sai.

MICA: (*brava*) EU NÃO ACREDI...

Como poeira e no som dos atabaques Exú some. Mica abraça Lekan e começa a chorar.

MICA: (*tempo*) Somos responsáveis pela nossa vila Lekan e ele nos fez de bobos. Eu não sei o que a charada de Exú quer dizer... Por que precisa ser tão difícil? Não é justo!

O som de sinos dos ventos, onda, mar, água, onda, vento, mar, começa a preencher o espaço.

MICA: Está ouvindo?

Lekan fica paralisado.

MICA: Lekan? A brincadeira já acabou.

IEMANJÁ:

Fique calma criança, do desespero nada vai levar...

Fique calma criança e flutue como a onda do mar...

Fique calma pequena, seu axé irá lhe guiar

Como uma grande guerreira

Escute a rainha lemanjá.

Há muito tempo, meu filho não pensou

Xangô, era teimoso...

Xangô, não me ouvia...

Então para uma lição, pedi a sua mãe Yeji

Ela precisava me ajudar... mar

Um segredo ela guarda e por nada poderá falar

A não ser que o amor, seja o sentimento mais forte que há.

MICA: Minha mãe te ajudou?

IEMANJÁ: Sim criança, Yeji me ajudou com o meu filho, porém ainda nem tudo poderei lhe responder.

MICA: Se apontar o dedo para quem procura, aponta três para o que deve achar. No mundo da materialidade, o simbolismo é o que realmente importa. Você consegue me ajudar a decifrar?

IEMANJÁ: Exú fala e sabe demais, porém, não tenha medo Mica, sua mãe, você precisa encontrar. Porque em pouco tempo, o seu tempo, irá acabar.

Silêncio. Lekan acorda. Iemanjá e os seus sons, somem.

LEKAN: Mica, como faremos com a charada?

MICA: Eu já sei! Vamos!

Som de pombos e vento.

LEKAN: É Oxaguiã e parece que ele não tá feliz! Vai Mica, vou segurar ele.

MICA: Eu sempre soube que você era o maior corajoso dessa aventura...Cuidado!

Mica corre. Blackout

CENA 5 - PODE FALAR

Na vila de Ité.

ZILÁ: Yeji, pode falar! Eu não entendo essa preocupação com Mica e Lekan.

YEJI: Minha irmã... eu juro que eu não posso falar nada.

ZILÁ: O que? Eu sou tua irmã! Se não pode confiar em mim, vai confiar em quem?

YEJI: Mas eu prometi.

ZILÁ: Não quero sabê Yeji! Desembucha mulhê, pode falar!

YEJI: Eu prometi a lemanjá.

Silêncio.

ZILÁ: lemanjá? Nossa rainha? Mas o que ela te pediu de tão importante?

Silêncio.

ZILÁ: *(irritada)* Ou tu fala agora ou eu vou direto a “vossa” realeza perguntar.

YEJI: Não! Tá bom... vou te contar.

ZILÁ: Desembucha.

YEJI: lemanjá uma vez me pediu ajuda. Ela me contou que disse a Xangô que ele não precisava de nada para ser corajoso, forte e ter bravura. O rei não

concordou e colocou fogo pela boca, nariz e ouvidos. Iemanjá ficou furiosa e com a suas ondas assustou o seu filho, mas como lição disse que ele não era mais merecedor de seu fogo sagrado e que o daria para quem fosse. Então, ela pegou toda a energia do fogo de seu filho e me entregou, em um colar, dizendo que em um futuro próximo alguém, muito corajoso, precisaria.

ZILÁ: Então tá fácil... pega esse colar e devolve ao nervosinho do fogo.

YEJI: Isso é impossível Zilá... o colar está com Mica. Quando ela e Lekan se ofereceram para a missão, eu sabia que Iemanjá estava falando deles.

Zilá abraça a irmã.

ZILÁ: Eu te amo minha irmã. Tu colocou na frente de qualquer coisa o amor por nossas crianças... você fez o que o seu coração disse.

Sons de atabaque.

PESSOAS DA VILA: É Xangô! Ele está aqui e furioso!

YEJI: Agora, minha irmã, é a nossa vez de tentar ajudar Mica e Lekan. Vamos atrasar ao máximo Xangô.

Saem.

CENA 6 - IROKO

AMIN: Eu acho que precisamos ajudar a Mica e o Lekan com essa charada.

YAMIN: Mas se a gente ajudar, qual a graça da história?

AMIN: A graça é que eles vão desvendar os mistérios da charada e salvar Ité... por favorzinho irmã.

YA: Olha essa carinha, Yamin.

YAMIN: Vocês duas são tão irritantes! Pois bem... as crianças encontram com o Iroko, o orixá da árvore, que vai... infelizmente... ajudá-los

AMIN: Ebaaaaaaaaaaaaaa

MICA: Eu vim pensando em todo o caminho na charada que Exú me disse.

No começo ele fala que: “Se apontar o dedo para quem procura, aponta três para o que deve achar”. Ou seja, se eu apontar o dedo para você... aiiiiiiiiiii.... eu não sei!

IROKO: Fácil! Três estão apontados para você mesma. Faça o teste.

Ela testa e percebe que desvenda uma parte da charada.

MICA: É isso mesmo! Muito obrigada Sr. Árvore!

LEKAN: Sr. Árvore? Você sabe quem ele é?

IROKO: Fique em paz pequeno Lekan, sou uma árvore mesmo... errada ela não está.

LEKAN: Ele é o grande Iroko. Orixá da árvore sagrada.

MICA: Oh deuses... que vergonha.

IROKO: Vergonha? Minha jovem Mica, você com seu ato de coragem e bravura está tentando salvar todos da sua vila, não vejo vergonha nisso e sim um grande gesto.

MICA: Obrigada Iroko.

IROKO: Disponha, minha querida. Posso ajudar em mais alguma coisa?

MICA: Então, eu sou a primeira resposta! (*outro tom*) Mas não entendo a segunda parte: “No mundo da materialidade, o simbolismo é o que realmente importa”. Você sabe o que significa?

IROKO: Você já sabe a resposta... pense...

LEKAN: Eu já sei!

Silêncio.

LEKAN: O fogo sagrado de Xangô sempre esteve com você... dentro do colar.

IROKO: Pequeno, mas muito inteligente. É importante lembrar que o fogo sagrado só se revela para quem é corajoso de verdade. Enfim, o sol já está quase sumindo... rápido... vocês não têm muito tempo e preciso te contar uma história, pequena.

Mica e Lekan abraçam Iroko.

MICA E LEKAN: Obrigado Iroko!

IROKO: Que Olorum os proteja!

Saem.

CENA 7 - O FOGO

Começa uma grande transição. Música, movimento e voltamos à vila de Ité.

Na vila tudo está diferente, pessoas com medo, gritaria, bagunça, fumaça... é a ira de Xangô.

MICA: Mãe? Yeji? Iyámi?

YEJI: Mica, o nosso tempo acabou!

MICA: Você roubou o fogo sagrado? Mãe, você ficou doida?

ZILÁ: Sua mãe fez o que qualquer mãe faria!

YEJI: Você já sabe de tudo né?

MICA: Sim mãe... Iroko me contou tudo.

YEKI: Mica, o fogo sagrado é símbolo de bravura, coragem e força... essa é você minha filha...O fogo de Xangô tinha que ficar com você!

MICA: Então quando o Obá da vila falou da missão você me deu o colar... era para me proteger e despistar Xangô, certo?!

Yeji afirma com a cabeça.

LEKAN: Mica, eu consegui despistar Oxaguiã... e agora?

MICA: E agora? Vamos acabar com tudo isso!

Mica dá as mãos a Lekan.

MICA E LEKAN: Xangô, kaô! Aqui está o seu fogo sagrado! (*Mica assopra o fogo*).

Silêncio

XANGÔ: (*furioso*) O que você fez, menina?

MICA: Eu te libertei, rei Xangô! Qual é? Você acha mesmo que o fogo te dá coragem, força e bravura? Olha aqui... o grande guerreiro Lekan, que com sua bravura, espantou Oxumarê... e eu, Mica, que tive coragem de invadir a casa de babá Oxaguiã, para roubar o seu atori e ajudar a minha vila. Fizemos tudo isso sozinhos, sem saber do fogo sagrado... a coragem, bravura e força... tá dentro de nós... o tempo todo.

XANGÔ: Significa que eu sou forte e corajoso?

LEKAN: Tu é Rei Xangô! Rei da Justiça! Não precisa de fogo sagrado não... tá tudo dentro de você...

IEMANJÁ: E só você não via, meu você..., você me ajudou muito e digamos que eu já previa esse futuro...

XANGÔ: Nossa... eu nunca consegui perceber isso.

MICA E LEKAN: Nem nós, mas a vida acabou de ensinar pra gente.

XANGÔ: Obrigado mãe e me desculpa por não te ouvir...

IEMANJÁ: Você é jovem, como Mica e Lekan... muitas vezes não conseguem ver e valorizar as qualidades que estão dentro de vocês... todos precisavam descobrir a mesma coisa... eu só dei um empurrãozinho...

Todos riem.

XANGÔ: Eu peço desculpas a vila de Ité e saravá aos grandes pequenos guerreiros Mica e Lekan!

CORO: Saravá!

MICA: São nesses momentos que descobrimos a força que existe dentro de nós! Eu bato no peito e com orgulho digo que sou Mica, filha de uma grande mulher, Yeji, que carrega em seu peito toda a herança da força das mulheres da costa africana.

TODOS: VIVA!

Mica e Lekan se abraçam.

Em grande festa saem de cena e fica apenas o coro.

YAMIM: Gostou Amin?

AMIN: A história mais linda que eu já ouvi.

YA: E você, minha pequena, tem a força de Mica?

AMIN: Sim! Tenho a força das mulheres da costa africana!

YAMIM: Tenho certeza que nenhum pesadelo vai atrapalhar o seu sono então.

Amin abraça as irmãs.

AMIN: Eu amo vocês.

YA: Nós também... agora vá para a cama que amanhã temos que falar com Iroko.

AMIN: Boa noite irmãs.

YAMIM E YA: Boa noite Amin.

TODOS:

Oiê Oiê Xangô

Odoyá Iemanjá

Obatalá, Oxaguiã

Iê Iê, Oxumarê

Eu não sou daqui

Eu não sou de lá

Eu sou do mar

Pra minha África

Eu vou voltar

Oiá, quanto amor

É d' Oxum

São os ventos de Oyá

Eparrey

Saluba vovó Nanã

São flores, são flores

Salve

Nossa história

Salve

a bravura, a coragem e o amor

Saravá

O amor

Nesse nosso

AXÉ.

FIM.

Sobre o autor: Nascido em São Paulo, Vitor Cogo iniciou-se no teatro aos 8 anos. Ator e professor, formou-se em teatro pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul e é licenciado em artes visuais. Atualmente, atua na educação e estuda arteterapia e dramaturgia.

Contato: vihcogo@gmail.com

CAVALO-MARINHO

Wallace Dutra

CRIS: Pronto. Agora é só nós dois.

MARK: Nós contra o mundo.

CRIS: Abre meu zíper.

MARK: Vou fechar tudo antes. Sem barulho.

CRIS: Tá com medinho?

MARK: Nada. Confia em mim.

CRIS: Sei lá. Te conheci agora.

MARK: De algum lugar. Eu te conheço faz tempo Cris.

CRIS: Sei.

MARK: Você é meio seco. Pelo menos não é afeminado.

CRIS: Consegui abrir. Vamo agora.

MARK: Reparou na mancha?

CRIS: Em você ou em mim?

MARK: Não. No azulejo. Tipo infiltração.

CRIS: Você é encanador por acaso? Vem cá!

MARK: Peraí sem beijo mano!

CRIS: Me fala o que você quer.

MARK: To sentindo. Tá faltando alguma coisa.

CRIS: O quê?

MARK: Poppers!

CRIS: Pra quê?

MARK: Só uma pimenta! Quer?

CRIS: Passo.

MARK: Cê que sabe.

CRIS: Tomei remédio. Relaxante muscular.

MARK: Beleza. Vai na sua. De qualquer modo é a primeira vez que como uma.

CRIS: Uma o quê?

MARK: Pera! Não precisa se ofender.

CRIS: Sou homem. Que nem você.

MARK: Deixa ver se tem alguém.

CRIS: Pensei que você não fosse um curioso.

MARK: Não tem. Então. É que eu nunca fiquei com um homem. Que nem você.

CRIS: Então qual a diferença?

MARK: É que ninguém sabe.

CRIS: É só uma rapidinha.

MARK: É que ninguém sabe de mim.

CRIS: Putz. Ouvi um barulho.

MARK: Tá limpo!

CRIS: Tá limpo mesmo? Então tá. Deixa eu te falar uma coisa, cara guei branca cisgênera.

MARK: Tá bom militante. Sem textão ok? Melhor eu ir.

CRIS: Não senhora, você vai ficar sentadinha aí, enquanto eu faço o textão e chego lá umas três vezes sem sua ajuda. Nem ligo mais, mas bota na sua cabeça que você vai se lembrar de hoje. Beleza, você não sabe o que é se esconder ou

ter um discurso pronto cada vez que te olham com uma cara de interrogação. Que nem você tá agora. Você não dá pinta nem nada, nunca ficou travado só de botar o pé na rua e saber se vai voltar vivo. Até deve ouvir algo como aspas parece hétero. Credo! Minha mãe não teve isso, nem irmã, nem todas da minha família. Por causa daquele filme tosco com aquela atriz que brincava de fazer o menininho. Mania de gente canastrona de levar a fama em cima da dor dos outros. O menino trans da vida real foi torturado, estuprado, e morto, a atriz ganhou o Oscar, minha família ficou como? Quando cheguei na ceia com trinta e seis, com rostinho de trinta e tesão de vinte, me dei conta que sobrevivi, e sem a parte chata da minha família, sem olhares de cobiça na infância e olhares de ódio depois que cresci, porque desfiz todas as expectativas da minha mãe e os sonhos dos pedófilos machistas. Sou homem que nem você sim, e cada vez que reconheço os homens da minha família no espelho eu cuspo toda vez. Caguei pra tudo isso. Fui a primeira pessoa de muitas gerações que encarou a mudança, e isso é melhor que responder pro tio bem na ceia de Natal em caixa alta eu-sou-viado! Você já teve a vontade de gritar pro mundo eu-sou-viado!? É libertador! Meu primeiro superpoder. Só me faltava uma donzela indefesa. Até conhecer você.

MARK: Sabe o que eu acho de tudo isso?

CRIS: O quê?

MARK: Eu te amo!

CRIS: E ele entra na pequena área!

MARK: Quero você!

CRIS: Vai pra cima!

MARK: Agora! Encaixa!

CRIS: É pênalti!

MARK: Chega mais! Esse cheiro!

CRIS: Tá posicionado!

MARK: É agora!

CRIS: Goleiro se prepara!

MARK: Agora!

CRIS: Vai bater!

MARK: Agora Cris!

CRIS: Pra fora.

MARK: Peraí.

CRIS: Acontece vai.

MARK: Isso não tinha me acontecido há um tempo.

CRIS: Segundo tempo!

MARK: Eu te amo! Salvo pela bala!

CRIS: Entra o reserva da camisa azul!

MARK: Eu te quero!

CRIS: Lindo cruzamento!

MARK: Agora Cris!

CRIS: E é gol!!

MARK: Você ouviu?

CRIS: Os sinos?

MARK: Oi, é a sua primeira vez aqui também?...

CRIS: Oi? Tá me ouvindo?

MARK: Você conhecia esta música?

CRIS: Ah, eu já vim aqui antes!

MARK: Essa música agora, você se lembra?

CRIS: Tem um eco até agora.

MARK: Eu tava ouvindo a sua playlist.

CRIS: É daquele filme que você me recomendou.

MARK: Lembro sim da música.

CRIS: Muito uó!

MARK: Gostei da trilha.

CRIS: Você gostou da banda islandesa?

MARK: Irlandesa?

CRIS: É!

MARK: Não conhecia. Pensei que era da Escócia.

CRIS: Então.

MARK: Lembrei de um lugar que era na faixa até meia-noite.

CRIS: Eu tinha que te dizer uma coisa.

MARK: Você tá com o desconto no celular?

CRIS: Esqueci.

MARK: Deixa pra lá, vamo logo fechar aqui.

CRIS: Vamo ter um filho?

MARK: Daqui dá pra ver o céu?

CRIS: Amor, já pensou na cor do seu leite?

MARK: Oi?

CRIS: À noite pode ser meio azul, de dia pode ser meia amarela.

MARK: Você me chamou de amor?

CRIS: Não, a cor do seu leite. Diferente do meu leite. Igual da Via Láctea.

MARK: Você me chamou de amor? Que brisa é essa?

CRIS: Não me sinto confortável em dizer seu nome.

MARK: Você tava com cara de nojinho de leite.

CRIS: É repulsa! Tipo a secreção do Alien.

MARK: Se-cre-ção! Punk.

CRIS: É! Mas agora pensou na cor do seu leite?

MARK: Dá pra sentir se ficar perto da janela, você e eu tomando banho de lua.

CRIS: Pra todos os efeitos, a gente só bebeu demais.

MARK: Ah, bom, não quero que ninguém pense que temos alguma coisa.

CRIS: Até lá eu já fugi.

MARK: Não sei responder, mas quero te levar comigo.

CRIS: E a gente mora todo mundo aqui.

MARK: Como assim todo mundo?

CRIS: Não disse esse aspas todo mundo, a maioria é amiga minha.

MARK: Eu conheço elas?

CRIS: Amor. Você é a única pessoa de mente aberta por aqui.

MARK: E você a primeira pessoa por aqui com quem eu quero casar.

CRIS: Mas, não quer dizer que temos um caso.

MARK: E o que tivemos?

CRIS: Amor, você pra mim é como um irmão.

MARK: Irmãos não saem se pegando pelos cantos.

CRIS: Nem Adão e Eva?

MARK: Nunca tive um irmão.

CRIS: E você nunca teve um filho.

MARK: Nem você também.

CRIS: Amor. Senta que preciso te contar.

MARK: Nem dormi direito Cris.

CRIS: Se não tiver espaço, pode ser no chão mesmo.

MARK: Explica então!

CRIS: Então. A gente bebeu demais e, per aí, preciso atender. Alô?

MARK: Mas agora?

CRIS: Não. Não tem ninguém com esse nome. Não sei aonde ela se encontra, ela morreu!

MARK: Quem era?

CRIS: Então. Voltando, a gente bebeu demais e aconteceu.

MARK: Mas você fez a transição.

CRIS: Mas isso não impede.

MARK: Eu entendi que você tomava testosterona.

CRIS: Mas isso não impede.

MARK: E que você não estava menstruando.

CRIS: Isso não impede a gravidez.

MARK: Podia ter pelo menos me contado antes Cris.

CRIS: Tava nos meus planos, mas pensei que não ia acontecer.

MARK: Não tava nos meus planos.

CRIS: Você sabe que minha mãe foi a única que me entendeu quando eu era pré-T.

MARK: Então estamos grávidos.

CRIS: Grávido. Todo o mundo contra nós, dois.

MARK: Vou te apresentar pra minha mãe.

CRIS: Pra que você vai me apresentar pros seus pais?

MARK: Pra minha mãe apenas. Pensei que você iria ficar feliz.

CRIS: Mas você não tá fazendo isso por você.

MARK: Meu pai deixou a gente.

CRIS: O meu também.

MARK: A gente vai substituir nossas famílias que não deram certo.

CRIS: Você quer é agradar os outros.

MARK: Eu não quero é esconder minha identidade.

CRIS: Você não sabe nada da minha vida.

MARK: Ou usar uma desculpa.

CRIS: Pelo menos não sonho nem fico em cima do muro como você.

MARK: Querer um marido é um sonho?

CRIS: Querer um filho é um sonho? Peraí. Alô?

MARK: De novo?

CRIS: Ela mudou faz tempo. Virou mulher-bomba.

MARK: Desliga o celular pelo menos.

CRIS: Sem o celular o meu mundo acaba.

MARK: Taí, se o mundo acabasse.

CRIS: Hoje?

MARK: Se o mundo acabasse hoje. Você casaria comigo?

CRIS: Talvez se eu não tivesse grávido. Hoje não sei.

MARK: Entendi. Melhor te deixar sozinho mesmo.

CRIS: Mas e o nosso bebê?

MARK: Pode ficar com a mãe.

CRIS: Só se for a aspas mãe sem pai.

MARK: Mania de falar aspas.

CRIS: Não quero palavras a mais na minha boca.

MARK: Mas são só palavras.

CRIS: Não as palavras da família do meu pai. Entre muitas aspas no pai. Até as palavras me perseguem.

MARK: Você precisa subverter, mas levar mais na boa.

CRIS: Tipo dizer que é hétero que transa com outros homens?

MARK: Tipo questionar tudo. Como questionar porque não casar comigo.

CRIS: Questiono porque me consideram louco num mundo como este.

MARK: Somos dois loucos então.

CRIS: Você não é louco, você nunca teve que escrever na cadeia ou no manicômio.

MARK: Mas nossa loucura é a mesma pra quem vê de fora.

CRIS: Peraí. Abre a tampa!

MARK: Segura Cris.

CRIS: Agora!

MARK: Esta é a quinta vez que você vomita só hoje.

CRIS: A sexta. Tem papel higiênico aqui?

MARK: Não sabia que engravidar fosse assim. Tem não.

CRIS: Na boa, se todo homem engravidasse.

MARK: Mas abre a tampa. A de baixo também!

CRIS: Se todo homem engravidasse, as mulheres seriam muito mais ouvidas.

MARK: Ou legalizariam o aborto.

CRIS: Ou teriam mais controle sobre seu próprio corpo.

MARK: Ou seriam livres.

CRIS: Ou seriam tratadas com respeito.

MARK: Só não pode tomar nenhum analgésico.

CRIS: Nem poppers?

MARK: Ou remédio contra enjoo.

CRIS: E nem hormônio.

MARK: Nem mesmo o remédio contra a ansiedade.

CRIS: E já to com o dobro do tamanho.

MARK: Só fechar a boca.

CRIS: Mexeu aqui.

MARK: Mexeu?

CRIS: Sente só. Mexeu de novo o Alien!

MARK: Não chama ele assim!

CRIS: Deu um chute!

MARK: Senti aqui!

CRIS: Fico imaginando ele vendo a gente daqui de dentro.

MARK: Eu vou ler pra ele o poema que eu escrevi.

CRIS: Tocar toda a nossa playlist.

MARK: Contar mais histórias.

CRIS: Contar dos shows de rock.

MARK: Dos fervos.

CRIS: Das baladas.

MARK: Dos filmes em preto-e-branco, principalmente aquele francês, das fotos.

CRIS: Do fim da peça de teatro daquela atriz.

MARK: Aquela do cabelo espetado.

CRIS: Isso, a que você me falou, quando acende a luz.

MARK: E ela abre os braços. E a luz ultrapassa tudo.

CRIS: E enquanto isso você me tira da forma.

MARK: Mas você recupera. Agora como eu faço como pai?

CRIS: Anos de academia pra perder meus gominhos em uma noite.

MARK: Talco. E pra você hidro.

CRIS: Você pode fazer salto ornamental na piscina vazia.

MARK: Pelo menos dois litros de água. Camomila.

CRIS: Você vai se afogar em tanta chuva dourada.

MARK: Pomada contra assadura.

CRIS: Se eu preciso mijar a cada cinco minutos, e nem é mijar em pé.

MARK: Fralda descartável.

CRIS: Neste estado, se eu vou pro banheiro feminino sou expulso.

MARK: Nós dois contra o mundo.

CRIS: E se eu vou pro masculino vão pra cima de mim.

MARK: Fora o pré-natal.

CRIS: Desejo de grávido: quero lambar seu olho!

MARK: Grávido, no singular? E você tá assistindo muita besteira na internet.

CRIS: Se você considera aquele filme surrealista como besteira.

MARK: Tô dizendo da besteira contemporânea.

CRIS: Eu descobri isso pelo seu perfil.

MARK: As playlists que eram suas.

CRIS: Peraí. Ouviu isso?

MARK: Falei pra fechar sem fazer barulho.

CRIS: Pronto.

MARK: Agora que você falou. Um eco. Uma mancha.

CRIS: Peraí. Passou a ânsia.

MARK: Uma vez eu senti uma mão bater no vidro.

CRIS: Do nada.

MARK: Estava num barzinho no centro.

CRIS: Desconfio até das sombras.

MARK: Tinha um toldo pra nos proteger da chuva.

CRIS: Tenho mais medo dos vivos.

MARK: Na hora um barulho.

CRIS: Você ouviu agora?

MARK: Veio da rua. Era um soco. Se não tivesse chovido seria em mim.

CRIS: Todo o mundo contra nós.

MARK: Às vezes eu me sinto como se observassem a gente.

CRIS: Vou pedir pro feto fechar os olhos e tapar os ouvidos.

MARK: É sério. E também fico preocupado com a sua gravidez.

CRIS: Com a nossa gravidez. Você que disse.

MARK: Você me disse que teve um aborto espontâneo da outra vez.

CRIS: Na verdade foi um alarme falso.

MARK: Mas teve a gravidez ou não?

CRIS: Não. E eu tava num momento que precisei deixar o Deposteron.

MARK: Nunca sei se é Deposteron ou Durateston.

CRIS: Sabe que nunca mais achei o Durateston?

MARK: Tive uma amiga que não achou o Perlutan por um tempo.

CRIS: E é bem comum isso.

MARK: Muito complicado ser homem.

CRIS: Ser homem cis como você é fácil. Difícil é ser o Super-Homem.

MARK: Ou o Batman!

CRIS: Não fode querendo defender a DC!

MARK: A gente vai ter DR da DC de novo?

CRIS: Amor. SOS! A bolsa estourou!

MARK: Aviso quem primeiro, sua mãe, sua irmã?

CRIS: Me ajuda até o hospital, a gente avisa no caminho.

MARK: Vou abrir então.

CRIS: Não, não vai dar tempo, vai ser aqui mesmo.

MARK: Aqui?

CRIS: Você vai ter um curso de parteira na prática. E grátis.

MARK: Mas a gente se conheceu há cinco minutos.

CRIS: Pois é, como se fosse ontem. Ah contração!

MARK: Deixa ver se acho alguma coisa aqui.

CRIS: Quer saber?

MARK: Não tem toalha decente aqui.

CRIS: Segura minha mão amor!

MARK: E como eu te ajudo no parto?

CRIS: A minha mãe, e provavelmente a sua.

MARK: Pega a mão direita.

CRIS: Nenhum dos nossos pais estavam aqui.

MARK: Ai! Você tem mesmo pegada!

CRIS: Hoje! Eu quero! O tabu!

MARK: Quer dizer, nós! Nós quebramos o tabu, né?

CRIS: Substituímos! Os! Pais!

MARK: To ouvindo um choro!

CRIS: Amor, estou chegando aqui!

MARK: Ainda está bem baixinho.

CRIS: Não quero deixar este lugar, é quente, é escuro, e é protegido.

MARK: Nasceu!

CRIS: Nasceu? Somos uma família agora?

MARK: Deixa eu tentar enxugar aqui.

CRIS: Peraí. Quer dizer. Não quero.

MARK: O quê?

CRIS: Nunca pensei em tudo isso.

MARK: Mas você vivia me dizendo.

CRIS: Eu não posso.

MARK: Mas amor.

CRIS: Não me chama de amor!

MARK: Mas nossos planos. Cris?

CRIS: Foi tudo uma confusão minha.

MARK: Cris, você não tomou aquele remédio né?

CRIS: Oi? Tá tudo bem com você?

MARK: O bebê não para quieto!

CRIS: Você contou a história pra dormir?

MARK: Oi?

CRIS: Era uma vez um príncipe, ou princesa, em um planeta bem pequenininho.

MARK: Sério?

CRIS: Tão pequeno que só tinha um vulcão e uma rosa. Amor? Uma rosa!

MARK: Ah! eu acabo de despertar! Desculpa! Estou ainda toda despenteada!

CRIS: Ainda tá bonita!

MARK: Você sabia que eu nasci no mesmo tempo que o sol?

CRIS: Você vive falando do seu ascendente em Leão!

MARK: Você bem que podia vir aqui cuidar de mim!

CRIS: Agora preciso cuidar da minha sementinha!

MARK: E a sua rosa? Atchim!

CRIS: Tá vendo? Fica com a janela aberta no frio!

MARK: É a luz da lua.

CRIS: Também passo mal.

MARK: Atchim!

CRIS: Pó de pirlimpimpim rosa?

MARK: É sinusite!

CRIS: Já te disse que seu quarto é sempre mais gelado!

MARK: Tô sem meu cobertor de orelha!

CRIS: Eu disse que preciso cuidar da minha sementinha!

MARK: Atchim!

CRIS: São tão contraditórias as flores!

MARK: Mas eu era jovem demais para saber amar!

CRIS: Olha! Preciso de um tempo aqui.

MARK: Mas eu era jovem demais para saber amar!

CRIS: Amor, sério. Preciso de um tempo, sozinho. Vou levar nosso bebê.

MARK: Vamos terminar assim? Não esquece a janela aberta.

CRIS: Mas o vento?

MARK: Não estou assim tão resfriada.

CRIS: Mas e a hora?

MARK: Eu sou uma dama da noite.

CRIS: Mas e os insetos?

MARK: Pra ver as borboletas é preciso dar espaço pras lagartas.

CRIS: Foi mal, vou botar o celular no vibra.

MARK: A luz do celular não vai fazer bem pra ela. Eu escolho o nome!

CRIS: Nada de gênero!

MARK: Mas a gente já tinha falado sobre isso, sobre como seria o nome.

CRIS: O nome vai ser neutro, pra deixar escolher.

MARK: Você vai influenciar ela com suas teorias?

CRIS: Você que não vai influenciar, você é tão cis!

MARK: Não quis dizer isso. Mas quando crescer e for pra escola.

CRIS: A maior parte das minhas amigas nem terminaram.

MARK: Mas precisamos falar sobre isso.

CRIS: Quando eu estudava não havia muito espaço pra gente.

MARK: O mundo mudou.

CRIS: É difícil ser super-herói sem superpoderes.

MARK: É difícil ser você mesmo.

CRIS: Um dia, um dia eu conto toda essa história tudo bem?

MARK: Quando?

CRIS: Quando crescer. Uma pergunta de cada vez.

MARK: Passou a vontade?

CRIS: Não. Agora quero olho de sogra!

MARK: Mas já passou a gravidez!

CRIS: Nunca se sabe se teremos uma segunda.

MARK: Vou procurar mais fraldas. Dá um espacinho pra passar.

CRIS: Amor, lembrou de comprar o absorvente pra menstruação?

MARK: Você quer dizer menstruação?

CRIS: Apreendi com meu outro namorado.

MARK: Quantas pessoas você namora Cris?

CRIS: Deixa ver, umas cinco no Hornet.

MARK: Se você quiser abrir a relação me avisa.

CRIS: Mais três no Grindr.

MARK: Porque ainda não pretendo ficar preso.

CRIS: Mais um no Scruff.

MARK: É só eu estalar os dedos.

CRIS: E com aquela sua amiga como contatinho seu bobo.

MARK: Você sabe como eu odeio isso.

CRIS: Você trouxe o absorvente sim ou não?

MARK: Nunca sei se é o íntimo. Absorvente é caro né?

CRIS: Mark 27. Conectado. 20 km de distância. Homem cisgênero. Emoji de Peixes e bandeira arco íris. Versátil/Gouine/g0y. Professor de Português. Educação não é sinônimo de feminilidade! Altura 173 cm. Peso 70 kg. Pronome Ele/Dele. Relacionamento atual Com parceiro. Local de encontro Bar, Cafeteria.

MARK: Porque nenhum absorvente mais masculino?

CRIS: Emoji de Cereja e Rosa. Homem cisgênero. Poeta, e futuro tradutor! Nunca sei bem o que escrever por aqui. Procuro alguém pra tomar uns litros, Interesses: coração aberto, experimentar coisas novas, conversar para afastar o tédio #elena0 #elenunca. Gostei mas achei meio açucarado.

MARK: Íntimo. Achei!

CRIS: Achei! Eu te conheci por este aqui: Conectado. Homem cisgênero. Amigos. 1,85 m, 88 kg. Conta outra! HIV-Negativo 30 de dez de 2020. ATV,

discreto. Afim agora? #top #broderagem e um monte de emoji de pêssego e berinjela.

MARK: Amigos?

CRIS: Sim, tinha a palavra amigos na descrição.

MARK: E nunca mais achei os seus. Você apagou os seus perfis mesmo?

CRIS: Apaguei. Quando te conheci.

MARK: No fervo ou na facul?

CRIS: Então vamos começar: Qual o gênero das palavras que ainda não existem? Ou das relações que ainda serão inventadas? Blá blá blá. Aqui: aspas quando se pode considerar que um corpo existe? Ou onde está o meu corpo quando essa pergunta é feita? Quem sou eu quando minha certidão de nascimento é destruída?

MARK: O que você acha, será que a orientadora vai gostar?

CRIS: Ontem no cartório não me deixaram registrar como pai.

MARK: Se um corpo for feito de signos, imagens e sons: quem tem a propriedade deles?

CRIS: Tudo digital, mas não entra na cabeça do escrevente que um pai pode dar à luz.

MARK: Ambiguidade de gênero.

CRIS: Em que ano estamos? Que dia é hoje? Que horas são?

MARK: Tecnologias ficcionais da lei.

CRIS: Em que pátria estamos?

MARK: Eu esqueci de colocar estas duas citações do filósofo.

CRIS: Ah é! Família tradicional.

MARK: Vou ter que reescrever tudo do zero. Se importa se eu acender um?

CRIS: E o nosso bebê?

MARK: Suave, eu abro o vitrô aqui.

CRIS: Não tenho um minuto de paz depois da gravidez.

MARK: Prometo não deixar rastro.

CRIS: Depois que o nariz acostuma com o cheiro de meia suada.

MARK: Um olfato com um nariz desse mesmo com tanto TK.

CRIS: Você já me viu cheirar pra dizer uma coisa dessa?

MARK: Você também explode com tudo, haja hormônio.

CRIS: Os meus hormônios são iguais aos seus, pra começo de conversa.

MARK: Nem tudo a gente tem igual.

CRIS: Você tem razão. Então vou arrancar uma coisa aqui pra deixar em pé de igualdade.

MARK: Para! Tá maluco?

CRIS: Não grita pro bebê não acordar!

MARK: Ah é!

CRIS: A gente precisa se comportar, você disse que somos agora uma família.

MARK: A gente só se conheceu há dez minutos.

CRIS: Dez anos! Nosso décimo aniversário de primeiro encontro!

MARK: Nem bolo de noiva, nem chá de revelação, nem bodas. Ninguém pra comemorar.

CRIS: Você sente falta?

MARK: Eu gosto das piadas da sogra.

CRIS: Discordo! Ela não é engraçada.

MARK: Ela é fofa!

CRIS: Odeio essa palavra!

MARK: Ela é muito parecida com você?

CRIS: Em que sentido?

MARK: O olhar dela é muito parecido.

CRIS: O branco do olho com certeza.

MARK: Sério, é um olhar sereno.

CRIS: Eu não sou calmo.

MARK: Eu disse sereno.

CRIS: É a mesma coisa.

MARK: Sereno é latim. Calmo é grego.

CRIS: Minha irmã não para de falar comigo.

MARK: Na sua cabeça?

CRIS: Não, é como se ela estivesse aqui do meu lado. Ela é tão tagarela que sinto falta dela.

MARK: Eu também, principalmente nos fins de semana.

CRIS: Bem o meu oposto.

MARK: Isso sim. As playlists principalmente.

CRIS: Você disse que calmo é grego. Por causa do mar?

MARK: Tem aquela música que vocês dois gostam.

CRIS: Não vai virar o cantor de chuveiro agora.

MARK: Vento! Litoral! Qual a senha do seu celular?

CRIS: Pra quê?

MARK: Pra tocar a música.

CRIS: Você lembra quando a gente ouviu aquela música dividindo o fone de ouvido?

MARK: No parque?

CRIS: Não lembro da senha.

MARK: Foi no parque. Usa sua digital.

CRIS: Nunca cadastrei.

MARK: Mas todo mundo cadastra!

CRIS: Minha mãe diz que eu não sou todo mundo.

MARK: Literalmente!

CRIS: Definitivamente não fomos feitos um para o outro.

MARK: Mas o plano era ficarmos.

CRIS: Bem. Brisa!

MARK: Seria só uma noite.

CRIS: Uma noite que durou quinze anos.

MARK: Logo teremos um novo genro ou nora.

CRIS: Quem disse que vai ser homem ou mulher?

MARK: Logo seu corpo vai sentir a gravidade.

CRIS: E vai bater a saudade de agora.

MARK: Será que o dia não volta?

CRIS: Mas a lua tá tão linda.

MARK: E nossas mães?

CRIS: Que tem elas?

MARK: Ainda estão vivas?

CRIS: Acho que morreram de desgosto.

MARK: Você tá amargo.

CRIS: Você nunca mais me beijou pra saber.

MARK: Perdi o tesão desde a sua gravidez.

CRIS: Você dizia que aspas a gente tava grávido.

MARK: Não queria te dividir com mais ninguém.

CRIS: Amor é soma.

MARK: Amor é droga.

CRIS: Amor, a senha!

MARK: Que senha?

CRIS: Não lembro mais dela.

MARK: Como não? Tem a ver com o primeiro lugar onde ficamos.

CRIS: Foi demolido no ano passado.

MARK: Com o show da nossa banda favorita.

CRIS: Eu te falei que a banda se separou de novo, não vai ter turnê.

MARK: Com nossa viagem pra Islândia.

CRIS: A gente perdeu a conexão na Inglaterra. Lembra de São Thomé das Letras?

MARK: Lembro.

CRIS: Eu não consigo mais lembrar. Eu não quero mais lembrar. Eu não quero mais sair daqui. Quero proteger minha sementinha desta história.

MARK: Mas você não dizia que era o Super-Homem?

CRIS: Amor, já se foram trinta anos, quem acredita em um Super-Homem depois dos quarenta?

MARK: É só saber administrar a dose do remédio, ou da droga.

CRIS: Pareço mais o Xavier com a queda de cabelo.

MARK: Você já foi ver o que é?

CRIS: Você ainda tem o remédio pra enjojo?

MARK: Acho que tem uma farmacinha aqui.

CRIS: Pode ser pra agora?

MARK: Por quê?

CRIS: Vai ser a sétima.

MARK: Abre a tampa!

CRIS: Não deu tempo!

MARK: Sétima vez! Seu fígado não era assim.

CRIS: Ter uma criança muda tudo sabia? E você também não broxava antes.

MARK: Você anda bem amargo mesmo.

CRIS: A solidão agora é mais forte, meus irmãos não existem mais.

MARK: Você tem uma sementinha agora.

CRIS: Meus irmãos de luta quase nunca chegam aos trinta e cinco;

MARK: Falando nisso, quem você disse que morreu mesmo?

CRIS: Quem? Alô. Ela morreu, já disse. Não entendi? Contratar seguro de vida?

Eu te retorno, vou ver com o pai primeiro se ele quer incluir o filho. Ok.

MARK: Esta mulher mesmo, desta ligação, quem é?

CRIS: Ah, era meu nome morto.

MARK: Como assim?

CRIS: Ué amor, meu nome antes da transição.

MARK: Mas você já não tinha alterado o registro?

CRIS: Ainda é uma fantasma.

MARK: Quer que eu te ajude? A gente pode entrar com processo.

CRIS: Não adianta, sempre ela vai aparecer. No consultório, no vestibular, no banco, na entrevista de emprego.

MARK: Me conta o seu antigo nome.

CRIS: Pra quê?

MARK: Pra dar entrada! E por que eu sou seu namorado?

CRIS: Desde quando?

MARK: Cris, então você não vai mesmo me deixar entrar na sua vida?

CRIS: Amor, você quer entrar na minha vida, ou de quem já morreu?

MARK: Fica com as suas memórias então.

CRIS: O remédio pra ansiedade me tirou todas.

MARK: Você ainda não conseguiu se livrar dele?

CRIS: Era pra ter sido ano passado, eu tinha diminuído a dose.

MARK: Por isso que a gente não se via mais.

CRIS: Não quero mais lidar com o antigo Cris.

MARK: Mas só existe um Cris.

CRIS: Já sentiu como se acordasse em um outro corpo, todo dia? Promete que se cuida?

MARK: Nenhuma droga daria conta.

CRIS: Não sabia que engravidar fosse assim.

MARK: Na boa, se todo homem engravidasse.

CRIS: Todo mundo seria livre. Pra dar à luz, sozinho. Sem DR.

MARK: Vou tentar de novo aqueles aplicativos que você falou. E o Tinder e o Happn e um monte de nomes que nem existem mais. E sempre cometia o mesmo erro, falar de você pras pessoas com quem eu marcava.

CRIS: Espero que você não fale de mim pras outras pessoas.

MARK: E tentar te reencontrar em outros lugares parecidos.

CRIS: Tava lendo Viagem Solitária. Mas você não entenderia o João.

MARK: Te reencontrar em outros corpos parecidos.

CRIS: Você disse uns quinze clichês sem mim. Vou sentir sua falta.

MARK: E uma última jogada.

CRIS: Até da ceia com a sua família, a primeira com o pacotinho.

MARK: Meti o pé na jaca. Não só o pé.

CRIS: Até ouvi da sua irmã um aspás seu amigo parece hétero.

MARK: Era num futebol com uns parças. Uma galera da torcida organizada. Até os amigos do meu pai estavam lá.

CRIS: E da sua mãe que me chamou de gatinho e ficou babando com a criança.

MARK: Qualquer coisa a gente tinha bebido demais.

CRIS: Hoje eu as vejo no meu espelho retrovisor.

MARK: Peraí sem beijo parça!

CRIS: Você sabe que sua mãe é a única que te entende.

MARK: O primeiro era o amigo do meu pai pela pequena área!

CRIS: Talvez a primeira pessoa da sua família.

MARK: Outro que foi pra cima! Dividida com ele e mais dois!

CRIS: Mas você não dá pinta.

MARK: E mais um posicionado! Parti com tudo! No primeiro e no segundo tempo!

CRIS: Mesmo com cinquenta anos, rostinho de quarenta e tesão de deixa pra lá.

MARK: E nos acréscimos! Entram os reservas!

CRIS: Nunca vão te chamar de viadinho no Natal.

MARK: Vai bater! E mais um! E mais outro! Até o goleiro!

CRIS: Tinha até um bolão de nomes, todos neutros é claro.

MARK: Broderagem Futebol Clube! Joguei pra galera! Peraí! Agora foi o dobro da dose. Bateu também a vodka, de uma vez só. Acho que tá tudo girando. Ou

não. A mão já não está no mesmo lugar, agora entendi. Pensei que ia tremer tudo. To ouvindo algo como uma luz branca, to vendo um barulho forte, to com a pele queimando de gelada, o vapor aqui passou rosa. Que música é essa? Porque meu corpo tá deitado? Que voz é essa? To ouvindo umas batidas. Ai água fria! Cris, caramba, conserta esse chuveiro seu mão-de-vaca! Ah não, ele não tá aqui. Ele saberia bem como lidar.

CRIS: Acho que bebi demais na ceia, misturei destilado, fermentado, um monte de coisa.

MARK: Overdose.

CRIS: O Super-Hétero usou Kryptonita Rosa demais.

MARK: De repente Sodoma parecia a Santa Sé. Ou o contrário.

CRIS: A cara dos parças quando me viram chegar, com um bebê no colo.

MARK: O único contato de emergência na minha carteira.

CRIS: Encontrei a rosa irresponsável na redoma de vidro, eu e o Pequeno Príncipe, ou a Pequena Princesa.

MARK: Todos sumiram. Só você ficou, e dormiu na cadeira dentro do quarto.

CRIS: Sem fazer barulho.

MARK: Super-Homem com o poder do superronco.

CRIS: Complicado ser homem, né minha filha?

MARK: Não quero que você me veja assim. Nem a cor do sangue, nem a cor do leite. Acho que tá tudo com uma cor bem estranha.

CRIS: Agora somos só dois contra o mundo.

MARK: A gente substituiu nossas famílias que não deram certo.

CRIS: Só uma mania eu não perdi.

MARK: Cortar o cotonete no meio?

CRIS: Bem no meio.

MARK: Por causa dos cavalos-marinhos. E quando você limpa o ouvidinho dele com mais cuidado.

CRIS: Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

MARK: Que brisa é essa?

CRIS: Amor, você definitivamente não vai morrer. Não com este anjinho da guarda.

MARK: Então vamo pro after?

CRIS: Amor?!

MARK: Oi ...?

CRIS: Você apagou?

MARK: Aqui?

CRIS: Você tava bem chapado!

MARK: Você também tava travado de bêbado.

CRIS: Tá melhor?

MARK: Que dia é hoje?

CRIS: Foi aniversário do nosso primeiro encontro. Um dia igual a qualquer outro.

MARK: A gente casou?

CRIS: Não.

MARK: A gente fez amor?

CRIS: A gente só virou e dormiu.

MARK: Já amanheceu?

CRIS: Tá quase.

MARK: Tá. Vou perder o after mesmo. Acho que o metrô abriu. Vou lavar o rosto.

A gente pode ir junto. Eu carrego ele pra você. Se você quiser.

CRIS: Vou pro outro lado. Vou de ônibus mesmo.

MARK: Tá.

CRIS: A gente se vê de novo quando?

MARK: A gente marca.

CRIS: Então tá! Amigos?

MARK: Amigos.

A alvorada derruba as paredes do banheiro. CRIS e MARK atravessaram a Grande Muralha da China. Encontram-se frente a frente. Abraçam-se e seguem a atravessar. CRIS atravessa com um bebê nos braços, MARK com o vazio.

FIM.

Sobre o autor: Wallace Dutra. Solo performer. Estuda Teatro Essencial com Denise Stoklos desde 2016. Sua primeira peça solo ("5.5") foi selecionada pelo Corredor Latinoamericano de Teatro em 2018. Estuda dramaturgia pela Fundação das Artes de São Caetano (FIC-FASCS), e pela Escola Livre de Teatro de Santo André, além de Mímica Total com Luis Louis. Escreve solo performances, planos de voo e cartas de amor platônico.

Contato: wallacedutra@disroot.org

O PATRIARCA
Willian de Maia Silva

PERSONAGENS:

PAI: JACÓ

MÃE: PANDORA

FILHA: MENINA

FILHO: AMNON

POLICIAIS FEMININAS

CENÁRIO:

Uma sala

Mesa

Uma bíblia aberta sobre a mesa

CENA 1 REFLEXOS-ECOS

A cena é iniciada com um homem adulto e um menino (O MENINO É O JACÓ). Ambos estão frente a frente e entre eles há uma moldura do tamanho do adulto. Essa moldura deve ter rodas em sua base de forma que ambos a possam manusear tanto em movimentos circulares quanto em toda e qualquer direção de acordo com o andamento das frases que serão faladas pelo adulto e o coro que repetirão as frases após o adulto, ecoarão cada uma delas (coro são atores que compõem a trama, não estarão visíveis)

HOMEM ADULTO – coro repete.

- Homem não chora.

- Mulher é fraca.
 - Mulher tem que servir.
 - O maior pecado de uma mulher foi comer.
 - Você não pode brincar de bonecas.
 - Para moleque, isso é coisa de mulherzinha.
 - Abaixa as calças moleque, cala a boca, se vira!
 - Se apanhar na rua apanha em casa.
 - Lá vem a menininha.
 - Pode olhar, se ela está usando saia curta é porque quer isso mesmo.
 - Quando a mulher diz não só está fazendo um charminho.
 - Lavar louça é coisa de mulher.
 - Limpar a casa é coisa de menina.
 - Engole esse choro Rapaz.
 - Você é um Pitbull ou uma Lassie?
 - Olha que gostosa!
 - Puxa o cabelo dela!
 - Mulher é burra.
 - Se liga, o mundo é homem e branco!
 - Homem é homem, Mulher é Mulher!
- (Silêncio)
- Você tem que ser um caçador!
 - Você tem que ser o provedor da casa.

- Você tem que dominar tudo!
- Você tem de proteger a mulher F-R-A-C-A-S-E-N-S-Í-V-E-L-C-H-O-R-O-N-A.
- Mulher é um investimento reprodutivo.
- Mulher não tem força.

Uma mulher deve falar: - “Não chore como mulher o que não pode defender como homem!”

Só o coro: E criou DEUS o homem à sua imagem e semelhança; a imagem de DEUS o criou. Homem e mulher os criou.

HOMEM E MULHER IGUAIS.

(Os dois saem)

CENA 2- Algemas internas.

(PANDORA entra na sala de frente para o público mostra a palma de suas mãos que tem “X” de vermelho desenhado.)

PANDORA: Meu pai meu DEUS eterno e soberano fizeti de mim uma mulher forte sábia corajosa. Até quando terei de suportar tudo isso que tenho passado. Confesso que me casei para sair da casa de meus pais. Já não aguentava mais ser espancada humilhada aliciada silenciada abusada ignorada tratada como empregada como ninguém merece ser tratada como objeto-escrava SENHOR *Pandora se ajoelha e coloca o rosto no chão. Está ao lado do sofá.*

PANDORA: Sempre acreditei numa nova vida no AMOR. Em ter alguém para formar uma família feliz de verdade ETERNO E SOBERANO DEUS criador de

todas as coisas misericordioso Deus que permitiu o meu nascimento conhece me desde o ventre da minha mãe desde os primórdios das civilizações e está permitindo que eu passe por tudo isso novamente, tenha misericórdia de mim Pois não aguento mais lutar tanto para manter meu casamento meu amor meus sonhos de ter uma família exemplar perfeita sempre desejei uma casa só para governar Filhos para cuidar e um bom marido pra Amar Uma casa sem uma mãe deixa de ser uma casa deixa de ser uma família não posso deixá-lo pois preciso dele para me manter nesse momento e sustentar meus filhos se eu deixá-lo ele me mata você sabe DEUS quantas vezes quis fazer isso mas você mesmo ouviu as ameaças de morte Eu preciso manter e lutar pelo futuro dos meus filhos Me ajude senhor a protegê-los

Eu acredito na mudança dele... Acredito no amor eu o amo eu o amo não consigo viver sem Ele o que seria de mim sozinha com meus filhos... De ordem aos anjos para nos protegerem de todo mal, amém, amém, amém...

CENA 3

(MENINA entra na sala)

MENINA: - Mãe? Mãe? Que isso?

(Pandora levanta)

PANDORA:- Que isso o que? Eu, eu....eu.....estava limpando o sofá, aproveitando para ver se achava meu brinco.

MENINA: - Ah, vim aqui porque ouvi uns gemidos, pensei ter ouvido também alguém chorando.

PANDORA: - Deve ser alguém na rua. *(Pandora caminha até a janela)*

MENINA: - Na rua? Neste momento não se vê ninguém na rua.

PANDORA: -Vamos menina para de conversinha e me ajude a arrumar a mesa para o jantar, seu pai deve estar chegando. Você sabe que ele não gosta de esperar, como chega tão cansado, exausto.

MENINA: “- Papai está quase chegando?”

PANDORA: Sim, hoje vem mais cedo!

MENINA: Ah, que bênção. Sensacional o papai vai chegar, vamos poder passar mais tempo com ele.

PANDORA: Precisamos ver se ele vai ter tempo pra vocês.

MENINA: Eu vou chamar Amnon, vou falar pra ele.

MENINA: “Amnon, Amnon, o pai vai chegar mais cedo hoje...!”

PANDORA: Vai filha, mamãe tá terminando a janta.

(AMBAS SAEM)

CENA 4

(Jacó abre a porta da sala. Tira a máscara)

JACÓ: “Pandora, Amnon, menina??”

(Jacó tira os sapatos, tira um frasco de álcool do bolso e passa nas mãos)

JACÓ: “Pandora, menina do papai, cheguei, cadê a menina do papai?”

(pandora entra apressadamente na sala)

PANDORA: “Oi, tudo bem? mais...lá vem você com esse cheiro de novo, amor, de novo! Não estou preparada pra isso outra vez não.

(a menina entra correndo e vai ao encontro do pai)

MENINA: “Oi pai, oi pai... (abraça o pai)

PANDORA: “Você chegou mais cedo hoje, estou terminando o jantar.”

(pandora senta no sofá)

PANDORA: Estou tão cansada hoje...Que cheiro é esse?

JACÓ: “Cansada?... Oi minha menina, cadê seu irmão?”

JACÓ: Amnon, cheguei, vem me dar a benção.

MENINA: - Benção pai.

JACÓ: Menina primeiro é seu irmão esqueceu? Deus te abençoe minha menina.

JACÓ: “Cansada?” Cansada do que?

PANDORA: Sim, cansada...Que cheiro é esse?

JACÓ: Pandora, todo dia você está cansada, cheiro, tá doida é?

PANDORA: Sim, cheiro diferente! Sim senhor, cansada, cansada de todos os dias faxinar esta casa, trabalho mais em casa do que quando trabalhava fora.

MENINA: Também estou cansada pai e o Amnon não ajuda.

JACÓ: Como cansadas, todos os dias vocês ficam em casa enquanto eu trabalho. Menina seu irmão precisa estudar.

PANDORA: Menina tem que estudar também.

JACÓ: Claro amor, mas ela pode esperar.

PANDORA: Jacó, serviço de casa é muito...

JACÓ: Lá vem você de novo, a mesma conversa.

PANDORA: Estressante, exaustivo.

JACÓ: Hum, olha... trouxe essas coisas do mercado, precisa lavá-las e tirar as embalagens da rua.

(Amnon entra na sala com uma boneca nas mãos).

AMNON: Bença pai.

JACÓ: Cadê seus carrinhos? Esse brinquedo é da sua irmã. E é de menina!

AMNON: Eu sei pai, mas ninguém tá vendo.

PANDORA: Deixa o menino brincar, ele só está brincando, vai...

JACÓ: Minha caixinha de Pandora, não estou ouvindo isso de você. É assim que começa, daqui a pouco vai estar querendo usar as roupas, batom de vocês.

MENINA: Pai, vamos brincar hoje?

JACÓ: Vamos sim menina, só espera que eu preciso buscar uma coisa.

PANDORA: Vai sair?

JACÓ: Sim, vou na casa de um irmão.

PANDORA: Sabe Jacó, fico aqui contando as horas pra você chegar...aí você mal chega e já vai sair.

JACÓ: É rápido, fica contando as horas pra eu chegar?

PANDORA: Sim, Preciso tanto de você, você acha que é fácil passar o dia aqui trancafiada.

MENINA: Pai, que caixa é essa?

JACÓ: Ah essa caixinha é pra sua mãe. Gostou? é pra mamãe.

MENINA: Que legal, muito bonita, pai e pra mim?

JACÓ: Ah, Filha... pra você trouxe esse chocolate.

MENINA: Obrigada pai, amo chocolate.

PANDORA: Uma caixinha pra mim? hum...

JACÓ: Sim, mas só abra mais tarde!

PANDORA: Sabe Jacó, com uma casa desse tamanho pra limpar, com tanta coisa pra fazer fico pensando que dia que você vai cumprir aquela sua promessa quando casamos.

JACÓ: Promessa? Qual?

PANDORA: De que teríamos...

JACÓ: Teríamos... quer ter mais o que? Uma casona dessa, comida, mordomia...

PANDORA: Me prometeu uma empregada, e vou mais além pra te recordar estou esperando a matrícula que ficou de fazer, um dos meus sonhos é escrever uma carta.

JACÓ: Nossa você não esqueceu isso ainda, já poderíamos ter empregada, você já poderia ter escrito umas mil cartas, mas você precisa aprender umas coisas né pandora, sabe bem disso.

PANDORA: Apren...

JACÓ: Você precisa aprender que não tem necessidade de ter uma empregada muito menos se desgastar e perder tempo estudando, quantas vezes já

conversamos sobre isso, já tem o suficiente para se preocupar aqui que é ensinar a menina a dar conta das coisas, ser uma boa menina, obediente, prestativa, cuidar muito bem da saúde dela, ela deve escutar mais e falar menos, para que quando chegar a hora dela ela esteja pronta. Para terem uma empregada aqui vocês precisam estar muito práticas com a rotina de casa pra ensinar ela a fazer tudo que é necessário aqui e também saberem o tempo que se gasta para fazer a limpeza aqui e bem feita, para não pagarmos ninguém para ficar parado aqui, e outra nem pensar nisso agora que eles estão estudando em casa.

PANDORA: Dar conta das coisas aqui? Você acha mesmo que não há necessidade, mas vejo tantas mulheres conseguindo bons empregos ajudando no orçamento de casa.

JACÓ: Elas precisam, são solteiras, divorciadas, sem família para as apoiar.

JACÓ anda pela sala olhando tudo ao redor e passa as mãos pelos móveis por onde passa. Dá um tapa no móvel.

PANDORA: Não consegui fazer praticamente nada hoje porque tive que acompanhar a aula online das crianças que estão cansadas e exaustas. De tanto ficarem frente ao computador.

JACÓ: Tem umas sacolas lá fora para serem higienizadas.

Pandora: Você não pode fazer isso?

JACÓ: Não posso, preciso buscar um notebook na casa de um irmão ali, e você já tá com a mão na massa.

PANDORA: Tudo bem, a funcionária aqui faz. Estou terminando o jantar aqui. Você não demora muito por favor; as crianças estão com fome. Talvez você pudesse ir depois e me....

JACÓ: Ajudasse, para, para, a menina te ajuda, você tá de brincadeira comigo.

PANDORA: Talvez Amnom pudesse ajudar de vez em quando.

JACÓ: Nem pense nisso, não podemos perder tempo querendo ensinar o Amnom a fazer serviços de mulher. A menina te ajuda.

MENINA: Tudo bem mãe eu te ajudo, pai você volta logo?

JACÓ; Sim filha.

JACÓ PÕE MÁSCARA E SAI.

CENA 5

PANDORA E A MENINA ESTÃO COLOCANDO PRATOS, TALHERES SOBRE A MESA, JACÓ ENTRA, ELE TEM NAS MÃOS UM notebook.

PANDORA: Muito obrigada por não demorar, o que é isso?

JACÓ: Um notebook, depois te explico. Vamos jantar, tá tudo pronto?

PANDORA: Menina, vai chamar seu irmão,,, E esse presente aqui é de comer também, é doce? Chocolates?

JACÓ: Surpresa! É sua sobremesa! Você vai amar. Vai usar hoje mesmo.

PANDORA: Sobremesa? Usar?

PANDORA: Nossa faz, tempo que não recebo presentes, ainda mais pra usar, ultimamente o que ganho são utensílios de casa!!!

JACÓ: Dessa vez é pra você mesmo.

JACÓ: Fica quieta, eles estão vindo.

PANDORA: Já posso abrir?

JACÓ: Não, agora não. As crianças estão vindo.

Menina chega e senta na mesa.

JACÓ: Cadê seu irmão?

MENINA: Está vindo, estávamos brincando.

Amnom entra com uma boneca nas mãos.

JACÓ: O que é isso moleque, tá brincando de bonequinha de novo, agora vai mesmo viu? Onde estão seus carrinhos, vai guardar isso!

PANDORA: Vamos jantar pessoal. Deixa o menino, ele só estava brincando com a irmã dele.

AMNON: Pai, estava brincando com a menina e não tem ninguém vendo, estamos em casa.

JACÓ: Já conversamos sobre isso! Faz meu prato amor.

PANDORA: Faço sim, estou terminando os dos meninos.

Jacó pega o refrigerante enche o copo dele primeiro e depois de Amnom, em seguida de pandora e da menina, com cuidado para que sobre pra ele no copo delas ele põe menos.

JACÓ: Você deve fazer o meu prato primeiro né verdade?

PANDORA: Você tem toda razão meu amor, eles estão com tanta fome que acabei me atrapalhando, desculpa.

JACÓ: Hoje desculpo. Tá vendo depois quer ter empregada, quer estudar, quer trabalhar de novo sendo que não consegue se lembrar do básico!

Pandora põe o prato de Jacó sobre a mesa depois o das crianças. As crianças pegam os talheres.

JACÓ: Opa, opa, esperem um pouco, não estão esquecendo de nada não?

MENINA: É verdade PAI. Estamos esquecendo de agradecer pelo alimento.

JACÓ: Muito bem!

MENINA: Senhor...

AMNOM: Não, sou eu né menina, espera.

MENINA: PAI? Lembrei primeiro!

JACÓ: Sim filha, você é inteligente demais. Mas é seu irmão que deve fazer isso. Vai Amnom.

MENINA: Mas pai...não entendo porque sempre faz isso comigo. Você nunca me fala por quê.

JACÓ: Vou te explicar uma coisa: “Filhos, obedçam aos seus pais; esta é a atitude correta que vocês devem tomar,” então menina mantenha silêncio... Mantenha a boca fechada, por favor!

MENINA: Tudo bem, manter a boca fechada não é tão difícil pra quem já é muda. Preferia falar do que ser muda.

JACÓ: O que disse? Obedecer aos pais é o único mandamento que vem com promessa lembra que segundo ele seus dias serão prolongados nessa terra.

PANDORA: Chega, gente, ela não disse nada, vai Amnom, antes que esfrie a janta.

JACÓ: O que deu em vocês hoje? Estão muito desorientados hoje hein. O espírito da rebeldia está aqui hoje? Eu amo, cuido, sustento vocês aqui e é assim que vocês retribuem? É assim que são gratos ao provedor da casa?

JACÓ: Vai filho.

AMNOM FAZ ORAÇÃO DE AGRADECIMENTO.

CENA 6

JACÓ: A partir de amanhã começo a trabalhar em casa. Decidiram que deveríamos trabalhar em casa para cortar gastos.

PANDORA: Sério, que bom, é amanhã já? Pensei que eles avisaram uma semana antes.

JACÓ: Sim.

MENINA: Você vai ficar agora todo dia em casa pai? Não vai sair mais pra trabalhar?

AMNOM: Eba vamos brincar muito. É, é, vamos trabalhar com você agora pai.

MENINA: Vamos nos divertir bastante.

JACÓ SORRI, EM SEGUIDA HÁ UM SILÊNCIO, PANDORA OLHA POR UNS INSTANTES PARA JACÓ.

PANDORA: Você vai trabalhar em casa mesmo? Por um lado, é muito bom, pelo menos não vai mais chegar em casa com cheiros diferentes ou manchas pelas roupas. Então estive pensando; posso te pedir algo?

JACÓ: Depende. Quer me pedir o que?

PANDORA: Como a partir de amanhã vai estar em casa, poderia me ajudar mais em casa com as crianças né?

JACÓ: Não é bem assim, precisamos ver como vai ficar esse trabalho em casa. Não é porque estarei em casa que estarei livre, não se esqueça.

PANDORA: Sim, com certeza, sei disso, mas só o fato de estar aqui já é bom demais, poderei descansar.

JACÓ: Bom, mas a rotina de vocês continuará a mesma, não fantasiem família.

PANDORA: Mas...

AMNOM: Com licença, vou sair da mesa já terminei.

MENINA: Eu também.

JACÓ: Tudo bem, podem sair.

AS CRIANÇAS SAEM.

PANDORA SE LEVANTA E TIRA O JANTAR, JACÓ SE SENTA NO SOFÁ.

CENA 7

JACÓ: Pronto já pode abrir e amar sua surpresa.

PANDORA: Será que abro mesmo?

JACÓ: Toma, todo seu.

PANDORA ABRE CAIXA OLHA SEU CONTEÚDO... SILÊNCIO POR UNS INSTANTES.

PANDORA: O que é isso? Onde você tirou essa ideia maluca de que eu vou usar isso. Você sabe que não uso isso. Como você fica insistindo nisso?

JACÓ: Estava passando em frente a uma loja, vi e gostei, vai ficar muito bom em você.

PANDORA: Saiba JACÓ que hoje não estou muito bem.

JACÓ: Vem cá minha caixa de pandora, senta aqui. Não gostou da minha surpresa? Paguei uma fortuna por isso.

PANDORA: Fortuna, nisso? Não é isso, só não estou bem hoje pra isso. Gostei, mas não pra hoje.

JACÓ: Mas tem que usar hoje, de hoje não passa. Em aqui mais perto, venenosa que cheiro é esse, não tomou banho?

Pandora: Até tentei, mas não consegui. Você também está com aquele cheiro de novo. Não preciso nem entrar em detalhes né. Você me chateia sabia.

JACÓ: Esse cheiro que estou são dos desinfetantes que trouxe do mercado, agora esse seu aí tá complicado né, mau cheiro. Abre a boca. Tem que manter a limpeza da casa e mantê-la limpa e adornada,

PANDORA: Não sou animal pra ficar abrindo a boca pra você me examinar, que aí forte e diferente esse seu cheiro né, já não me estranha esse cheiro de perfume.

JACÓ: Abre logo, nossa que mau cheiro hein! Com certeza nem os dentes estão escovados hoje. O querida gosto tanto quando mantém se como deveria.

PANDORA: Fica aqui no meu lugar, quero ver se consegue fazer a metade do que eu faço!

JACÓ: Bom sobe, vai tomar um banho, com certeza vai melhorar, vai ficar cheirosa, mais disposta. E espera lá em cima que já vou.

PANDORA SE LEVANTA E SAI.

JACÓ: MENINA, MENINA...

MENINA: Oi, pai.

JACÓ: Sua mãe não está muito bem, amanhã trabalho em casa e não quero começar o dia na pia, vai lavar a louça do jantar.

MENINA: Tá bom pai. Amnom pode me ajudar?

JACÓ: Não filha, faz você que já está acostumada, ele não sabe fazer isso e precisa acordar cedo amanhã pra estudar.

A MENINA VAI PRA COZINHA.

CENA 8

JACÓ ENTRA NO QUARTO, A PANDORA ESTÁ DEITADA E COBERTA.

JACÓ: Pandora, está melhor?

PANDORA: Não. *JACÓ PUXA O COBERTOR.*

JACÓ: Levanta, levanta. Tá cheirosa, agora sim. Cadê, serviu a lingerie?

PANDORA: Não vou usar isso, muito menos hoje.

JACÓ: Como não, você está com algum problema? Vai usar sim. Levanta, você é minha mulher e vai usar sim. E lhe recordando “Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração”
CORO:” Isto digo como concessão, não como ordem.”

PANDORA: Não vou e não estou a fim, tô mal, você não entende! Da última vez você me machucou com sua pressa!

JACÓ A PUXA PELOS PULSOS.

PANDORA: Para, amor, para.

JACÓ A PUXA MAIS BRUSCAMENTE ESTENDE SUAS MÃOS ATÉ OS CABELOS DE PANDORA E PUXA-A PELOS CABELOS, DEITA AO LADO DE PANDORA.

JACÓ: Tá de brincadeira comigo? Vai, levanta e coloca já o meu presente!

PANDORA: Para você está me machucando.

JACÓ: Não, você está querendo me desobedecer hoje tá de brincadeira. Escuta aqui você não vai dormir hoje e me deixar assim. Quer me deixar nervoso, olha suas irmãs já voltaram para a casa de seus pais e não cabe mais ninguém lá você tá ciente disso né?

PANDORA: Me solta, solta, está me machucando, as crianças podem entrar aqui a qualquer momento e verem isso, me solta, você vai assustar elas.

JACÓ: vai ficar fazendo charme agora, presta atenção, você pertence a mim. Seu corpo me pertence.

PANDORA: M-E S-O-L-T-A está me S-U-F-O-C-A-N-D-O.

JACÓ: Fala baixo, cala a boca! Te amo, te quero dormir então! SUA DESGRAÇADA!

JACÓ A JOGA NA CAMA BRUSCAMENTE E SAI.

CENA 9

JACÓ ENTRA NA COZINHA A MENINA ESTÁ LAVANDO A LOUÇA.

JACÓ: Menina não acabou ainda?

MENINA: Não pai. Ainda não.

JACÓ: Seu irmão já está dormindo?

MENINA: Já.

JACÓ ANDA PELA COZINHA TOMA UM COPO COM ÁGUA, PARA POR UNS INSTANTES E OBSERVA A FILHA, PEGA UM PANO DE PRATO.

JACÓ: Vou te ajudar secando a louça, você está quase acabando.

JACÓ CHEGA PERTO DA MENINA E COM O PANO DE PRATO NAS MÃOS ENCOSTA NA MENINA QUE ESTÁ DE COSTAS PARA ELE E A ABRAÇA POR UNS INSTANTES.

JACÓ: Menina saiba que o pai te ama né, sabe que você é minha princesa. Falta só um pouco de louça, vamos dormir porque essa bateção de panela aqui me tira o sono, amanhã de manhã você termina. Tudo bem? É que hoje sua mãe já me tirou do sério e me deixou muito nervoso e com essa bateção de panela vai me irritar mais você gosta que eu brigue com ela?

MENINA: Não! Nossa nem vamos brincar mais hoje pelo que percebi.

JACÓ: Não, mas o pai te ama, a gente pode ver um filme ou jogar algum jogo que não faça barulho já que sua mãe está cansada, o que acha? Sabe filha sempre vou cuidar de você, te proteger e sustentar, te presentear com o que você quiser, não esquece tá bom.

MENINA: Vou chamar o Amnom.

JACÓ: Não, deixa ele dormir.

MENINA: Ele vai ficar chateado se não chamarmos ele.

JACÓ: Pode deixar amanhã converso com ele, ou melhor nem precisamos contar pra ele. Vamos ver um filme então. Até dormirmos.

JACÓ: Vamos, amanhã você termina, está cansada também, vai indo que vou preparar um suco pra gente.

OS DOIS SAEM DE CENA.

CENA 10

PANDORA ENTRA, JACÓ ESTÁ NA MESA EM FRENTE AO COMPUTADOR.

PANDORA: Bom dia, amor, tudo bem? Olha me perdoe por ontem, não estava muito bem, não pensei bem, hoje faço o que você quer, você tem razão no que me falou ontem.

JACÓ: Sem problema, dei um jeito ontem. Fiquei mais tranquilo fui assistir um filme. Já preparei o café, está na mesa da cozinha.

MENINA ENTRA, PASSA POR ELES, APRESSADAMENTE.

JACÓ: Bom dia, filha, dormiu bem, minha princesa?

SILÊNCIO...

PANDORA: Bom dia menina. Onde vai com tanta pressa.

A PORTA DO BANHEIRO É FECHADA.

PANDORA: Que foi isso?

JACÓ: Deve estar apertada. Mal acordou.

PANDORA: É, pode ser. Vou dar uma olhada.

JACÓ: Deixa ela, está tudo bem, com certeza deve só ter acordado com mal estar. Não se preocupe.

PANDORA VAI ATÉ A PORTA DO BANHEIRO.

PANDORA: Menina? MENINA?

MENINA: Oi mãe.

PANDORA: Está tudo bem?

MENINA: Sim, mãe tudo bem sim, estou tomando banho, acordei com uma sensação de estar suja.

PANDORA: HUM, HUM, Abre a porta, preciso usar o banheiro.

A MENINA ABRE A PORTA. PANDORA ENTRA.

PANDORA: Você estava chorando?

MENINA: Fala baixo mãe. Não quero que ouçam, vão dizer que estou fantasiando as coisas, que estou louca, com raiva, não acreditam no que falo.

PANDORA: Pode falar comigo minha filha, Eu e seu pai a ouvimos, estamos aqui para te proteger, guardar e orientar.

MENINA: E silenciar, ignorar, calar.

PANDORA: Como assim?

MENINA: Mãe você não pode me ajudar, eu quero sair dessa casa!

PANDORA: Sair de casa, como assim?

MENINA: Não sair de casa sabe, não quero mais morar com o pai.

PANDORA: O que você está me dizendo, filha, é isso mesmo? Não estou entendendo, aconteceu alguma coisa? Você ama tanto seu pai e vem com essa conversa agora.

MENINA: Sim, isso mesmo. Já basta o que você suporta aqui.

PANDORA: Como assim, já basta o que suporto aqui.

MENINA: Mãe você acha que não sabemos o quanto tem sido maltratada pelo pai, o quanto tem suportado para nos manter, o quanto tem apanhado dele, nós sabemos o quanto é ignorada e luta para manter essa família unida, junta, mas o que não entendo é por quê, para quê, realmente vale a pena, tudo isso por aparências, para não expor o pai e por medo de recomeçar tudo De novo?

Pandora senta no chão.

Pandora: Filha minha, filha minha estou casada a muito tempo com seu pai e ele tem melhorado, neste momento só está passando por um momento muito mal, não está acostumado a ficar em casa sem poder sair, ele tem uns pequenos distúrbios, mas vamos ver o lado bom dele como pai, e também o que já construímos juntos. Não posso largar tudo, deixar tudo para ele.

MENINA: Mãe você não está entendendo, não estou sugerindo de você largar tudo.

PANDORA: Está sim menina.

MENINA: Estou falando que você deve dar um basta nisso, chega de ficar perdoando ele, acreditando nos falsos arrependimentos dele, vamos denunciá-lo!

PANDORA: Você ficou louca? Tá doida menina. O que vão falar da gente, olha a vergonha que vamos passar, olha a humilhação de enfrentaremos sendo o comentário do momento! Nada disso! Espera, espera você está desviando da minha pergunta, filha aconteceu alguma coisa?

JACÓ VAI ATÉ A PORTA E TENTA OUVIR A CONVERSA...BATE NA PORTA.

JACÓ: Tudo bem aí gente?

SILÊNCIO... JACÓ CAMINHA DE UM LADO PARA OUTRO, VAI ATÉ A COZINHA BEBE ÁGUA E VOLTA. BATE NA PORTA.

JACÓ: Tá tudo bem aí?

PANDORA: Está sim, amor. Já estou saindo.

JACÓ: Abre essa porcaria agora.

PANDORA: Filha aconteceu alguma coisa, me fala. Está tudo bem mesmo.

JACÓ ESMURRA A PORTA PANDORA E A MENINA SAEM. JACÓ OLHA FIXAMENTE PARA PANDORA E MENINA POR ALGUNS INSTANTES. ELAS VÊM A FRENTE DO PÚBLICO ERGUEM OS BRAÇOS COM AS MÃOS FECHADAS E LENTAMENTE AS ABREM

PANDORA: O que é isso?

JACÓ: A conta de luz está cara demais ELAS VÊM pra ficarem tanto tempo debaixo do chuveiro.

PANDORA: Essa é mesmo sua preocupação mesmo ou tem alguma outra coisa, por que não vejo a necessidade de fazer esse alvoroço todo por isso, precisa quase arrebentar a porta por isso?

AMNOM ENTRA CORRENDO.

AMNOM: Que foi isso?

JACÓ: Não foi nada filho, tropecei e caí na porta do banheiro.

JACÓ OLHA PRA PANDORA.

AMNOM: Se machucou pai?

PANDORA: NÃO, seu pai não se machucou não, ele nunca se machuca!

JACÓ: Não meu filho, sou forte, não me machuco.

A MENINA SAI E VAI PARA A COZINHA COM A PANDORA.

PANDORA: Toma filha, guarda isso com você.

PANDORA ENTREGA UMA FACA PARA A FILHA.

MENINA: Mãe! Pra que vou guardar isso comigo....

PANDORA: Filha, só guarda tá bom...Vamos à farmácia comigo, tudo bem? Na volta passaremos a roupa para não acumular tudo bem

CENA 11

JACÓ: Vem filho vou te mostrar o meu trabalho.

JACÓ E AMNOM VÃO PARA A SALA.

AMNOM: Menina, vem, vamos ver o trabalho do pai. vem menina, vem...

JACÓ: Deixa ela filho, ela não vai aprender mesmo, ela aprende mais com sua mãe, são bem hábeis na cozinha. Sabe filho aprenda uma coisa não se case com uma mulher que não sabe cozinhar, que queiram mandar, controlar tudo que você faz em casa, nas decisões, querem falar mais alto que você, entendeu. Essas mulheres de hoje e das próximas gerações não querem mais ser submissas, precisam de tratamento tem que trazer elas na rédea. O sonho do oprimido é oprimir.

AMNOM: Entendi, vamos jogar futebol hoje?

JACÓ: Hoje não filho, como? os campos, campinhos estão todos fechados.

JACÓ E AMNOM SENTAM-SE NA MESA FRENTE AO COMPUTADOR.

CENA 12

PANDORA E A MENINA ENTRAM NA SALA.

JACÓ: Onde vocês vão?

PANDORA: Vamos à farmácia.

JACÓ: Nada disso, farmácia sem necessidade, o que precisava já comprei ontem, você mesmo me escreveu tá por aqui sua lista.

PANDORA: Sabe amor, precisamos comprar uma coisa que você não vai saber escolher por nós. Já voltamos.

JACÓ: Nada disso, vocês não vão sair, anotem o que precisam que eu mesmo vou comprar, estou aqui pra isso né mesmo? Está muito perigoso e arriscado

para saírem, como já estou saindo todo esse período que estamos passando é melhor só eu me expor mesmo, né família, como posso confiar que vão tomar os cuidados orientados.

PANDORA: Mas amor é aqui pertinho, e além do mais queremos e precisamos dar uma volta, respirar o ar da rua um pouco.

JACÓ LEVANTA.

JACÓ: Não, não, não! não vão sair e ponto final. Que saco de insistência.

PANDORA E MENINA ANDAM EM DIREÇÃO A PORTA.

PANDORA: Nós já voltamos, tudo bem, não vejo necessidade de tanto medo, desespero, cadê sua grande Fé homem de DEUS? Grande patriarca! Ou está com medo de outra coisa?

JACÓ: Vocês não vão e ponto final. Não é medo muito menos desespero, eu mando aqui e vocês são incapazes de fazer algo sozinhas.

JACÓ FECHA A PORTA COM A CHAVE E A GUARDA CONSIGO. PANDORA E A MENINA LEVANTAM OS BRAÇOS COM AS MÃOS FECHADAS E VAGAROSAMENTE AS ABREM E AS DEIXAM ABERTAS POR UNS INSTANTES E NELAS HÁ UM X DESENHADO DE VERMELHO.

PANDORA VOLTA COM A MENINA QUE SAEM EM SEGUIDA. PANDORA VOLTA COM UMA TÁBUA DE PASSAR ROUPA, SAI NOVAMENTE E TRÁS UM PUNHADO DE ROUPA E A PÕE PRÓXIMO A JACÓ, COBRE A TÁBUA COM UMA TOALHA E COLOCA UMA FACA ENTRE AS ROUPAS.

JACÓ: Vocês precisam se acostumar com a nova rotina que teremos aqui, precisam aceitar a realidade, eu sou o provedor aqui, a autoridade, o homem, estou trabalhando dando o duro aqui pra manter o sustento de todos vocês, fui treinado e educado para esse momento o mínimo que vocês podem fazer é aceitar as regras aqui que vai ficar tudo bem, entendeu? Não sei e nem tenho idade para mudar isso.

PANDORA: Estou cansada, não mereço essa situação, quero o divórcio!! Todo dia a mesma coisa e para completar não podemos sair, até quando, traição, perdão constantemente, pressão, ameaças, todo o dinheiro que recebi do meu trabalho suado entreguei nas suas mãos e não vi nem o cheiro, aliás sem ele estaríamos passando fome, porque o machão não consegue sustentar essa casa de verdade...

JACÓ (interrompendo): Cala a boca! Divórcio, surtou de vez, você não pode!!!

PANDORA: Vive cantando de galo e vivendo de aparências!

JACÓ: Você está me tirando do sério, melhor manter a boca calada!

PANDORA: Cansei de me calar e suportar tudo isso, em troca do que, vida sofrida, nosso casamento foi uma grande farsa, você mentiu para meu pai dizendo que quando chegássemos em São Paulo já teríamos uma casa montada fui obrigada a dormir no chão aqui nesse chão, me matei de trabalhar para termos tudo isso hoje e mal posso usufruir de nada sem a sua permissão, confiei em você, tudo no seu nome e agora se quiser sair, sairei de mãos vazias!

AMNOM: Mãe, calma mãe, não mãe....

JACÓ: Pandora, se controla, essa não é a melhor forma de resolver isso...solta isso e vamos conversar!

PANDORA: Cansei de suas conversas, falsas promessas, perdão atrás de perdão, agressões, chega, chega, chega, já não basta o que faz comigo, agora com a própria filha? Seu animal irracional criado pelo sistema, pela ignorância, pelo capitalismo, orgulho e vaidade!

JACÓ: Solta, solta isso, querida pensa bem, vai fazer o que sozinha, na cadeia, ou caixão? você não pode comigo, eu te amo meu amor, não me force a...

PANDORA: A me agredir novamente...chantagear...agora já é tarde, estou decidida

AMNOM: Menina, menina, menina sem nome, meninas sem nome, mulheres sem nome, mas que foram, são e sempre serão lembradas pela coragem, pela ousadia, pelas lutas, resistências, batalhas vencidas, contadas e enfrentadas só ainda existem opressores por que há ainda os que se deixam oprimir, onde vocês estão? Onde vocês estão, levantem-se, reajam, reajam ...??? Solta mãe, solta isso. Larga ela pai!

JACÓ A SOLTA E SAI RAPIDAMENTE, VOLTA COM FRASCO DE ÁLCOOL E FURIOSAMENTE DESPEJA SOBRE PANDORA QUE ESTÁ NO CHÃO, A ARRASTA ATÉ A COZINHA...

PANDORA: (Para JACÓ) maldito, me solta, me solta,

AMNOM: Solta ela, solta ela, para pai!!!

AMNOM PROCURA POR ALGO PARA ACERTAR O PAI, MENINA ENTRA CORRENDO, EM SEGUIDA ENTRAM POLICIAIS FEMININAS.

MENINA: Mãe, mãeeee...

JACÓ: O que vocês querem na minha casa? Saiam da minha casa, eu não chamei vocês aqui, prendam essa mulher, leva ela daqui antes que eu perca a cabeça, ela surtou, descontrolada! O confinamento a enlouqueceu!

POLICIAIS: Fica quietinho aí, o senhor está preso! cala a boca!

JACÓ: Ela tenta me matar e vocês entram na minha casa me algemam ainda!

JACÓ COMEÇA A CHORAR.

JACÓ: Me perdoa meu amor, me perdoa, me perdoa filho, me perdoa menina, eu estou arrependido, por favor, eu prometo que vou tratar vocês melhor, cuidar mais, amar mais.

PANDORA: Quem se arrepende não comete o mesmo erro de novo!

MENINA: Sim meu pai, te perdoo, mas perdoar não é acobertar.!

PANDORA: Perdoar não é encobertar!

AMNOM: Perdoar não é se calar!

TODOS: NÃO SE CALEM, DENUNCIEM, LIBERTEM-SE...

Sobre o autor: Willian Maia. Iniciou teatro amador em 2018. Ator amador, estuda e é amante da arte, escrita, literatura e interpreta a vida através de seus personagens e histórias. Atualmente à frente do Grupo de teatro "Gerando vidas". cursando dramaturgia pela Fundação das Artes de São Caetano (FIC-FASCS) e Gestão Cultural pela Secretaria Municipal da Ação Cultural e Turismo de Caieiras.

Contato: wmaia15@gmail.com





Mostra FIC de Processos e Experimentos

Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO 2021

INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA OS CURSOS DE
ARTES VISUAIS, DANÇA,
MÚSICA E TEATRO

TURMAS 2021, 2º semestre
Até 26 de junho
www.fascs.com.br/inscricoes

Prefeitura de São Caetano do Sul Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Diretora Geral: Ana Paula Demambro
Conselho de Curadores – Presidente:
João Manoel da Costa Neto
Diretora Pedagógica: Suzete Moreno

Pronatec

Equipe acadêmico-administrativa

Coordenador Geral: Reinaldo Monteiro
Coordenador Adjunto: Sérgio de Azevedo
Supervisão Administrativa: Adriano Faria
Supervisão Pedagógica: José Adriano
Albuquerque e Robson Ferraz.
Apoio acadêmico-administrativo: Carolina Lionel,
Daniele Máximo, Elô Gelfuso, Gustavo Cano e
Marcelli Massei

Equipe docente

Agente cultural/Produção cultural
(Assistente de produção cultural): Alberto Magno,
Carlos Doles, George Vilches e Maria Emília Gomes
Cenografia (Auxiliar de Cenotecnia): Livia Loureiro
e Paula Venâncio
Dramaturgia (Assistente de Dramaturgia): Diego Cardoso,
Diogo Noventa e Ligia Souza Oliveira
Figurino (Figurinista): Fatima Lima, Valéria Feldman
Jogos, lazer e entretenimento (Recreador Cultural): Flávia
Bertinelli, George Vilches e Rita Cavassana
Maquiagem (Maquiador): George Vilches e Vitor Flausino
Práticas de Dança (Assistente de coreografia): Maria Emília
Gomes, Rita Cavassana e Julia Mauro

Acesso

Todas as atividades são gratuitas.
As atividades serão realizadas de forma remota, por meio
de recursos telemáticos e audiovisuais. Acesse o site e as
redes sociais para acompanhar a programação.

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC



Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO2021

Informações
(11) 4239-2020
www.fascs.com.br
facebook.com/fascs
youtube.com/ficfascs



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

